



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**

IRLANILDES MARIA FIGUEIRA DA SILVA

**O LAZER NO INTERIOR DA AMAZÔNIA: UM ESTUDO COM MULHERES
QUE COORDENAM ESPAÇOS PÚBLICOS NA COMUNIDADE DE
ARAPIXUNA/STM/PA**

**SANTARÉM – PA
2021**

IRLANILDES MARIA FIGUEIRA DA SILVA

**O LAZER NO INTERIOR DA AMAZÔNIA: UM ESTUDO COM MULHERES
QUE COORDENAM ESPAÇOS PÚBLICOS NA COMUNIDADE DE
ARAPIXUNA/STM/PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade para obtenção de título de Mestre em Ciências da Sociedade. Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Linha de Pesquisa: Sociedades amazônicas, sistemas culturais e sociabilidades.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Ferreira Coelho Galvão

**SANTARÉM – PA
2021**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S586l Silva, Irlanildes Maria Figueira da
O lazer no interior da Amazônia: um estudo com mulheres que coordenam espaços públicos na comunidade de Arapixuna/STM/PA./ Irlanildes Maria Figueira da Silva. – Santarém, 2021.
128 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Edna Ferreira Coelho Galvão
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade.

1. Lazer. 2. Comunidade de Arapixuna. 3. Mulheres coordenadoras. I. Galvão, Edna Ferreira Coelho, orient. II. Título.

CDD: 23 ed. 308.481 2

Bibliotecária - Documentalista: Renata Ferreira – CRB/2 1440



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ao vigésimo no dia do mês de novembro do ano de dois mil e vinte, às 09h, pela sala virtual do google meet, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado do(a) aluno(a) **IRLANILDES MARIA FIGUEIRA DA SILVA**. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr(a). **NIRSON MEDEIROS DA SILVA NETO**, UFOPA, examinador interno, Dr(a). **EDNEA DO NASCIMENTO CARVALHO**, UFOPA, examinador externo, Dr(a). **HERGOS RITOR FROES DE COUTO**, UFPA examinador(a) externo(a), e **EDNA FERREIRA COELHO GALVÃO**, orientador(a). Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte do(a) Orientador(a), que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou de imediato ao mestrando para que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada **"O LAZER NO INTERIOR DA AMAZÔNIA: um estudo com mulheres que coordenam espaços públicos na comunidade de Arapixuna/STM/PA"**, marcando um tempo de 25 minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o(a) Prof(a). **EDNA FERREIRA COELHO GALVÃO**, presidente, passou a palavra aos examinadores, para arguírem o(a) candidato(a). Após as considerações sobre o trabalho em julgamento, foi **APROVADO** (aprovado ou reprovado) o(a) candidato(a), conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser concluída no prazo de trinta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção anexa, sob pena de o (a) candidato(a) não obter o título se não cumprir as exigências acima. Para efeito legal segue a presente ata assinada pelo(a) professor(a) orientador(a), pelos professores avaliadores e pelo(a) mestrando(a).

Prof(a). Dr(a). **Edna Ferreira Coelho Galvão** (orientador)

Prof(a). Dr(a). **Nirson Medeiros da Silva Neto** - UFOPA

Prof(a). Dr(a). **Ednea do Nascimento Carvalho** - UFOPA

Prof(a). Dr(a). **Hergos Ritor Froes de Couto** - UFOPA

Irlanides Maria Figueira da Silva - mestrando(a)

IRLANILDES MARIA FIGUEIRA DA SILVA

**O LAZER NO INTERIOR DA AMAZÔNIA: UM ESTUDO COM MULHERES
QUE COORDENAM ESPAÇOS PÚBLICOS NA COMUNIDADE DE
ARAPIXUNA/STM/PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade para obtenção de título de Mestre em Ciências da Sociedade. Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Linha de Pesquisa: Sociedades amazônicas, sistemas culturais e sociabilidades.

Data de aprovação ____/____/_____.

Profª. Dra. Edna Ferreira Coelho Galvão – Orientadora
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Prof. Dr. Nirson Medeiros da Silva Neto
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Profª. Dra. Ednéa do Nascimento Carvalho
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Prof. Dr. Hergos Ritor Fróes de Couto
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

À minha Terra, Arapixuna, e ao meu filho,
Pedro Antônio, que inexplicavelmente me
trouxeram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Hilário e Maria, pelos sacrifícios que dedicaram em prol de nossos estudos; meus motivadores à educação e inspiradores nesta pesquisa. Aos meus irmãos que tanto admiro e amo, Odirlei, Irlaine, Roberto e Odeilson; e aos meus cunhados e cunhadas que me incentivaram demais e me ajudaram no que eu precisei.

Agradeço à minha comunidade de Arapixuna, pelas pessoas que me acolheram e permitiram o estudo. À Rita e à Assessoria de Esporte e Lazer do governo municipal de 2010 a 2012, pela oportunidade de trabalho e incentivo.

Agradeço à família que concebi: meu esposo, que ao mesmo tempo é meu melhor amigo e companheiro e não largou minha mão nesta jornada; e meu doce filho Pedro, que me desconstruiu para me transformar em uma pessoa melhor.

Agradeço à minha querida professora e orientadora, Dra. Edna Ferreira Coelho Galvão, pois considero esta dissertação um pagamento de dívidas por todo incentivo e conselhos a mim prestados.

Agradeço aos amigos que conquistei, meus colegas da minha turma de mestrado, de quem sentirei muita saudade. Agradeço à Emanuela, que foi maravilhosa nesta reta final, e ao Aldo e à Nathália sempre presentes e motivadores. Agradeço também pelos momentos vividos com Jarlison (*in memoriam*), que foi meu professor de inglês no colégio e completou sua jornada terrena como meu colega de mestrado, um grande amigo e conselheiro.

Agradeço à Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) pelo curso proposto à comunidade – que me deu essa oportunidade – e ao corpo técnico que nos auxiliou. Agradeço ainda aos meus professores da trajetória deste mestrado, pelo aprendizado profissional e humano, aos do curso do PPGCS: Nirson Medeiros, Luciana Carvalho, Rodolfo Almeida, Ednéa do Nascimento, Edilan Quaresma, Mário Tanaka, Lílian Rebellato e Abner Vilhena; também ao professor do PPGE, Luiz Percival, com quem aprendi muito.

Também serei imensamente grata às pessoas que me ajudaram com meu filho enquanto eu estudava, em especial aos que mais puderam estar com ele: Adriana, Bena, Hamilton, Gisele e Eliane. Para mim foi muito significativo e sei que nunca poderei recompensá-los pela atitude.

Por fim, agradeço a todos que me ajudaram indiretamente. À graça divina inexplicável que me sustenta e na qual encontro consolo, pois mesmo com os desafios de cuidar do meu filho, do trabalho doméstico e das aflições do dia a dia nesse ano tão conturbado de pandemia, ainda pude finalizar esta dissertação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Gratidão!

“Homem da cidade:

Gosto muito da cidade
Lá o progresso é embalado

Homem do campo:

Eu, por mim gosto do campo
Onde se vive sossegado.
Lá se dorme bem cedinho
Também cedo está acordado.
[...]

Homem da cidade:

O movimento na cidade
Faz o homem evoluído
Naquele meio ambiente
A gente fica enobrecido.
No meio de tanta alegria,
Ninguém fica entristecido.

Homem do campo:

No campo não há movimento
Nem tampouco evolução
O barulho é tão pouquinho
Nem se nota confusão
Em qualquer parte se é nobre
Quando é nobre de coração.”

(PINTO, 2000, p. 63 e 64)

RESUMO

Esta pesquisa nos permite fazer uma reflexão sobre as vivências de lazer em uma comunidade rural do município de Santarém-PA, no interior da Amazônia, a comunidade de Arapixuna. O lugar propõe um contexto diferente dos existentes na área urbano-industrial pois, além de promover situações de lazer próprias do espaço, apresenta uma condição diferenciada em sua estrutura política, que é a grande presença de mulheres no primeiro escalão dos espaços públicos da comunidade. /Por isso, o objetivo desta pesquisa foi apreender o sentido e o significado de lazer para as mulheres que coordenam espaços públicos sociais, políticos e/ou culturais na comunidade de Arapixuna e, dessa forma, perceber os desafios frente aos papéis de coordenação e vivência pessoal para promover o lazer para si e para a comunidade./ O estudo se desenvolveu mediante abordagem qualitativa de aporte etnográfico e envolveu como procedimentos técnicos da pesquisa, a observação participante, em que é fundamental o contato direto do pesquisador com a realidade estudada; e entrevistas interativas e em profundidade a partir de eixos norteadores./ Adotou-se a análise de narrativa e hermenêutica para interpretação da produção de dados do campo;/ os registros foram assegurados por meio de diário de campo, gravações de áudios das entrevistas e registros de imagens dos espaços e das atividades de lazer, tudo com o devido consentimento dos entrevistados e da coordenação da comunidade, uma vez que a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IESPES/STM/PA./ Dessa forma, foi possível compreender que os desafios dessas mulheres à frente dos espaços públicos e no lazer estão permeados por críticas, preconceitos e divisão sexual do trabalho, e muitas vezes as atividades comunitárias são percebidas como a própria vivência de lazer. Para elas, o lazer é entendido como um momento de quebra da rotina em suas vidas; na comunidade ele é causador de movimento, fundamentado na sociabilidade espontânea, e tem papel importante em vários âmbitos socioculturais. Por isso, pode-se pensar alternativas de atividades, bem como a construção e ressignificação de espaços para o lazer à comunidade.

Palavras-chave: Lazer. Comunidade de Arapixuna. Mulheres coordenadoras.

ABSTRACT

This research allows us to reflect on leisure experiences in a rural community in the municipality of Santarém-PA, in the interior of the Amazon, the community of Arapixuna. The region has a different context from those existing in the urban-industrial area because, in addition to promoting leisure situations specific to the space, it presents a different condition in its political structure, which is the large presence of women leading the public spaces in the community. Therefore, the purpose of this research was to apprehend the sense and the meaning of leisure for women who coordinate social public places, political and or cultural spaces in the community of Arapixuna and, in addition, to perceive the challenges facing in the coordination roles and their personal experience to promote leisure for themselves and to the community. The study developed through the qualitative approach of ethnographic contribution and involved as research procedures, the participant observation, in which the researcher's direct contact with the studied reality is essential; and interactive and in-depth interviews based on guiding axes./ It was adopted the narrative and hermeneutic analysis to interpret the field data production;/ the registers were secured by means of a field diary, audio recordings from the interviewees and registers of images of the spaces and leisure activities, all with the due consent of the interviewees and the coordination of the community, once the research was submitted and approved by the Research Ethics Committee (CEP) of IESPES / STM / PA. In this way, it was possible to understand that the challenges of these women who lead public spaces and leisure are permeated by criticism, prejudice and sexual division of work, and community activities are often perceived as the leisure experience by themselves. For them, leisure is understood as a moment of breaking the routine in their lives; in the community it causes movement, based on spontaneous sociability, and plays an important role in various socio-cultural spheres. Therefore, it is possible to think about alternative activities, as well as the construction and reframing of spaces for leisure to the community.

Key words: Leisure. Arapixuna community. Leader women.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Frente da comunidade de Arapixuna - vista do igapó	26
Figura 2: Localização das áreas/bairros na comunidade	27
Figura 3: Maria Figueira da Silva.....	31
Figura 4: Irene Figueira de Sousa	33
Figura 5: Maria do Socorro Nogueira da Mota	35
Figura 6: Rosineide Gamboa da Silva	38
Figura 7: Vânia Maria Pimentel Guimarães.....	39
Figura 8: Raimunda dos Santos Silva	42
Figura 9: Ana Ramos Pinto	43
Figura 10: Comunicação entre os três poderes políticos	45
Figura 11: Organograma do Sistema político da comunidade de Arapixuna	46
Figura 12: Porto da comunidade no período da enchente do rio.....	73
Figura 13: Porto da comunidade - Grande vazante do rio.....	73
Figura 14: Praça central - Igreja de Sant'Ana.....	75
Figura 15: Espaço de lazer para crianças - praça da Igreja	75
Figura 16: Quadra esportiva da comunidade	76
Figura 17: Sede do Clube esportivo Barão do Norte.....	76
Figura 18: Sede do Clube esportivo Luso América	77
Figura 19: Jogo de futebol feminino do grupo SEFA.....	77
Figura 20: Rua enfeitada - Festividades de Sant'Ana	79
Figura 21: Taberna mais antiga da comunidade	80
Figura 22: Área central - concentração de tabernas	80

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Descrição de categorias de análise emergidas nas entrevistas	21
Quadro 2: Características das protagonistas da pesquisa	29
Quadro 3: Períodos de eventos festivos na comunidade de Arapixuna	71

LISTA DE SIGLAS

AMTRACA	Associação de Moradores e Trabalhadores Rurais Agroextrativistas da Comunidade de Arapixuna
ACS	Agente Comunitária de saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos
CODESCA	Conselho de Desenvolvimento Comunitário da Vila de Arapixuna
EMEIF	Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental
IESPES	Instituto Esperança de Ensino Superior
SEFA	Seleção Esportiva Feminina do Arapixuna
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do município de Santarém
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	O CAMINHO METODOLÓGICO E O CONTEXTO DA PESQUISA.....	19
2.1	O Espaço da pesquisa.....	23
2.2	Participantes da pesquisa: de que mulheres estamos falando?.....	28
2.2.1	Maria Figueira da Silva.....	30
2.2.2	Irene Figueira de Sousa	33
2.2.3	Maria do Socorro Nogueira da Mota	35
2.2.4	Rosineide Gamboa da Silva	37
2.2.5	Vânia Maria Pimentel Guimarães.....	39
2.2.6	Raimunda dos Santos Silva	41
2.2.7	Ana Ramos Pinto	43
2.3	Sistema político da comunidade: organização e entidades.....	44
2.4	Viver na comunidade de Arapixuna	48
2.5	As influências do Lugar e do Cotidiano nas vivências de lazer	50
3	AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DO LAZER E AS VIVÊNCIAS NA COMUNIDADE DE ARAPIXUNA.....	54
3.1	Como o lazer acontece na comunidade de Arapixuna	59
3.1.1	Calendário de eventos festivos na Comunidade.....	70
3.3	Espaços de lazer: ambientes vivenciados.....	74
4	MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO COMUNITÁRIO E O PAPEL DO LAZER .	82
4.1	Ser Mulher de referência na comunidade e os desafios no cotidiano	87
4.2	Sentido e Significado de Lazer para as mulheres: eixos de interesses	97
a)	Lazer na perspectiva da saúde e qualidade de vida	99
b)	Lazer como sair do lugar cotidiano	100
c)	Lazer como diversão.....	101
d)	Lazer como descanso e percepção receptiva.....	102
e)	Lazer como relacionamento social.....	104
4.3	Atividades sociopolíticas e a relação com o lazer.....	106
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
	REFERÊNCIAS	116
	APÊNDICES.....	124
	ANEXOS.....	129

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa baseia-se em uma observação participante da vida cotidiana da comunidade de Arapixuna, localizada no município de Santarém, região oeste do Pará, onde vivi minha infância e adolescência e para onde tive a oportunidade de retornar como pesquisadora do lazer. A íntima relação com este lugar e a oportunidade de poder compreendê-lo sob novas perspectivas, tendo em vista minhas experiências e formação profissional, motivou-me a colocar Arapixuna no centro das minhas investigações.

Ao visitar a comunidade com proposta de *locus* de investigação, deparei-me com mulheres que eu conhecia antes, agora exercendo a coordenação de espaços públicos sociais, políticos e culturais. E como estive envolvida com o lazer, imediatamente após a minha formação profissional em educação física, quando trabalhei pela prefeitura municipal de Santarém em coordenações adjuntas da Assessoria de Esporte e Lazer, pude identificar, numa visão de investigadora, uma relação do lazer com estas mulheres.

Dessa forma, foi então observado, na perspectiva de pesquisa, o que eu ainda não havia percebido. O que sempre foi para mim familiar não necessariamente me é conhecido, pois ao direcionar o olhar ao objeto a ser investigado, ele previamente já foi alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Ademais, para assim serem retratados com autenticidade a interpretação dos fatos e os resultados da pesquisa, foi necessário não somente observar, mas também ouvir de forma diversa os participantes (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996; VELHO, 2007).

Nesta pesquisa, em específico, percebemos as vivências de lazer na comunidade, amparadas em relações em que a figura feminina tem papel central, pois as mulheres são participantes ativas na organização comunitária, chefiam e tomam decisões relacionadas a eventos sociais, culturais e políticos. Tais vivências do lazer pelo contexto do espaço onde ele se configura, bem como dos processos interativos sociais e culturais, são fundamentais para considerá-lo uma necessidade humana que dialoga com múltiplos aspectos socioculturais; também o são para ampliar o estudo deste fenômeno em diversas áreas, possibilitando entendê-lo como uma grande teia de conhecimentos da sociedade (GOMES; ELIZALDE, 2012; SAMPAIO, 2008;).

Existem abordagens sobre o lazer que o compreendem como um fenômeno em oposição ao trabalho e às atividades obrigatórias, considerando-o característico

da civilização pós Revolução Industrial e afirmando que a necessidade assumida pelo lazer é uma característica da sociedade moderna. Essa linha de pesquisa é marcada por um pensador bastante citado no Brasil, o francês Jofre Dumazedier (GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

É importante, também, considerar este fenômeno como necessidade sempre presente de acordo com o lugar onde ele se configura, seja em âmbitos e contextos políticos, sociais, culturais ou econômicos. Tentar compreender o lazer somente como característico das relações econômicas pode problematizá-lo nos demais âmbitos e contextos, cujas complexidades e dinâmicas marcam as múltiplas dimensões da vida coletiva (GOMES, 2014; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A vivência diferenciada percebida quando comparamos os espaços urbanos-industriais com o espaço/tempo do campo, como é o caso da comunidade de Arapixuna, produz diferentes percepções de lazer. A primeira tem um enfoque em sua relação econômica e de oposição ao trabalho, enquanto a segunda percebe o lazer como um grande momento do cotidiano rural. Ele pode se configurar como um momento de integração social, de busca de uma satisfação momentânea para o próprio indivíduo, quebrando a rotina do que se faz e se vive no dia a dia e alterando as medidas de tensões (DAMATTA, 1997; ELIAS; DUNNING, 1992;).

As atividades de lazer ajudam a interromper a regularidade do cotidiano mais rapidamente. Elas também podem provocar excitações miméticas, agradáveis e de qualidades específicas que, desprovidas de perigo, causam um efeito catártico. Além disso, as atividades de lazer destinam-se a apelar diretamente para os sentimentos das pessoas e animá-las de maneiras e graus variados. O lazer também se vê fundamentado dentro da sociabilidade espontânea, com enfoque nas relações do mundo ligadas à cultura e à interação espontânea e livre de pessoas e grupos (ELIAS; DUNNING, 1992; GOMES, 2014; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Para as mulheres que dirigem a vida na comunidade, os desafios vão além das responsabilidades com a organização comunitária e superação de críticas e preconceitos, apresentando propostas e tomando decisões eficazes. Os desafios também se referem à organização de seu tempo de vida pessoal, de cuidado com o outro, do trabalho profissional e doméstico, e de ter que provar competência a todo momento diante de uma sociedade que ainda entende certos espaços como exclusividade do homem.

Procurar uma satisfação momentânea implica em cuidar de si, propor um tempo para si, logo explorar e/ou tensionar experiências de lazer cuja função para os outros seja subordinada à função que a mulher possui para si própria. Como todas as tarefas domésticas e/ou familiares, da mesma forma como o encarregar-se da vida/corpo do outro é colocado como papel da mulher pela sociedade, a vida de muitas mulheres tem o uso de seu tempo absorvido para fonte de cuidados com os outros, e isso exige tempo e energia (BIROLI, 2018; ELIAS; DUNNING, 1992; PINHEIRO; SCHWENGBER; GONZÁLEZ, 2018).

A exclusão ou pouca presença das mulheres nos ambientes em que leis e políticas são definidas, pode dificultar suas conquistas enquanto ser social. Por outro lado, a presença das mulheres à frente dos espaços públicos, inseridas também como agente voluntário de lutas sociais, pode tornar-se mais uma demanda de impedimento ao lazer e cuidado de si, visto que se encontra em desvantagem na divisão sexual do trabalho (BIROLI, 2018).

A mulher vem trilhando um longo caminho para garantir seus direitos de participação ativa na vida política, social e econômica da sociedade, nas mesmas condições de reconhecimento e valorização que os homens. E é possível perceber as mudanças que têm conseguido empreender nas últimas décadas, com conquistas lideradas por movimentos revolucionários em diversos âmbitos da sociedade, como na garantia dos direitos trabalhistas, no acesso à educação, no controle da natalidade com o lançamento da pílula anticoncepcional, no direito ao voto, na liberdade civil relacionada ao casamento e na luta pelo fim da violência contra as mulheres com a criação de leis específicas, como lei Maria da Penha¹ e a lei do Feminicídio² (COSTA; PORTO, 2016; PINTO, 2010).

Com isso, o feminismo apareceu como um movimento libertário que busca não só o espaço para a mulher, mas que também luta por liberdade e autonomia das mulheres em decidir sobre sua vida e seu corpo, aspirando uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres. Sua primeira reivindicação pode ser entendida como exigência de acesso aos espaços antes exclusivos dos homens (MIGUEL; BIROLI, 2014; PINTO, 2010).

¹ A Lei Maria da Penha é a de nº 11.340 de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher

² A Lei do Feminicídio é a de nº 13.104 de 9 de março de 2015. Prevê como circunstância qualificadora de homicídio contra a mulher a condição de pertencer ao sexo feminino.

A pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE (2019) indica que o tempo dedicado em 2019, em média, a afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas era de 21,4 horas semanais para as mulheres e de 11,0 horas para os homens, para a população com 14 anos ou mais de idade. A diferença de 10,4 horas semanais entre as médias masculina e feminina é significativa.

Além da diferença de tempo, há ainda critérios de valoração de atividades. É importante compreender a necessidade de redefinir esses critérios, pois algumas atividades realizadas pelo homem são consideradas mais importantes do que as realizadas pela mulher, e isso faz com que o próprio comportamento da sociedade estabeleça uma desigualdade e determine padrões de forma invariável a características de gênero (MIGUEL; BIROLI, 2014).

Essa repartição das tarefas decorrente das relações sociais de sexo é entendida como divisão sexual do trabalho, em que se assentam hierarquias, restrições e desvantagens para as mulheres, incidindo nas possibilidades de participação política e, entendemos, também nas atividades de lazer, dificultando o acesso ou mesmo a promoção para si (BIROLI, 2018; SÃO PAULO, 2003).

Esse contexto interfere no cotidiano das relações em geral, e do lazer em específico, pois sua vivência pode modificar as medidas de tensão e propor satisfação, sua busca pode propor um momento emancipador de encontro consigo mesmo e cuidado de si próprio, além de elemento de identificação e conexão com o território onde habitam (AROSTEGUY; GOMES, 2020; ELIAS; DUNNING, 1992; SAMPAIO *et al*, 2014;).

Acreditamos que abordar o sentido e significado do lazer para as mulheres que coordenam espaços públicos em Arapixuna ajuda a compreender a relação destas com a conciliação de seu tempo para o lazer mediante seus papéis sociais no cotidiano, uma vez que abordaremos não somente o conceito da palavra, mas a dimensão que esse fenômeno adquire na comunidade e em sua ocorrência para as participantes, já que, além da busca da conquista do lazer, elas também protagonizam a organização política na comunidade.

O estudo visa responder o seguinte problema: que sentidos e significados o lazer assume no cotidiano das mulheres que estão na coordenação comunitária de Arapixuna? Tem como objetivo geral apreender o sentido e o significado de lazer para mulheres que coordenam os espaços públicos sociais, políticos e/ou culturais na comunidade de Arapixuna. Os objetivos específicos foram desdobrados em: Conhecer

o cotidiano destas mulheres e suas vivências de lazer; verificar como estas mulheres percebem e dão significado ao lazer em seus cotidianos; identificar possíveis influências das atividades de coordenação comunitária nas vivências de lazer das mulheres de Arapixuna; analisar o contexto político-organizacional da comunidade de Arapixuna e sua possível relação com as vivências de lazer na comunidade.

Para realizar a discussão aqui proposta, esta dissertação foi desenvolvida em cinco seções. Após a introdução, na segunda seção, intitulada “O caminho metodológico e o contexto da pesquisa”, apresentamos o procedimento metodológico usado para o desenvolvimento da pesquisa como estratégia mais apropriada para o caso; também tratamos o espaço da pesquisa, o lugar onde ocorreu a investigação com sua localização geográfica e descrição do espaço físico, bem como as participantes da pesquisa, suas características e história de vida. Ainda nessa seção, mostramos como se organiza o sistema político da comunidade e as entidades políticas que integram esse sistema, apresentando brevemente como se dão as vivências entre os moradores e o cotidiano da comunidade, e as influências exercidas no espaço com este cotidiano.

A terceira seção, intitulada “As perspectivas teóricas do lazer e as vivências na comunidade de Arapixuna”, é dedicada à discussão do lazer enquanto fenômeno social, cultural e político, destacando como ele acontece na comunidade e os espaços em que é vivenciado.

Finalmente, na quarta seção, “Mulher no espaço público comunitário e o papel do lazer”, damos destaque às protagonistas da pesquisa. Sobre ser mulher à frente das organizações sociais, políticas e culturais, apresentando os desafios enfrentados pelas participantes e a relação dessas situações com o lazer, em que se destacam em cinco eixos de interesse: na perspectiva da saúde e qualidade de vida; como sair do cotidiano; como diversão; como descanso e percepção receptiva; e como relacionamento social. Também apresentamos o papel do lazer para a comunidade de Arapixuna. Então tecemos as considerações finais sobre o estudo.

2 O CAMINHO METODOLÓGICO E O CONTEXTO DA PESQUISA

Esse estudo se desenvolveu mediante abordagem qualitativa de aporte etnográfico priorizando um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitude que não podem ser quantificados, pois subentende um mergulho mais profundo nas relações, nos processos e fenômenos, consolidando uma relação de respeito efetivo pelas pessoas e suas manifestações (MINAYO, 1994). Em relação aos procedimentos da pesquisa, optamos pela observação participante e entrevistas interativas e em profundidade.

Na observação participante é fundamental o contato direto do pesquisador com a realidade estudada. Esse procedimento é uma fonte de conhecimento real da comunidade, em um processo de interação pesquisador/pesquisado, e estabelece uma relação de confiança com os participantes. O pesquisador deve ser capaz de reconhecer ou inferir padrões significativos de comportamentos que são melhor definidos em uma extensão lógica da observação durante as entrevistas. Diferentemente de uma observação simples direta, na observação participante o pesquisador vai muito além do ato de perceber um fenômeno e registrá-lo com propósitos científicos, ele tem que ter um envolvimento no cenário de vida real com aquilo que está observando, integrado à vida do grupo (ANGROSINO, 2009; VALL et al, 2007).

A entrevista de forma interativa acontece no decurso de conversas em interações com os participantes, que podem abrir rotas de investigações novas, formulando questões enquanto a entrevista se desenrola de forma espontânea. A entrevista em profundidade sonda significados, explora nuances e captura as áreas obscuras que podem escapar às questões de múltipla escolha, possibilita um diálogo intensamente correspondido, acontecendo inclusive pensamentos críticos em tom de confidências (ANGROSINO, 2009; MINAYO, 1994).

Para Angrosino (2009) o pesquisador deve estar mais envolvido com as pessoas, sendo igualmente um amigo e um pesquisador, preservando o reconhecimento de suas atividades de pesquisa. Durante os anos que morei na comunidade, acompanhava muitas vivências de atuações nos espaços públicos, logo meu envolvimento e participação no cotidiano das mulheres foi algo muito natural. Por ser filha de uma das mulheres envolvidas, essa participação já fazia parte da minha vida, e muito do que vivi me remeteu às memórias de antes.

As entrevistas foram realizadas, em momento oportuno, a partir de três eixos norteadores previamente estruturados:

- Para falar sobre questões sociopolíticas e o lazer, de como é ser mulher à frente dos espaços públicos na comunidade, se perceberam ou já sofreram algum tipo de resistência ou preconceitos no âmbito do lazer, e ainda sobre prováveis mudanças ocorridas no período de protagonismo na coordenação comunitária.
- Para falar sobre o contexto de vivência pessoal do lazer: seu significado, como ele acontece; e para as mulheres em específico, o tempo que elas têm para o lazer, suas atividades e importância;
- Para falar do trabalho desempenhado na comunidade, o tempo de dedicação a ele, os problemas enfrentados e para falar da relação com o lazer, sobre o desenvolvimento de ações e projetos deste último e sua importância/papel para a comunidade.

E para assegurar os registros desses procedimentos de coleta de informações e produção de dados da pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos: registro das observações em diário de campo³, gravações de áudios das entrevistas com os participantes, registros de imagens dos espaços e das atividades de lazer, combinando estas técnicas para assegurar um resultado mais autêntico e com mais elementos enriquecedores.

É importante ressaltar que a coleta das informações só foi iniciada após aprovação⁴ pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) do Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES) de Santarém-PA. O CEP avalia os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos para que não apresentem riscos potenciais aos participantes, sendo constituído por um colegiado de especialistas com diferentes formações e com experiência em pesquisa, além de um representante da sociedade civil organizada.

Após a produção de dados, todas as narrativas foram transcritas, preservando-se no primeiro momento o formato original. Depois de realizada a leitura de todo o material, foram feitas pequenas correções para facilitar a análise das

³ As questões registradas em diário de campo estão presentes em toda a dissertação, contudo mais presentes na seção 2 e 3.

⁴ A aprovação data do dia 09 de novembro de 2019. CAAE: 20669519.7.0000.8070. Parecer: 3.694.907

narrativas, que foram categorizadas a partir dos eixos norteadores das entrevistas, apontando para três categorias que apresentamos no quadro a seguir:

Quadro 1: Descrição de categorias de análise emergidas nas entrevistas

Eixo norteador da entrevista	Categoria⁵	Descrição	Conceito dos autores	Excerto retirado da entrevista
Mulher na comunidade: questões sociopolíticas e o lazer;	1 - Ser mulher de referência na comunidade e os desafios no cotidiano;	Nesta categoria foi levantado o papel da mulher no cotidiano e no âmbito das questões sociopolíticas comunitárias, além de críticas e desafios enfrentados pelas protagonistas da pesquisa.	BIROLI (2018, p.57) - “Cuidar exige tempo e energia, retirados do exercício de outros tipos de trabalho, assim como do descanso e do lazer”. SAMPAIO (2014) - Entender o lazer como elemento de resgate da dignidade de vida e de enfrentamento das adversidades	“Eu como mulher e liderança eu tento fazer o possível e dividir esse espaço de mulher, de dona de casa, comunitária, liderança [...]” (Socorro)
Contexto de vivência pessoal do lazer;	2 – Sentido e significado de lazer para as mulheres: eixos de interesse;	Nesta categoria foram elencados o sentido e o significado de lazer, além de sua importância para as mulheres protagonistas da pesquisa e para a comunidade.	ELIAS; DUNNING (1992) - A função do lazer “não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão” AROSTEGUY; GOMES (2020) - “Compreender o lazer como mais um elemento de identificação e conexão que as pessoas possuem com o território onde habitam, circulam, ocupam”.	“O lazer [...] faz com que a gente se renove, que a gente fique com autoestima e que a gente também se relacione, se integre dentro da comunidade [...] bom relacionamento” (Maria) “O lazer movimenta as pessoas, ele tira do seu EU, para participar na comunidade” (Irene).
A relação do lazer das mulheres com o trabalho comunitário.	3 - Atividades sociopolíticas/ culturais e a relação com o lazer;	Nesta categoria foi relacionada a dedicação para as atividades sociopolíticas/ comunitárias com o lazer das mulheres.	“O trabalho pode ser tão prazeroso que se torne equivalente ao lazer” – GAELZER (2013) “A brincadeira não tem lugar ou momento claramente definidos para acontecer” – COMERFORD (1999)	“[...] Às vezes eu também faço do trabalho um lazer, que eu também me entrosso com as pessoas e a gente faz sempre com muita alegria (Maria)

Fonte: Elaborada pela autora a partir do material da Pesquisa (2020)

⁵ Essas categorias de análise podem ser visualizadas na quarta seção desta dissertação.

O quadro mostra a relação das categorias de análise emergidas nas entrevistas a partir dos eixos norteadores da entrevista, bem como suas descrições, as bases fundamentadas em conceito de autores e os excertos extraídos das falas das participantes que explicam essas categorias.

Para favorecer esta pesquisa, apoiamos-nos na análise de narrativa que, segundo Bastos e Biar (2015, p. 93), é “discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social”. Este tipo de análise nos auxiliou a contar os fatos da vida social das protagonistas de Arapixuna, possibilitando levantar elementos singulares e coletivos, apresentando o encontro do ser humano com a realidade presente na constituição do sujeito (MARQUES DE OLIVEIRA; SATRIANO, 2014). Em busca de uma interpretação criadora de sentidos, procuramos nos apoiar na hermenêutica como uma “teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos” para favorecer o resultado da discussão dos dados (RICOEUR, 1990, p. 17).

Apesar da análise ser uma tarefa delicada, esse suporte metodológico facilitou o caminho, uma vez que permitiu analisar as formas simbólicas, como palavras, imagens, instituições, comportamentos, nas quais realmente as pessoas se representam em si mesmas e para os outros (GEERTZ, 2013). Respeitamos os direitos e os espaços dos participantes e seguimos os princípios éticos da pesquisa, compreendendo a dinâmica cultural e os sentidos e significados que movem a pesquisa.

Para tanto, esclarecemos aos participantes da pesquisa todas as questões do estudo relacionadas a suas decisões. Após a coleta de dados e entendimento sobre a direção da pesquisa, eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁶ com o prosseguimento da pesquisa e as informações coletadas. O documento aborda de forma explicativa o benefício da pesquisa e todo o risco e os direitos dos participantes, garantido também o sigilo e preservação da imagem se assim desejassem. No entanto, todos optaram em autorizar em termo⁷ à parte sua identificação com o nome/imagem.

⁶ O TCLE é apresentado ao final desta dissertação, no apêndice.

⁷ O Termo de autorização para identificação da participação é apresentado ao final desta dissertação, no apêndice.

A duração provável da produção de dados descrita no projeto seguiria por volta de sete meses, mas pelas situações de pandemia do novo coronavírus, provocada pelo vírus SARS-CoV-2⁸, foi necessário dividir em etapas os procedimentos metodológicos e de escrita da dissertação, seguindo as orientações de prevenção e contenção.

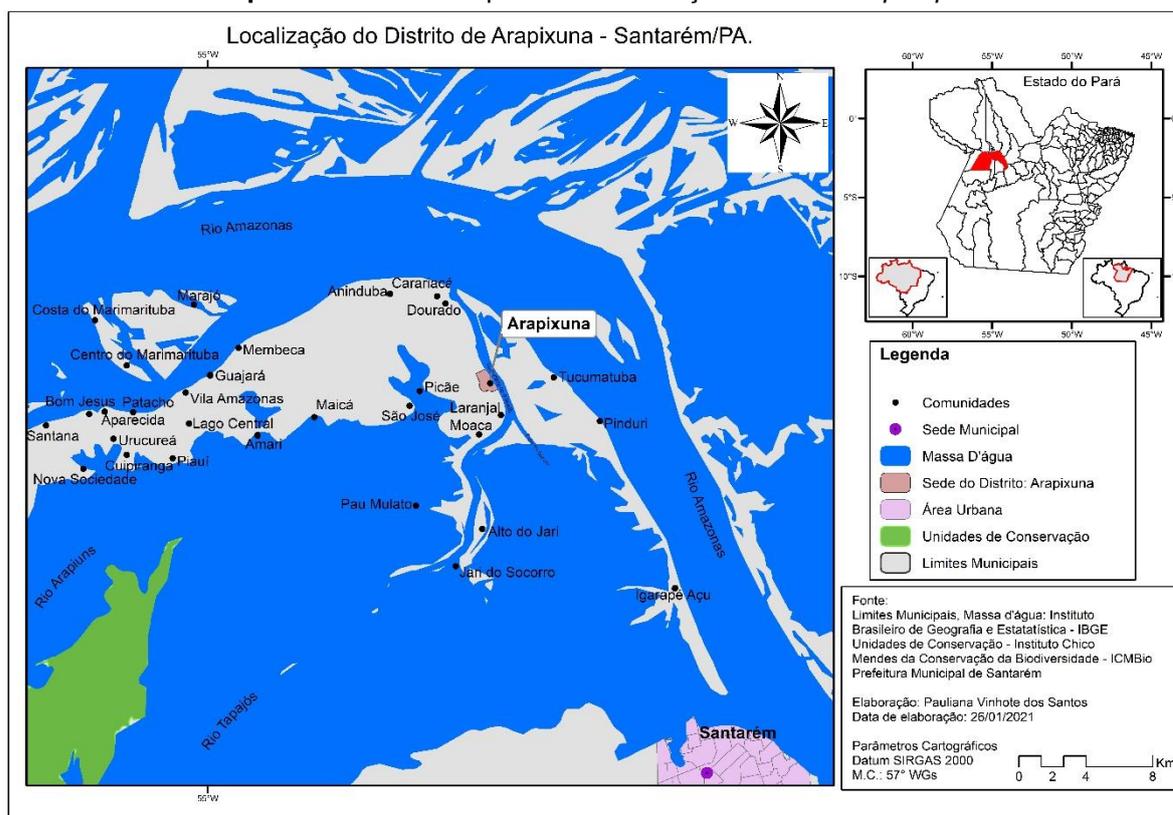
2.1 O Espaço da pesquisa

Arapixuna é uma comunidade rural do município de Santarém-PA, localizada na área de Rios e pertencente ao Distrito de mesmo nome, Arapixuna, em que é sede distrital. A esta região pertencem 31 comunidades: de Iguarapé-Açu, que se localiza logo em frente à cidade de Santarém, até a comunidade de Santana que fica na divisa com Distrito de Lago Grande. Quanto à comunidade de Arapixuna, localiza-se entre as comunidades de Laranjal e Dourado, a uma distância aproximada em linha reta de 27km da área urbana de Santarém.

A comunidade de Arapixuna apresenta-se à margem direita do igarapé Arapixuna, que inicia com o desembocar do rio Amazonas e desaguando assim no rio Tapajós pelo furo do Sururu e da comunidade de Jari. O porto principal fica na praça da igreja católica local, de Sant'Ana, mas também há outros portos particulares.

O mapa a seguir apresenta todas as comunidades pertencentes ao Distrito e a localização espacial da comunidade, *locus* da pesquisa.

⁸ Agente etiológico da doença covid-19, apresenta desde infecções assintomáticas a quadros graves, como pneumonia severa. Esse vírus já causou muitas mortes no país e no mundo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020)

Mapa 1: Distrito de Arapixuna - Localização do *locus da pesquisa*

Fonte: IBGE, Elaboração: Pauliana Vinhote dos Santos (2021)

No período da enchente é possível chegar até a comunidade por via fluvial direta – por barco e lancha – ou indireta, por balsa. Pela balsa, a saída de Santarém é do porto do DER-Prainha, e se chega até a comunidade de Aninduba; a partir da qual a viagem é terrestre, compreendendo um trajeto de aproximadamente 8km de carro ou moto, até a área central da comunidade de Arapixuna. Alternativamente, há opções de barco e lancha que saem do cais do porto de Santarém e chegam até o porto principal da comunidade.

Durante a cheia, a viagem é mais rápida, pois o igarapé de Arapixuna está cheio e sem problemas com barreiras de terra que possam encalhar ou “trombar”⁹ o barco ou a lancha. Além disso, o furo do Sururu¹⁰, que dá acesso mais rápido à comunidade, ainda está cheio, e o fluxo de transporte é normal. Na vazante, a chegada até a comunidade acontece mais pelo rio Amazonas, e a entrada ao igarapé se dá pelo furo da comunidade de Carariacá¹¹, conforme mapa apresentado acima e

⁹ Ir de encontro a barreiras de terra existentes ao longo do igarapé.

¹⁰ Pequeno braço de rio que serve de caminho rápido entre a cidade de Santarém e a comunidade no período da enchente dos rios.

¹¹ Entrada do igarapé do Arapixuna pelo rio Amazonas.

mesmo assim em alguns anos essa via de acesso se torna difícil, pois a vazante é muito forte.

Quando pensamos no espaço físico da comunidade de Arapixuna, podemos nos apoiar no que diz Costa para caracterizá-la:

A palavra comunidade é aplicada em geral a todo e qualquer ajuntamento de famílias com número variado. Consiste em uma pequena vila de casas, juntas ou espalhadas, contendo uma capela, uma escola, um campo de futebol e um barracão para reuniões e festas (COSTA, 2006, p. 97).

Apesar da comunidade de Arapixuna apresentar uma estrutura de espaços um pouco maior do descrito pelo autor, esses atributos estão presentes em muitas comunidades do distrito e representam um local de referência central aos moradores.

Em Arapixuna, a área central, é caracterizada pela igreja católica de Sant'Ana, onde, de acordo com historiadores locais, deu-se início a história da comunidade, uma história perpassada por momentos religiosos de famílias que se uniram em prol de ritos e cerimônias religiosas a seus santos católicos.

A construção da capela de Sant'Ana foi realizada para devoção da família de seu Manoel Oliveira Campos em sua fazenda, em 1871, e este lugar já era conhecido por Arapixuna. Posteriormente, a capela foi ampliada para servir como igreja Matriz do local, no ano de 1875. As mesmas pessoas que estavam envolvidas na igreja passaram a se envolver também nos eventos esportivos, no folclore e nas atividades educacionais da comunidade (CANTO, 2007; PINTO, 2000).

A seguir apresenta-se uma imagem da frente do porto principal da comunidade, cartão postal de chegada e onde se encontra a igreja de Sant'Ana:

Figura 1: Frente da comunidade de Arapixuna - vista do igapó



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

A foto foi tirada da vista do igapó que fica logo após o igarapé¹², onde pode ser vista a passagem de uma lancha.

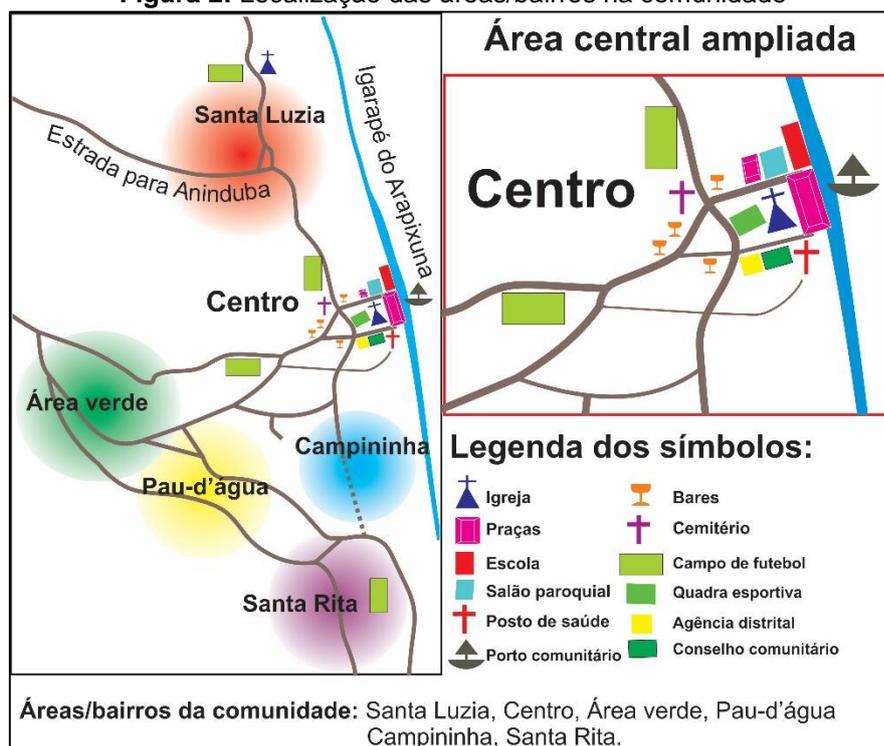
Grande parte das estruturas importantes está nos arredores da igreja de Sant'Ana: a escola da comunidade, EMEIF¹³ Sant'Ana; o salão paroquial – que serve à comunidade com eventos religiosos, festivos, políticos e culturais; a quadra esportiva pública que serve à escola e à comunidade; a praça do centenário, onde estão gravados os nomes em homenagem às pessoas que iniciaram construções históricas, como a da igreja; a casa paroquial, que abriga o padre da região; o posto de saúde da comunidade, que também serve a uma parte das comunidades do Distrito; o prédio do Conselho comunitário, onde se realizam reuniões e assembleias locais; e ao lado, a agência do Distrito de Arapixuna.

Para entender melhor a disposição dos espaços na comunidade, apresentamos a seguir uma figura que ilustra de forma simples estas estruturas e as áreas de maior estabelecimento dos moradores da comunidade em uma perspectiva aérea:

¹² Nos períodos de enchente o igarapé possui um tráfego intenso de embarcações.

¹³ Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental

Figura 2: Localização das áreas/bairros na comunidade



Fonte: Dados coletados na pesquisa, elaborado pela própria autora (2020)

A partir do centro foram surgindo novos espaços, as pessoas foram se estabelecendo em áreas diversificadas e os pontos de referências – como comércios, áreas de lazer e religião – foram se ampliando, muitas vezes por necessidades básicas, por influências ambientais e conforto aos moradores. Atualmente, encontram-se tabernas e espaços para o futebol em diversos locais distantes do centro da comunidade. Um desses é na área de Santa Luzia que tem, inclusive, sua própria capela.

Próximo aos locais mais importantes da área central, encontram-se pequenos comércios que revendem produtos de Santarém e região a quem não pode deslocar-se até a cidade ou necessita de mantimentos com urgência. Mais adiante está o cemitério da comunidade e, tanto à direita ou quanto à esquerda, encontram-se as sedes dos clubes tradicionais da comunidade: à direita, a do Barão do Norte, e à esquerda, a do Luso América.

Assim como em muitas outras comunidades rurais, próximo a igreja católica foram surgindo outros espaços físicos de referência, sendo construída uma área central da comunidade, onde há o encontro dos moradores e maiores serviços públicos, como saúde, educação, religião, política, além do porto da comunidade.

2.2 Participantes da pesquisa: de que mulheres estamos falando?

As protagonistas desta pesquisa são mulheres que estavam ativas na organização comunitária de Arapixuna no período da pesquisa e que também tinham algum conhecimento e envolvimento com o lazer na comunidade. Portanto, foram consideradas como participantes do estudo sete mulheres que estão à frente da coordenação de espaços públicos sociais, políticos e culturais, integrantes de entidades que fazem parte do Conselho de Desenvolvimento Comunitário da Vila de Arapixuna (CODESCA)¹⁴. Além destas, também participou de nossa entrevista o atual coordenador da comunidade.

Essas mulheres são pessoas públicas conhecidas pelos moradores e estão à disposição para lidar com qualquer situação relacionada a aspectos políticos ou ordem pública, conhecido no local como de caráter civil, ou ainda relacionada às questões sociais e culturais ligado ao entretenimento e eventos religiosos na comunidade. Estas protagonistas assumem a imagem de mulheres com habilidades para organizar e realizar ações comunitárias, de planejar, administrar e até ressignificar eventos. Apesar de estarem envolvidas em relações tensas de política, de negociações, de coordenações, suas experiências podem tornar-se mais leves e até divertidas. (COMERFORD, 1999).

Em suma, elas têm o papel de buscar auxílios, incentivos e parcerias para suas ações, bem como de propor soluções para sanar problemas no âmbito da saúde, educação, infraestrutura e economia de acordo com as intervenções que exercem, incluindo parcerias e negociações com autoridades. Em relação ao entretenimento, organizam ações que dinamizam a comunidade, atraindo inclusive público de fora. Dentre esses eventos estão festas dançantes, torneios de futebol, danças folclóricas e até festejos religiosos.

No quadro a seguir apresentamos essas mulheres e seu principal papel na comunidade. Algumas têm mais de 40 anos em equipes de organização comunitária, outras iniciaram agora a coordenação dos espaços públicos; no entanto, ressalta-se que todas têm participação em entidades políticas do Conselho Comunitário.

¹⁴ Representa a comunidade politicamente, chamado popularmente de Conselho Comunitário.

Quadro 2: Características das protagonistas da pesquisa

Nome	Idade ¹⁵	Filhos	Estado civil	Profissão financeira	Papel na comunidade
Maria Figueira da Silva	63	5	Casada	<ul style="list-style-type: none"> • Aposentada • Agente Distrital 	<ul style="list-style-type: none"> • Agente Distrital; • Coordenadora adjunta de projeto comunitário de produção agrícola – produção orgânica sustentável; • Multiplicadora da escola bíblica cristã – liderança religiosa na área da Paróquia, cuja sede é a igreja de Arapixuna; • Fundadora e Coordenadora do grupo de idosos/ginástica.
Irene Figueira de Sousa	70	6	Viúva	<ul style="list-style-type: none"> • Aposentada 	<ul style="list-style-type: none"> • Coordenadora da comunidade no início da pesquisa; • Coordenadora adjunta de projeto comunitário de produção agrícola – produção orgânica sustentável;
Maria do Socorro Nogueira da Mota	46	4	Casada	<ul style="list-style-type: none"> • Produtora agrícola 	<ul style="list-style-type: none"> • Coordenadora da Associação de moradores – AMTRACA¹⁶;
Rosineide Gamboa da Silva	51	2	União estável	<ul style="list-style-type: none"> • Produtora agrícola 	<ul style="list-style-type: none"> • Delegada sindical – representante do STTR na comunidade.
Vânia Maria Pimentel Guimarães	46	4	Casada	<ul style="list-style-type: none"> • Produtora agrícola 	<ul style="list-style-type: none"> • Vice-coordenadora da comunidade no início da pesquisa; • Multiplicadora da semana de liderança de formação cristã.
Raimunda dos Santos Silva	61	5	Solteira	<ul style="list-style-type: none"> • Aposentada • Costureira 	<ul style="list-style-type: none"> • Fundadora e representante do Clube esportivo América Eventos Clube – coordenadora de eventos esportivos do clube.
Ana Ramos Pinto	57	4	Solteira	<ul style="list-style-type: none"> • Aposentada • Ajudante de padaria 	<ul style="list-style-type: none"> • Representante do clube esportivo Pau-D'água nas assembleias da comunidade.

Fonte: Dados coletados na pesquisa, elaborado pela autora (2020)

Além destas mulheres, também apresentamos o participante Manuel Delfim Campos Rêgo¹⁷, morador e filho de Arapixuna, tem 53 anos de idade, casado com Rosiane Oliveira, tem três filhos e um neto. É o atual coordenador do Conselho Comunitário, há 22 anos atuando como professor da escola de Arapixuna, também

¹⁵ A idade das mulheres está fixada de acordo com o ano final da entrevista, 2020.

¹⁶ Associação de Moradores e Trabalhadores Rurais Agroextrativistas da Comunidade de Arapixuna.

¹⁷ É identificado na comunidade por Delfim, filho de Sebastião Irismar Teixeira Rêgo e Maria Santana Campos Rêgo. Sua imagem consta no anexo desta dissertação.

coordenando a catequese na igreja. Entendemos que por estar no meio da transição de um cargo público elevado – coordenação da comunidade, antes administrado por mulheres por aproximadamente três mandatos consecutivos e que agora está sob sua coordenação – sua inclusão como participante direto na pesquisa contribui no aprofundamento do lazer na comunidade e no entendimento das vivências das mulheres que protagonizaram a pesquisa.

A seguir, são apresentados alguns detalhes da história de vida das mulheres participantes do estudo, pois consideramos importante conhecer a trajetória trilhada por elas até assumirem a posição que exercem atualmente na organização comunitária de Arapixuna.

2.2.1 Maria Figueira da Silva

Maria Figueira¹⁸ é filha de Bertino e Sebastiana Figueira, pais já falecidos, professora aposentada da comunidade, ministra da eucaristia da igreja, casada com Hilário Pereira e mãe de cinco filhos. É uma mulher carismática, acolhedora e animada, gosta de ser extrovertida para animar o ambiente em que está e de se divertir com os amigos e família.

Atualmente é Agente Distrital de Arapixuna, multiplicadora de escola bíblica – que é uma liderança religiosa da igreja católica da Paróquia de Arapixuna. Também é coordenadora adjunta de um projeto comunitário de produção agrícola – produção orgânica sustentável – e coordena, juntamente com a ACS (Agente Comunitária de saúde), o grupo de idosos, também conhecido por grupo da ginástica, que atualmente tem participação apenas de mulheres, sendo elas de várias idades, que se reúnem para atividades físicas por meio da brincadeira.

¹⁸ Conhecida popularmente na comunidade por Maria Figueira e como professora Maria, pois existe uma pessoa de mesmo nome (Maria) na comunidade, também casada com um senhor de mesmo nome de seu esposo (Hilário). Maria também gosta de acrescentar seu sobrenome.

Figura 3: Maria Figueira da Silva

Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Foi incentivada desde adolescente a participar de práticas sociais e religiosas, por meio de catequistas¹⁹ da igreja da comunidade integrando grupos religiosos e ingressando na catequese, cuja equipe logo passou a coordenar. Mais tarde, encontrava-se ministra de batismo e de casamento, servindo toda a paróquia de Sant'Ana que faz parte da região. Em 1995, aceitou a indicação por meio de voto popular dos fiéis religiosos para ser a primeira coordenadora mulher da igreja católica da comunidade, e chegou a presidi-la por duas vezes. Na época, esta ação foi um marco na conquista feminina, pois foi a primeira e única mulher que administrou e atuou como presidente da igreja, sendo este um cargo considerado de extrema responsabilidade.

Na escola, começou a trabalhar como professora aos 17 anos e ainda atuou um ano como diretora, em 1992. Aos poucos foi conquistando sua escolaridade com muita luta, dividindo-se nos papéis de mãe, professora, esposa e estudante. Aos 47 anos de idade, conseguiu realizar o sonho de ter uma formação no ensino superior.

Foi com o envolvimento do marido na política comunitária e por motivação de outros moradores da comunidade que Maria Figueira começou a se interessar também pela organização sociopolítica. Apesar de participar na liderança religiosa da comunidade, passou também a ser referência de apoio, parceria, luta e conquistas, no que os moradores chamam de parte civil da comunidade. Quando se aposentou da profissão de professora, despontou na vida política comunitária, tornando-se coordenadora do Conselho Comunitário, correspondente a coordenação da

¹⁹ São pessoas que integram a igreja participando de reuniões e planejamentos, e disseminam a cultura cristã católica seja por pregações ou pela educação nas esferas de grupos religiosos.

comunidade e chegando até a indicação ao cargo de agente do distrito de Arapixuna pelo prefeito de Santarém. Ela relata sua perspectiva de como entende seu envolvimento na comunidade:

Muitos acham que eu sou professora sempre, porque fui professora e sempre me chamam professora, e liderança também. Que em tudo, vêm me pedir opinião, de um lado e de outro vêm comigo pedir opinião, orientações... E eu acho assim que nos olhos dos outros sou alguém que eles podem confiar, contar os seus, as suas intimidades. Pedir conselho e orientar também nas partes sociais, nas coisas da comunidade. Sempre eles me envolvem nas partes culturais, nas partes artísticas, eles sempre me envolvem (Maria Figueira).

O que Maria Figueira apresenta em sua fala são os reflexos de como uma mulher pode tornar-se referência para os moradores, conterrâneos e visitantes, seja para ações administrativas comunitárias, em conselhos religiosos ou até para intervir em conflitos entre moradores na comunidade. Por isso, ela se sente com grandes responsabilidades e isso a move para buscar soluções aos problemas. Sua narrativa explica esse sentimento:

Cobram de mim às vezes quando a comunidade vai fracassando, eles perguntam o que que podem fazer, cobram de mim. Até mesmo os filhos do Arapixuna, ligam para mim perguntando o que tá acontecendo e não deixar a comunidade ir abaixo né? E também dizem que tenho que conservar a história, fazer a história não terminar, levar sempre em frente a história do Arapixuna, envolver os grupos, estar sempre junto, para que a história não possa terminar.

[...] Eu amo essa terra e sempre corro atrás das coisas boas para o Arapixuna e procuro sempre me envolver com os filhos daqui que podem ajudar em alguma coisa. Então eu sou cobrada sempre porque nem sempre os outros tem coragem de ir em busca de algumas coisas melhores para cá. Então, eu faço isso sempre, gosto do que eu faço, e também eu sempre digo para os filhos de Arapixuna que dizem que amam a sua Terra: vamos fazer alguma coisa, vamos procurar se unir para que não venha perder essa história bonita e as coisas boas que Arapixuna tem. (Maria Figueira)

A referência que se tem dessa mulher vem de sua dedicação e envolvimento dentro da comunidade, e do amor que tem por este espaço, o que se pode perceber em sua fala.

2.2.2 Irene Figueira de Sousa

Irene tem 70 anos de idade, professora aposentada, foi diretora da escola da comunidade por muitos anos. Foi também coordenadora da Associação de Moradores e Trabalhadores Rurais Agroextrativistas da Comunidade de Arapixuna (AMTRACA) por dois mandatos, e sempre fez parte da equipe de coordenação, de 2006 (ano de sua criação) até 2017.

No início desta pesquisa, era a coordenadora da comunidade, à frente do Conselho Comunitário de 2018 a 2019. Atualmente, está à frente da coordenação adjunta de um projeto coletivo de produção agrícola da comunidade e ainda exerce muita influência quando se manifesta sobre ações administrativas e a organização comunitária, pois sua experiência com mais de 40 anos de serviços comunitários, contribui no direcionamento dos futuros integrantes da organização.

Viúva e mãe de seis filhos, é uma mulher muito dinâmica, aparentemente séria, mas que adora se divertir e praticar atividade física. Mulher que tem pressa de atingir sua meta, uma pessoa muito articuladora e determinada, dona de poder verbal convincente mediante sua experiência administrativa e decorrente de sua experiência na educação. Por ora, suas respostas rápidas demonstram que conhece seus direitos e que muitas brincadeiras também precisam ser cortadas por respeito a sua pessoa.

Figura 4: Irene Figueira de Sousa



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Proveniente da comunidade de Jari, próximo ao Arapixuna, Irene veio de uma família muito humilde e se considera vitoriosa por dedicar sua vida aos estudos e ter chegado aonde chegou. Nos estudos, foi muito determinada para conseguir

concluí-los e assim atuar profissionalmente na área da educação. Nessa luta, chegou inclusive a enfrentar o regime de internato numa Universidade em Belém.

Começou os trabalhos profissionais na comunidade vizinha, Laranjal, e em seguida ficou supervisionando e dando aulas por toda uma área que abrangia desde a comunidade de Igarapé-Açu até a de Aninduba. Nesse período, tornou-se mãe e fazia as viagens pelas comunidades com seus filhos, e relata que naquela época tudo era mais difícil. Além de professora regular foi também professora modular por muito tempo, até quando teve que dar prioridade à educação de seus filhos e estabilizou-se por algum tempo na cidade de Santarém. Mas foi por pouco tempo, pois logo conseguiu retornar definitivamente para a comunidade de Arapixuna com o auxílio do representante do prefeito na comunidade, senhor Hilário Pereira.

Em sua narrativa da história de vida, Irene acredita ser uma vencedora e enfatiza a comparação de sua realidade de antes para o que vive agora: “Vindo lá de baixo e chegando até onde cheguei, então eu me considero uma vencedora”.

Apesar de apresentar-se muito segura emocionalmente, já enfrentou situações adversas de abatimento tanto na área profissional quanto pessoal. Mesmo sendo uma referência na política e na educação na comunidade, isso não impediu que fosse criticada e mesmo vítima de mau julgamento. Suas falas atentam para isso, além de demonstrar uma preocupação pelo que as pessoas possam pensar de sua intenção:

Tem pessoas que me veem com respeito, mas muitas pessoas me veem com disputa.
[...] Às vezes eu fico preocupada de as pessoas pensarem que eu ainda estou querendo entrar²⁰, mas não, são as pessoas me procuram e eu tenho que dar uma definição (Irene).

Irene traz consigo a ideia de referência por todo trabalho que fez ao longo de sua experiência na Associação de Moradores, no próprio Conselho Comunitário e até mesmo na área da educação, preocupando-se em dar uma resposta e definição para os problemas que lhe apresentam, demonstrando que ainda se sente responsável perante a comunidade por suas vivências, embora não esteja mais oficialmente à frente de alguma coordenação comunitária. É reconhecida como uma

²⁰ Referência a uma possível continuação ou retomada na organização comunitária, uma vez que o cargo que ocupava estava em processo de transição para outra coordenação.

pessoa muito influente diante de encaminhamentos burocráticos e na busca por apoios importantes para a comunidade.

2.2.3 Maria do Socorro Nogueira da Mota

Maria do Socorro²¹ é uma mulher de 46 anos de idade, produtora agrícola, atual coordenadora da AMTRACA. Única filha mulher de João Corrêa da Mota e Dionísia Viana Nogueira, dentre 6 irmãos. Trabalhou ajudando seus pais nas atividades domésticas e do roçado, e estudou na própria comunidade até onde pôde. Uma mulher reservada, até mesmo tímida com pessoas com quem não tem intimidade, mas muito extrovertida e brincalhona em seu grupo de amigos. Não gosta muito de estar em casas alheias, nesse aspecto é mais caseira, e um dos motivos para tal pode ser mesmo a ausência de tempo livre. É casada com Zevaldo Ramos e é mãe de quatro filhos vivos e um falecido. Hoje, além dos cuidados com a comunidade, pensa na educação dos filhos, alguns dos quais já estão na cidade se dedicando ao estudo e profissão.

Figura 5: Maria do Socorro Nogueira da Mota



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Uma mulher que acredita ter muita fé, pois, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, manteve-se firme enfrentando os desafios, a começar pelo ciclo familiar que lhe exigiu desempenhar múltiplos papéis. Como única filha mulher em meio a cinco filhos homens, desde cedo teve que assumir a responsabilidade pelo cuidar da

²¹ Conhecida popularmente na comunidade por Socorro e assim está identificada nesta pesquisa.

casa, da alimentação, dos irmãos e dos pais, tarefas estas culturalmente impostas à figura feminina. Tal responsabilidade não diminuiu mesmo após a morte de seus pais e de ter constituído sua própria família: ela ainda é referência e assume a dianteira para resolver os problemas de seus irmãos.

Essas atividades se somam aos compromissos comunitários que gosta de fazer desde criança quando acompanhava sua mãe, e às profissionais como produtora agrícola.

Por acompanhar sua mãe nos eventos comunitários, Socorro acredita que acabou se habituando, e isso fez com que nunca deixasse de se envolver na igreja ou em outra atividade de organização comunitária, como relata:

Comecei a ingressar assim nessa vida comunitária, desde o tempo da minha mãe, como criança. Ela também foi pessoa ativa [...] sempre envolvida em trabalho comunitário, de igreja, essas coisas, aí eu fui tomando esse rumo, acabei acostumando com essa vida (Socorro).

É muito comum na comunidade as crianças participarem com seus pais em vivências socioculturais, políticas e religiosas. Estes participam do espaço e levam consigo os filhos como acompanhantes ou simplesmente para que não fiquem sozinhos em casa.

Socorro sente-se insegura por estar pela primeira vez coordenando uma organização política comunitária, a AMTRACA. Tem receio de que as ações por ela coordenadas falhem, prejudicando assim a confiança depositada nela pelas pessoas, já que coordenar a Associação de Moradores requer muita responsabilidade. Outro desafio e tristeza manifestada é não ter apoio de pessoas que considera como amigas, e por isso, encontrar-se lutando sozinha para conseguir algo que beneficiará todos.

Ela enfatiza nas entrevistas que se preocupa muito com isso e busca passar segurança para todos os moradores da comunidade, pois acredita que morar num bairro mais afastado da área central pode influenciar nas censuras e críticas de quem não a conhece. Por conta disso, se esforça bastante para mostrar que é tão competente quanto outras lideranças de referência na comunidade.

Esta foi a primeira vez que foi escolhida para coordenar a Associação de Moradores e Trabalhadores da comunidade, função que é desempenhada de forma voluntária, sem nenhum bônus. Mas isso não a faz ser menos dedicada, ao contrário, tenta organizar e planejar para que tudo ocorra bem. Logo que entrou na Associação

de Moradores, teve muitas dificuldades com os processos burocráticos, visto que não havia registros para a efetivação institucional da entidade e a transição para cartão digital, mas buscou informações e conseguiu concretizar a transição, tornando-se hoje muito conhecedora desses trâmites.

Com simpatia e muito diálogo, é uma mulher que vai conquistando seu espaço aos poucos, pois é aberta ao aprendizado e sabe se expressar e questionar. Em seu relato, compreende que a comunicação é o caminho certo para as conquistas:

Eu sempre falo assim que eu acho que até a beleza da gente vai sair dessa parte, de saber dialogar, saber conversar. Sempre falo para os meus filhos assim, eu acho que a melhor maneira de a gente fazer amizade é conseguir dialogar. Acho que a beleza da gente estar nessa parte, a simpatia né? Às vezes têm pessoas que tem alto nível de sabedoria, de alguma coisa, mas acaba se tornando uma pessoa tão fechada, sem diálogo e às vezes acaba nem valendo a pena, que é muito só pra si. Acaba se tornando só pra si aquele saber (Socorro).

E não é apenas sabendo dialogar que Socorro conquista seu espaço, mas também na contação de histórias em rodas de amigos, pois adora contar piadas e citar versos de rimas engraçadas, apesar de sua aparente timidez. Transmite alegria e dá risadas generosas nas rodas de conversas, sendo também uma pessoa muito observadora, de fala mansa e cautelosa, com argumentos convincentes e dotados de boa percepção, e que giram em torno da empatia em prol do coletivo.

2.2.4 Rosineide Gamboa da Silva

Rosineide²² é a delegada sindical da comunidade Arapixuna do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do município de Santarém - STTR²³. É uma mulher de 51 anos de idade, produtora agrícola, Filha de Alarico Figueira da Silva e Rosa Gamboa da Silva. Mãe de dois filhos, viveu no trabalho da roça, estudou na própria comunidade por um período e em outro foi tentar os estudos em Santarém, retornando logo que terminou as etapas e concluiu o ensino médio na área de magistério em Arapixuna.

²² Conhecida na comunidade por Neide, mas aqui preferiu ser identificada por Rosineide.

²³ Os moradores da comunidade se reportam a este órgão pela sigla – STTR ou somente Sindicato.

Uma de suas profissões em Arapixuna, que a fazia se relacionar bastante com os comunitários, foi a de atendente no posto telefônico. Na época, o local era o único telefone público que existia para comunicação. Também chegou a trabalhar como professora na escola por 1 ano. Dessa forma, foi-se apresentando à comunidade com seu carisma, comunicação e atitudes de solidariedade, contribuindo com ações de apoio aos grupos sociais, como nos grupos de orações de vizinhos e participando dos movimentos da comunidade como sócia da Associação de Moradores e da delegacia sindical do STTR, até ser empossada como delegada.

Figura 6: Rosineide Gamboa da Silva



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Rosineide é uma pessoa de riso fácil; mesmo que na primeira impressão não se perceba em sua fisionomia, mas tem um jeito divertido e bem-humorado, gosta de contar anedotas e ri facilmente de piadas contadas por outros. É assim que relata sobre si mesma:

Sou assim: alegre, comunicativa, amiga com quem é amiga e eu gosto muito de conversar [...]
Gosto também de pessoas que sejam sinceras também comigo, que eu também sou sincera com as pessoas. É assim que eu me vejo. Vejo que sou alegre. Quando estou na minha rodada de amigas eu conto coisas, às vezes até de mim mesma, coisas que acontecem comigo entre a gente em casa, eu conto porque se é pra *mim* tá contando dos outros, conto de mim mesma. Então... pra mim isso não é gabolice e nem motivo de querer se aparecer, não. É porque eu gosto mesmo (Rosineide).

Mesmo com esse espírito brincalhão, é responsável no desempenho de suas funções e gosta muito de saber que pode estar ajudando de alguma forma. Muitas vezes tem atitudes espontâneas que extravasam suas emoções e sentimentos,

ora de alegria, ora de chateação. Ao mesmo tempo, é uma mulher tímida e, por isso, procura não se expor publicamente. Por gostar de sinceridade, acaba também ela mesmo sendo sincera e sempre tem argumentos diante das situações das quais tem conhecimento.

Rosineide tem nos laços familiares um amor incondicional, de cuidado com os pais, de tempo e dedicação para os filhos e ao companheiro, João Herasmo Batista Rêgo, além de muito carinho por tudo que faz. Gosta de transformar seus inibidos sentimentos em artes manuais, além de ter muita satisfação em contribuir com eventos que possam dar um pouco de prazer e satisfação às outras pessoas.

2.2.5 Vânia Maria Pimentel Guimarães

Vânia é uma mulher de 46 anos de idade, filha de Tomás Guimarães e Raimunda Augusta; é produtora agrícola, casada com Raimundo Horácio Rêgo e mãe de 4 filhos. No início desta pesquisa, era vice coordenadora da comunidade, mas atualmente é multiplicadora da semana de liderança de formação cristã, um papel importante dentro da igreja católica, com o objetivo de ampliar os conhecimentos cristãos por todas as comunidades que fazem parte da Paróquia de Arapixuna.

Figura 7: Vânia Maria Pimentel Guimarães



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Vânia nasceu e se criou em Vila Amazonas, comunidade do Distrito de Arapixuna. Iniciou seu interesse pelas causas sociais por meio de seu pai, pois o acompanhava em suas atividades, desde o Movimento de Educação de Base na rádio

rural, já que ele não tinha com quem deixar os filhos. Foi assim que ela começou a gostar e a se envolver nos eventos sociais e religiosos. Outro fator que influenciou esse envolvimento foi o de ter uma família de músicos e gostar de cantar. Aos 12 anos, durante a semana de formação de catequese, participou pela primeira vez das atividades da igreja como cantora. Desde então, passou a participar também de outros trabalhos na comunidade, bem como dos movimentos sociais.

Vânia morou em Santarém por algum tempo, trabalhando na casa de algumas famílias para poder estudar. Em alguns momentos, tinha a liberdade de participar ativamente na igreja, mas em outros não. Durante essa temporada na cidade, engravidou e resolveu retornar para sua comunidade de Vila Amazonas, onde assumiu alguns postos de coordenação dentro da igreja, como pastorais de juventude e coordenação de congressos.

Em 2002, conheceu seu atual esposo, com quem teve três filhos, e se estabeleceu na comunidade de Arapixuna, onde continuou a participar das atividades da igreja católica. Em Arapixuna assumiu alguns cargos como a delegacia sindical do STTR da comunidade, a direção regional do STTR – região de Arapixuna e a coordenação da Associação de Moradores, além de atuar como vice coordenadora²⁴ do Conselho Comunitário quando este era coordenado por Irene.

Conforme seu relato, Vânia trabalha na produção agrícola com sua família e alguns amigos, e juntos vendem a produção, sendo a maior parte na própria comunidade, e outra para conhecidos da cidade.

Vânia, assim como as outras participantes da pesquisa, também enfrentou muitos desafios no percurso da vida. Por sua fé cristã, acredita que teve muitas provações, mas não gosta de demonstrar tristeza ou fraqueza diante das situações adversas, enfrentando todos os seus papéis outorgados pela sociedade: o de ser mãe, esposa, ser responsável pelos trabalhos domésticos e de subsistência, e ainda assim contribuir com ações sociais na comunidade.

É carismática e mantém sempre um sorriso no rosto, pois encontra em muitas pessoas força para continuar e enfrentar com determinação as dificuldades, sejam familiares, profissionais ou sociais. E assim entende que transmite alegria em qualquer ocasião: “Dificilmente as pessoas chegam aqui em casa me veem triste ou

²⁴ No início da pesquisa ainda era vice coordenadora da comunidade, na vice coordenação do CODESCA.

então deitada, sempre assim fazendo algumas coisas, sempre assim desse meu jeito mesmo, meu jeito”.

Em seus trabalhos comunitários é uma pessoa solidária. Ter sua companhia é ter uma parceria pronta para assumir compromissos e dividir as tarefas, pois ela acredita que assumir cargos a fará esquecer de situações pessimistas e se focará nas atribuições para que sejam concretizadas de forma positiva.

2.2.6 Raimunda dos Santos Silva

Raimunda²⁵ é uma mulher de 61 anos de idade, fundadora do clube esportivo América Eventos Clube, no qual coordena a realização de eventos que acontecem em sua própria área de moradia. Nesse local, pode-se realizar outros tipos de eventos: "Pode fazer qualquer tipo né? Pode fazer teu casamento, teu aniversário, juntar os amigos", diz Raimunda.

A fundação do clube culminou com a realização de um evento religioso que Raimunda organizou em prol de um agradecimento a São Sebastião, de quem é devota. Raimunda, com ajuda de amigos e família, planejou e executou o evento com muita coragem. Esse agradecimento fez render mais eventos, iniciando assim uma série de dias festivos, com preferência à prática esportiva e dançante. Começou então o clube esportivo América Eventos Clube, que mesmo sem as prerrogativas de um clube tradicional como Barão do Norte e Luso América²⁶, ficou bastante conhecido.

Raimunda é conhecida pela profissão de costureira, mas também tem habilidades que não foram aprendidas em curso profissionalizante, como de realizar partos e puxações²⁷ em pessoas com dores corporais.

Apesar de se dizer envergonhada para falar em público, Raimunda é muito ousada. É uma mulher corajosa e determinada para realizar seus projetos. Mesmo com as críticas, barreiras e tantas dificuldades que encontra até mesmo na própria comunidade, sua atitude é de estar sempre motivada para enfrentar o desafio. Ela

²⁵ Popularmente conhecida na comunidade por Chida, mas prefere ser identificada pelo seu nome legítimo, Raimunda.

²⁶ São clubes antigos, fundados pelas primeiras famílias da comunidade e atraem muitos visitantes com seus eventos oficiais que não podem faltar todo ano.

²⁷ Puxação é uma palavra conhecida na cultura popular da comunidade para a massagem corporal com o intuito de realizar a cura do indivíduo.

relata que “muitas vezes tem a pessoa que quer fazer, e tem a pessoa que quer avacalhar. Então pra gente fazer, a gente tem que meter a cara mesmo” e, por isso é preciso ter atitude para poder realizar determinadas ações na comunidade.

Foi dessa maneira que utilizou o espaço de seu terreno para organizar o estádio Jandirão, em homenagem ao nome de sua falecida mãe. É nesse espaço que acontecem os torneios esportivos, e em um malocão espaçoso, também situado em seu terreno, são realizadas as atividades dançantes.

Figura 8: Raimunda dos Santos Silva



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Filha do casal Virgínio Ferreira da Silva e Jandira dos Santos Silva, Raimunda é uma mulher extrovertida, que gosta de conversar, gosta de eventos festivos, gosta de dançar, de se divertir. É uma mãe protetora, porém firme na educação de valores aos cinco filhos, de quem cuidou e a quem educou sozinha com muito amor, compartilhando momentos em conjunto com sua mãe e sua irmã. Raimunda diz que não é muito acostumada com homens, batalhou durante grande parte de sua vida sem a presença masculina. Como figura patriarcal, foi mãe solteira e seu pai faleceu muito cedo, quando ela tinha 16 anos de idade.

Raimunda fala que se tivesse mais estudos, poderia ter se doado mais para a comunidade:

Eu gostaria de ser mais de mulher ainda. Se eu conseguisse, ser mais, aprender mais. Saber desenvolver muitas coisas além da dedicação que tive com a minha família, com outras pessoas que me procuram e ser uma pessoa mesmo representativa na minha comunidade (Raimunda).

Nesse trecho pode-se notar que ela tem muita vontade de ser uma pessoa mais representativa. Como muitos que se expõem, pode ter medo de represália e de ser mal interpretada, mas se preocupa com as questões que movimentam a comunidade, dando sua contribuição sempre que solicitada, e no cotidiano, se coloca à disposição para ajudar as pessoas que a procuram.

2.2.7 Ana Ramos Pinto

Ana representa o clube esportivo do Pau-D'água nas assembleias do Conselho Comunitário, com voz e voto, além de ajudar na programação festiva do clube, que tem seu filho, João Paulo, como coordenador. Contribui ainda com os eventos festivos do bairro Pau-D'água no desempenho de várias funções e, de forma muito emotiva, tem prazer em prestar serviços de organização.

Figura 9: Ana Ramos Pinto



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

É uma mulher de 57 anos de idade, administradora da padaria de Arapixuna, cujo dono é seu filho. Filha de Raimunda Ramos Pinto e Almiro Teixeira Pinto, é mãe de quatro filhos, agora adultos, que criou, cuidou e educou sozinha com apoio de sua mãe, agora falecida. Tem netos e gosta de estar em família, de reunir os amigos e confraternizar. Não gosta muito de falar ou de ser destaque de um empreendimento por ser muito tímida, mas contribui ajudando nas ações de desenvolvimento da comunidade. A fala de Ana conta muito de sua timidez, mas também de seu espírito festivo:

Sabe que eu sou vergonhosa, mas eu sou alegre. Quando eu quero rir eu acho graça, quando eu não quero eu fico braba [...] Olha quando eu era nova eu era muito festeira, mas depois apagou o fogo. Eu gostava muito de festa, dançava, dançava, dançava. Era a noite inteira dançando. Agora que eu não tenho coragem nem de dançar com ninguém, eu morro de vergonha (Ana)

A timidez de Ana, a afastou de algumas práticas/atividades que desenvolvia quando mais jovem. Hoje participa de uma forma diferente na comunidade. Gosta de observar e de contemplar as pessoas se divertindo e de rir de coisas engraçadas. Entrou como participante da pesquisa por indicação de alguns moradores da comunidade. Para eles, essa mulher está se descobrindo à frente da organização de eventos da comunidade e no empreendimento comercial.

2.3 Sistema político da comunidade: organização e entidades

A comunidade de Arapixuna é organizada por duas grandes instituições políticas representativas: o Conselho de Desenvolvimento Comunitário da Vila de Arapixuna (CODESCA) responsável por associar grupos em comuns que combinem esforços para propósitos coletivos que os beneficiários congreguem; e a Associação de Moradores e Trabalhadores Rurais Agroextrativistas da Comunidade de Arapixuna (AMTRACA), responsável pelo planejamento e desenvolvimento familiar da comunidade.

Essas duas instituições²⁸ políticas têm relação direta com a Assessoria Distrital, que é responsável por intermediar ações e debates de políticas públicas diretamente com o governo municipal vigente, uma vez que é extensão deste para se fazer presente de forma mais participativa no Distrito de Arapixuna. Mesmo quando um morador se comunica diretamente com a Assessoria distrital, a responsável solicita ao morador para comunicar – ou ela mesma comunica – ao representante do Conselho Comunitário, que tem o título de coordenador da comunidade. A comunicação entre estes três poderes políticos está representada a seguir:

²⁸ Conforme apresentado antes, tanto o CODESCA quanto a AMTRACA são conhecidos popularmente como Conselho Comunitário e Associação de Moradores, respectivamente.

Figura 10: Comunicação entre os três poderes políticos

Fonte: Dados coletados na pesquisa, elaborada pela autora (2020)

Esses três poderes mantêm um diálogo próximo sobre tudo o que diz respeito à comunidade, seja para comunicar um ocorrido que influencie na vida dos moradores, seja para pensar e discutir estratégias de ação ou até mesmo aconselhar algum membro representante desses poderes, pois estes representantes têm experiência política e boa informação. Esta comunicação é feita independente de outro poder, pois a Associação de Moradores e o Conselho Comunitário têm autonomia jurídica e independência. Acordado em assembleia, o poder maior de coordenar a comunidade fica para o Conselho Comunitário, e a Associação de Moradores se posiciona de modo mais dependente.

Qualquer escolha de nova coordenação comunitária que estará à frente, seja do Conselho Comunitário ou da Associação de Moradores, ou seja de entidades sindicais, é feita em assembleia - de acordo com os participantes de cada órgão - por votação de maioria simples. Um edital com trinta dias de antecedência possibilita a apresentação de chapas concorrentes. Caso não se apresente nenhuma – o que quase sempre ocorre –, a escolha é feita na hora e todos os presentes têm direito de votar e ser votado. O mais votado torna-se o coordenador da unidade política, e os demais integrantes da equipe vão se agregando de acordo com a quantidade de votos – quanto mais votos, mais alto o cargo. Se ainda assim não forem preenchidos todos os cargos, os membros para tais cargos são apontados pelo novo coordenador.

As pessoas que estarão à frente geralmente têm uma história de experiência em liderança, iniciada pelo viés religioso, esportivo ou de destaque na

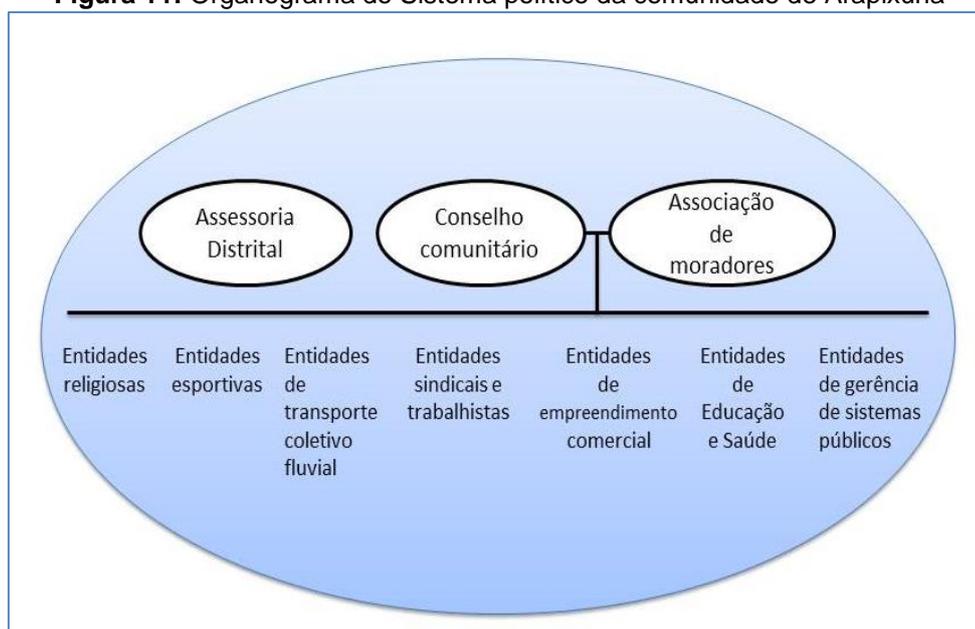
escola da comunidade, demonstrando aos moradores iniciativa e confiança pelos trabalhos desenvolvidos.

As reuniões políticas mais importantes, além das do Conselho Comunitário, que acontecem na comunidade são as da Associação de Moradores; as do STTR; e as da colônia de pescadores Z-20. Nessas, existem várias concepções, mais ou menos divergentes. Os representantes/coordenadores apresentam as pautas para os associados que variam entre ações, projetos e decisões a serem tomadas (COMERFORD, 1999).

As reuniões dos membros do Conselho Comunitário estão sempre acontecendo independente de assembleia que é mais aberta ao público, pois é necessário realizar o planejamento de estratégias da equipe, além de decisões emergenciais. Para as decisões coletivas que não necessitem de realização imediata, é convocada pelo coordenador da comunidade uma assembleia geral de entidades comunitárias, da qual participam os representantes do corpo coletivo da comunidade.

As entidades comunitárias são organizações coletivas que trabalham em prol de uma ação dentro da comunidade. Em assembleia do Conselho Comunitário, são representadas por uma pessoa confiável/responsável para dar voz e voto. Elas são distribuídas em sete grupos: Religiosas; Esportivas; de Transporte coletivo fluvial; Sindicais e trabalhistas; Empreendimento comercial; Educação e saúde; e Gerência de sistemas públicos, conforme a figura a seguir:

Figura 11: Organograma do Sistema político da comunidade de Arapixuna



Fonte: Dados coletados na pesquisa, elaborado pela autora (2020)

Organizam-se por grupos com características e interesses afins ou correlacionadas. As entidades religiosas abrangem a Igreja Católica da comunidade e as Igrejas evangélicas da Paz, Assembleia de Deus e Quadrangular. As esportivas compreendem clubes esportivos com sede física ou apenas ideológica: o clube Barão do Norte, o Luso América, o Cruzeiro, o Santa Rita, o América e o Pau-D'água. A nomeada por transporte fluvial tem a participação do proprietário da lancha, que também é visto como uma entidade comunitária.

As entidades sindicais e trabalhistas envolvem o STTR e a Colônia de pescadores Z-20. As de empreendimento comercial compreendem as tabernas, o restaurante da comunidade, açougues e outros boxes com atividade de revenda. As de educação e saúde abrangem a escola da comunidade, que é representada pelo diretor; o posto de saúde, representado pela enfermeira; e o grupo de ginástica melhor idade. As entidades de gerência de sistemas compreendem as administrações do cemitério e do microssistema de água da comunidade.

Atualmente, a participação nos debates políticos tem aumentado bastante e está cada vez mais democrática. Além do que, organizações coletivas comunitárias solicitam reconhecimento e participação como uma entidade reconhecida e representada nas assembleias do Conselho Comunitário, e assim com o surgimento de mais uma representação, vai surgindo também mais um novo líder na comunidade. Isso diversifica e dá oportunidades para outras pessoas, uma vez que a maioria dos líderes envolvidos nas ações sociopolíticas da organização comunitária sempre foram praticamente os mesmos envolvidos nas cerimônias e tradições religiosas, principalmente católicas. Também eram os mesmos envolvidos em eventos esportivos da comunidade (PINTO, 2000).

A oportunidade de coordenar está cada dia mais aberta às mulheres, que deixam de exercer somente participação em um grupo de coordenação, em papel secundário no auxílio aos coordenadores masculinos, e passam para a atuação principal. Muitas vezes pela necessidade ou ausência de um outro líder, a empreitada tem sido enfrentada como um desafio, e desenvolvida com dedicação e competência.

2.4 Viver na comunidade de Arapixuna

“Lá se bebe e lá se fuma
Lá se ama e lá se briga,
Mas tem paz e humildade
Tem fuxico e tem intriga,
E no fim de cada dia
Toda gente é amiga”
(PINTO, 2000).

Este trecho do poema “Minha terra”, de um autor da comunidade, Miguel Pinto, já falecido, expõe brevemente as vivências – festivas e harmônicas, e ao mesmo tempo de intrigas – entre moradores, em busca da amenização de conflitos para conviver de forma pacífica e respeitosa.

Estar na comunidade é de certa forma estar em família e, como uma grande família, conectados em uma rede de relações. O espaço pode ser confortável e aconchegante e passa a sensação de segurança, de confiança, pois nesse lugar ninguém é estranho ao outro (BAUMAN, 2003). Em Arapixuna é assim, todos são conectados pela amizade, pelo parentesco ou por interesses afins. As pessoas se conhecem ou já ouviram falar um do outro, muitas vezes por apelido²⁹, por referência a um familiar ou por gestos ou atitudes marcadas na comunidade, e até mesmo por referência ao papel que desempenha, seja de trabalho, seja de ações políticas ou culturais.

As ações coletivas constituem a organização e o sistema social da comunidade, pois viver em comunidade vai além de se preocupar com ações próprias, mas também é dividir sentimentos, compartilhando alegrias, tristezas e experiências. Ter apoio em situações difíceis e a possibilidade de resolvê-las coletivamente diante de pequenos casos de conflitos, desafetos ou inimizades. E o respeito e comprometimento de viver em comunidade faz com que as discussões e debates tornem o espaço ainda melhor. A palavra comunidade guarda sensações que sugere uma coisa boa e se alguém vive um momento triste ou passa por alguma necessidade séria, sempre haverá quem lhe dê a mão, alguém que lhe dê ajuda (BAUMAN, 2003).

Toda essa rede social de apoio em que interesses e necessidades unem pessoas, cria o sentimento de estar associado e a satisfação de pertencimento, decorrem de fortes vínculos percebidos nas relações sociais. O que, no entanto,

²⁹ Cognome que faz referência a uma característica física peculiar que chama bastante atenção ou a uma atitude engraçada de censura, cometida mediante um zombador ou piadista da comunidade.

apresenta uma complexa sociabilidade, que por ser um local de vivência coletiva, além de permitir-se vivenciar relacionamentos afetivos, a vida comunitária implica também abrir parte de sua vida, tornando-a mais pública. A proximidade das moradias e do cotidiano, permite que tudo se compartilhe, inclusive a própria vida (BATINGA; PINTO, 2019; SIMMEL, 1983).

Estar em comunidade é ganhar segurança, mas o preço pago é a liberdade, dois conflitos difíceis de resolver. Pois quanto mais conhecido for na comunidade, mais terá a vida compartilhada, com a transmissão de mexericos, com fofocas depreciativas e/ou elogiosas, facilitada pela rede de relacionamentos onde uma novidade é rapidamente compartilhada, principalmente se a notícia é de interesse público (BAUMAN, 2003; ELIAS; SCOTSON, 2000).

Quanto às situações financeiras na comunidade, a economia das famílias em Arapixuna se dá por vários meios: trabalhos rurais; agricultura, com venda de produção de alimentos; serviços prestados a outras pessoas que possuem renda fixa; pesca; venda e revenda de produtos com pequenos empreendimentos comerciais; vínculos empregatícios no setor público municipal; e venda de produtos artesanais e alimentícios a visitantes da comunidade, principalmente em períodos festivos.

Em comparação à vida da cidade, Arapixuna é um lugar calmo, sem muito barulho de carros e sons mecânicos. Além de uns poucos vizinhos com rádios ligados nas estações AM e FM de Santarém, há os bares – e algumas casas – em que se pode ouvir músicas em alto volume. Na maioria das vezes, no entanto, é possível ouvir, em meio ao silêncio, os sons da natureza como o cantar dos pássaros, a algazarra de animais silvestres como macaco, o barulho da cigarra e até o vento tocando nas folhas e objetos.

Nos dias de eventos e festas, o movimento e barulho são mais perceptíveis. Fogos e rojões são constantemente lançados para dar um caráter de alegria, de vida e movimento na comunidade, e as pessoas saem de casa, atraídas pelo som e movimento na esperança de confraternizar e se divertir. Há competições de música nos bares e casas próximas, principalmente na área central da comunidade que soa como forma de um convite para mais pessoas desfrutarem daquele momento de alegria.

Esses eventos diferenciados são importantes para quebra de rotina do lugar, entendida por “canais correntes de ação reforçada por interdependência com outros e impondo ao indivíduo um grau de regularidade, estabilidade e controle

emocional na conduta, e que bloqueiam outras linhas de ação” (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 149). Essa rotina é muito comum em Arapixuna, pois não é apenas na vida profissional e na correria do dia a dia como nas cidades urbano-industriais que um dia é igual ao outro, mas também na vida privada de cada um e na tranquilidade do ambiente onde se vive, pois para muitas pessoas pouca coisa ou nada acontece de interessante e/ou de novo.

A vida em Arapixuna é, assim, caracterizada pela sociabilidade, nessa conexão de estar com o outro, para o outro e até contra o outro em alguns casos, em busca de uma convivência saudável, com a intenção de fazer do lugar um ambiente tranquilo, leve e equilibrado. Todas as ações festivas e de organização de espaço se dão no sentido de poder compartilhar momentos que dinamizem a comunidade e, como dizem, possam fazê-la “sorrir”, pois ter um espaço melhor é ter pessoas felizes no ambiente.

2.5 As influências do Lugar e do Cotidiano nas vivências de lazer

Um dos maiores desafios desta pesquisa foi o de compreender o lugar onde o lazer se configura e como se dá essa relação com os processos interativos sociais e culturais, considerando as vivências, o ritmo, as situações extraordinárias, as ocorrências das ordens e as rotinas diárias ditadas pela comunidade. Pois conhecer as vivências do campo implica em situar-se no espaço, em estar lá, em vivenciá-lo. DaMatta (1997), propõe considerar o espaço como o ar que respiramos: para senti-lo e vê-lo é preciso situar-se numa certa perspectiva. O espaço é fundamental para as vivências, portanto, para compreender como o espaço é concebido, é preciso entender a sociedade com suas redes de relações e valores cotidianos.

Além de perceber o espaço é necessário perceber o tempo. A vivência dele na comunidade não pode ser comparada à da cidade, mesmo entendendo que uma exerça influência sobre a outra:

Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir como um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de atividades que se ordenam também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização (DAMATTA, 1997, p. 34).

Elias e Dunning (1992), assim como DaMatta (1997), compreendem que a regulação do tempo se dá de diferentes formas, de acordo com o espaço. Logo, o tempo exigido pela vida em uma comunidade rural é diferente da que existe em uma comunidade industrial ou em um espaço urbano. Também Rhoden (2016, p.40) acredita que "a compreensão do tempo pode estar relacionada com o lugar onde se situa o observador, assim como a existência do tempo revela por si uma imperfeição, uma falta, que acaba funcionando como motor da vida".

Em uma comunidade rural a necessidade de orientação do tempo é mais voltada para referências e sinais da natureza que se repetem, como nascer sol, sol do meio-dia, pôr do sol, noite ou chegada da lua. Em num ambiente urbano-industrial, os minutos importam e as pessoas necessitam de instrumentos, como o relógio e o celular, para se orientar e regular suas ações e comportamentos.

Com o avanço moderno das sociedades, passa-se a utilizar um sistema padronizado de tempo, organizado a partir de uma regularidade temporal, linear ou cíclica. Mas nem sempre isso foi assim, pois muito antes todas as formas de mensuração do tempo tinham relação com eventos naturais, como as estações do ano, as fases lunares e a alternância entre o dia e a noite. No entanto, entende-se que uma sociedade pode ter o tempo calibrado por condições ecológicas, e disciplinado e universalizado pelo padrão e pelo operário, assim como pode ser medido por preces ou atos naturais, pois em todo sistema social existe uma noção de tempo e outra de espaço que constroem e são construídos pela sociedade. E em alguns, esses dois conceitos se confundem (DAMATTA, 1997; RHODEN, 2016).

Em Arapixuna, que é um ambiente rural, pôde-se notar algumas configurações de tempo incomuns na realidade da área urbana, que fazem sentido no cotidiano das pessoas. Há rotinas relacionadas com a natureza, no ritmo do trabalho doméstico e da produção agrícola, e em casos de trabalhos ligados com a rotina urbana, como é o caso do funcionalismo público da escola e do posto de saúde, em que o ritmo destas atividades profissionais é ditado o mais próximo possível do relógio.

Contudo, a grande maioria dos moradores da comunidade não tem envolvimento direto com as atividades do funcionalismo público, que passa a influenciar pouco na vida diária. Geralmente, se há um evento tradicional na comunidade, são as atividades relacionadas ao funcionalismo público que fecham as portas para que o evento característico da comunidade aconteça fluidamente, sem interferências.

Para os moradores, os dias da semana são referência para o trabalho, entretanto, o clima influencia a condição dessas atividades; caso ocorra chuva muitas tarefas previstas deixam de acontecer. O dia começa muito cedo, mas também é cedo que ele vai embora, pois as pessoas costumam se recolher ao pôr do sol evitando estar fora de casa à noite³⁰. Pela manhã, a preocupação é com tarefas imediatas como os trabalhos domésticos e de maior esforço, aproveitando que o clima é menos agressivo que o da tarde.

A hora do almoço e do jantar geralmente é cedo em relação à cidade. E tão importante quanto o cumprimento das obrigações e do trabalho diário no horário da manhã é o descanso depois do almoço: alguns preferem uma soneca, outros apenas “relaxar” o corpo. Este é um horário que é respeitado pelos moradores, as visitas inesperadas dificilmente acontecem, dando-se prioridade a esse tempo de descanso, e a comunidade fica repleta de silêncio. É importante ressaltar que a visita cortês com o intuito de “jogar conversa fora”, ou de “matar a saudade” é bem-vinda em qualquer ocasião, mesmo que o descanso desse horário seja prioridade.

O fim da tarde é marcado pelo encontro das pessoas em bate-papo no portão, na saída da escola, no bar para beber, no encontro de grupos para o jogo de futebol, nas atividades físicas, no encontro de amigos para o jogo de dominó, que só é divertido se for no bar³¹. Este horário é mais comum para as vivências da sociabilidade e situações de lazer; depois das obrigações diárias acontecem as reuniões sociopolíticas, as assembleias e reuniões das instituições políticas, religiosas e esportivas.

A relação tempo/espaco regula a vida social e são indissociáveis para explicar a vivência cotidiana. Em relação ao lazer, muitas explicações deste fenômeno negligenciam a questão da territorialidade quando enfatizam o aspecto tempo. Contudo, as relações sociais, políticas, econômicas, culturais e do homem com a natureza se dão sempre em um tempo e um espaço, e por isso, constituem "aspectos objetivos, subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, evidenciando conflitos, contradições e relações de poder" (GOMES, 2014, p.15). Deixar de pensar em

³⁰ Este recolhimento muitas vezes se dá pelos ataques de picadas de mosquitos, conhecidos por “carapanã”, além do medo das “visagens”, assombrações que no meio rural tem horário e lugar para aparecer e perseguir o humano vivo que geralmente está sozinho no ambiente. Por isso, em dias de festas em que as ruas e locais da comunidade ficam cheios de pessoas, esse medo desaparece e os carapanãs aparentemente se afugentam ou se distribuem entre as pessoas.

³¹ No bar, os amigos além de estar em ambiente público, saem do ambiente rotineiro da casa e podem ouvir novas histórias no encontro, seja contada pelos jogadores ou por quem vai contemplar o jogo.

diversos contextos, pode inviabilizar o lazer, pode silenciá-lo e até marginalizá-lo, principalmente em contextos minoritários.

Nesse sentido, acredita-se que as vivências de lazer na comunidade de Arapixuna estão relacionadas ao lugar e devem ser pensadas de acordo com as influências tempo/espaço estabelecidas, em que se incluem as manifestações culturais, a sociabilidade e a rotina compreendidas na comunidade.

3 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DO LAZER E AS VIVÊNCIAS NA COMUNIDADE DE ARAPIXUNA

Uma das reflexões sobre o lazer se apoia na evolução econômica da sociedade na perspectiva de Dumazedier (1999), um dos pensadores mais citados no Brasil na linha de pesquisa que afirma que o lazer é uma característica da sociedade moderna. Ele o define como uma atividade que se realiza dentro de um tempo outorgado ao indivíduo pela sociedade, liberado das obrigações do trabalho profissional, do trabalho suplementar, das atividades e responsabilidades familiares e das obrigações sociopolíticas e socioespirituais. É o momento em que o indivíduo se libera a seu gosto descansando, divertindo-se e desenvolvendo as capacidades de seu corpo ou de seu espírito.

Assim como Dumazedier (1999), Camargo (2012) também considera o lazer uma atividade oposta ao trabalho, relação esta que seria confundida por um grupo minoritário. Para ele, a associação entre trabalho e lazer poderia, então, “vislumbrar” uma espécie de semilazer. O autor contesta o lazer passivo por acreditar que mesmo um espectador tem opção de escolha e que, portanto, é impossível fazer absolutamente nada. No entanto, para Gaelzer (2013), o lazer é mais que uma atividade, é atitude, e deve ser considerado como resultado de uma opção pessoal, e as atividades, o meio de consegui-lo. O lazer considerado atividade não satisfaz como um posicionamento definitivo e isolado.

A contribuição dos teóricos nessa relação trabalho-lazer é relevante para compreender as relações com o consumo, percebendo as influências do capitalismo nas práticas de lazer dos dias atuais. Entretanto, o lazer também integra os campos humanos, em que é possível perceber o comportamento humano como ação simbólica e entender o que está sendo transmitido. Ele é visto como um emaranhado de sentidos e significados, em diferentes contextos em que se inclui a cultura, por isso é importante avançar os estudos sociológicos para entender os processos geradores de emoções dentro do espaço vivenciado. (ELIAS; DUNNING, 1992; GOMES, 2014; STÊNICO; PAES, 2016).

Estreitar a relação trabalho-lazer pode impossibilitar outras formas de perceber e de interpretar múltiplas realidades e até cercear ou mesmo bloquear as possibilidades de compreensão, em diferentes contextos socioculturais que apresentam particularidades e diversidades necessárias de serem reconhecidas

(GOMES, 2014). É importante também perceber o lazer como “um fenômeno que dialoga com o contexto e, por isto, é vulnerável e apresenta ambiguidades e contradições” (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 128)

Uma outra forma de perceber o lazer desassociado da relação com o trabalho é a considerada por Elias e Dunning (1992), na perspectiva de quebra de rotina e na busca pelo lazer como excitação e prazer momentâneo que tais vivências podem proporcionar, renovando medidas de tensão geralmente ausentes nas rotinas da vida. Essa busca pela excitação favorecida pelo lazer pode ser explicada a seguir:

Se perguntarmos de que modo é que se animam os sentimentos, como é que a excitação é favorecida pelas atividades de lazer, descobre-se que isso é dinamizado, habitualmente, por meio da criação de tensões. Perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria são produzidos e possivelmente resolvidos no quadro dos divertimentos. Diferentes estados de espíritos são evocados e talvez colocados em contraste, como a angústia e a exaltação, a agitação e a paz de espírito (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 71)

Além disso, as tensões não são vistas como uma perturbação da qual o indivíduo procura se ver livre, buscando a renovação. Tanto é assim que, em muitas atividades de lazer, procura-se intensificar essas tensões produzindo um efeito "catártico e a restauração do tônus mental normal, através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável" em um contexto mimético produzido pelo perigo imaginário e possivelmente resolvido, onde se pode experimentar múltiplas emoções e fortes sentimentos de maneiras e graus variados (ELIAS; DUNNING 1992, p.137).

No sentido da busca pelo prazer, Gutierrez (2001) acredita que não é possível pensar em lazer sem se preocupar com essa questão. Para ele a expectativa do prazer é um elemento fundamental, pois o compromisso do lazer não é necessariamente com sua consumação, mas com a luta por uma sensação de prazer que pode, ou não, vir a ocorrer. O objeto lazer incorpora aspectos importantes da subjetividade e liberdade, e a dimensão evidente do prazer está em um campo muito complexo, o da cultura, que sem o exercício da crítica e da reflexão pode ser naturalizado.

O Lazer pode ser concebido como uma necessidade humana na dimensão da cultura “constituída na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espço social. O que está culturalmente

determinado não são as necessidades humanas fundamentais, mas os modos como elas podem ser satisfeitas (GOMES, 2014, p.15).

O elemento da ludicidade é entendido por Gomes (2004) como uma linguagem referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade, marcada pela exaltação de sentidos e das emoções, visto que o sujeito, em sua essência cultural, está disposto a brincar, jogar, imaginar, compartilhar, desfrutar, rir e se emocionar.

As manifestações culturais são entendidas como práticas sociais vivenciadas como desfrute e como fruição da cultura, permeadas por aspectos simbólicos e materiais que integram a vida de cada pessoa e a cultura de cada povo, seja como possibilidade de diversão, descanso ou de desenvolvimento (GOMES; ELIZALDE, 2012).

O fenômeno social do lazer expressa peculiaridades do contexto histórico e social em que se desenvolve enquanto produção cultural, então “as ações são construídas em um tempo/espço social de construção humana, dialogando, influenciando e sendo influenciadas pelas demais esferas da vida na sociedade, o que permite ressignificar, continuamente, a cultura”, a dimensão espaço social é inseparável da dimensão tempo social e uma não pode ser explicada sem a outra (GOMES; ELIZALDE, 2012, p.84).

Nesse sentido, ele pode estimular as pessoas a refletir sobre suas realidades e vivências; a valorizar as diversas manifestações socioculturais lúdicas, confrontando o sistema vigente; e, ainda, a adquirir um caráter contra-hegemônico. Logo, ele dialoga com outros campos na vida cotidiana, além do trabalho, e não é um fenômeno isolado, ele “se manifesta em diferentes contextos de acordo com os sentidos e os significados culturalmente produzidos/reproduzidos pelos sujeitos em suas relações com o mundo” (GOMES; ELIZALDE, 2012, p.82).

O lazer como uma cultura vivenciada no tempo disponível das obrigações, combina tempo e atitude, abordando diversos conteúdos culturais. Para Marcelino (2007), o lazer é um fenômeno gerado historicamente pela sociedade, em que esta exerce influências sobre o desenvolvimento daquele e é questionada na vivência de valores. Entende-se que o tempo de lazer também é considerado como um tempo de desenvolvimento pessoal e social ao lado do divertimento e do descanso, um momento privilegiado que contribui para mudanças de ordem moral e cultural.

Esses aspectos de tempo e atitude no âmbito do lazer, apresentam-se como fundamentais para Marcelino (2012, p.8), pois “o lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade” sem desprezar o tempo que será disposto para tal. O lazer encarado apenas como atitude, como estilo de vida, fica na dependência exclusiva da relação da pessoa envolvida na atitude, podendo então ser considerada qualquer atividade como lazer.

Também pode-se refletir o lazer fundamentado pelo “lugar sócio-histórico do qual se pronuncia a palavra enquanto organizadora da cultura” e pode propiciar às pessoas tanto o descanso, quanto o divertimento e o desenvolvimento individual e social como parte integrante da construção cultural (SAMPAIO, 2008, p.139).

Ele não pode ser visto apenas como um conjunto de atividades, mesmo que se considere um amplo espectro destas. Faz-se necessário então, estudar o lazer em um campo multidisciplinar, exigindo contribuições de várias ciências e profissionais, percebendo-o como “fenômeno polissêmico com inúmeras conceituações e que podem, até mesmo, ser opostas” (BATINGA; PINTO, 2019; WEDIG *et al*, 2020, p.65).

O interesse pelo estudo do lazer muitas vezes é motivado pela indústria cultural do entretenimento, ficando impossível dissociar lazer/cultura/consumo, sendo que as atividades podem ser direcionadas, em maior escala, para consumidores com maior poder aquisitivo. Contudo, o tempo de lazer desvinculado desse sistema pode ser usufruído por muitas atividades que proporcionam alegria, descanso, prazer e satisfação (BATINGA; PINTO, 2019).

Ao problematizar o lazer para além dos espaços urbanos, Neves *et al.*, (2015) propõem enfatizá-lo como práticas sociais, analisando as experiências de uma forma relacional, imbricadas em realidades vividas, encarnadas de forma cotidiana e histórica em que, a partir de contextos e experiências culturais, possa-se ampliar o olhar sobre as pessoas e suas práticas sociais. Com isso, os debates precisam assumir o desafio de enfatizar as experiências culturais como dimensão constitutiva das relações.

O lazer, enquanto fenômeno em estudo, pode apresentar aspectos contraditórios, com as diferenças ideológicas, políticas, culturais, econômicas e sociais, que devem ser considerados e investigados profundamente. A padronização de um sentido do lazer pode fazê-lo perder suas características próprias, deixando de

"manifestar a expressão autêntica de cada povo, de cada comunidade e de cada grupo social" e só assumiria uma concepção universalista, se o sentido "fosse voltado unicamente ao indivíduo e à satisfação de suas necessidades básicas" (GAELZER, 2013, p.58).

Existe ainda uma discussão teórica muito ampla sobre ócio e lazer, a qual não será possível aprofundarmos aqui. Porém, destacamos o uso dessa palavra, pois em línguas como o espanhol, não existe a palavra lazer e o termo que mais se aproxima é o ócio, o que pode ocasionar dificuldades de compreensão e comunicação em outros idiomas (GAELZER, 2013). No Brasil, o termo ócio é visto no senso comum ligado a uma conotação negativa da preguiça, e só recentemente se passou a entender a palavra como "lugar de criação, âmbito do pensamento criador e transformação subjetiva e social" (MARTINS, 2016, p.55)

Ainda assim, quando se fala em ócio em nossa sociedade, continuamos sem compreendê-lo, por seus múltiplos e numerosos usos e significados, mas para Cabeza (2016) ele pode ser uma atitude pessoal e/ou comunitária que tem sua raiz na motivação e no desejo, uma forma de ser e até mesmo uma condição humana desejada e pouco alcançada. Em uma visão moderna do ócio, este confunde-se com o lazer, diversão e inutilidade, e até mesmo em condená-lo de afastar o homem de suas obrigações sociais e religiosas (SALIS, 2016).

Todas essas discussões no âmbito do lazer que nos levam a entendê-lo não somente como uma atividade, ou como um tempo livre, mas também como uma dimensão cultural, uma atitude, uma negação/oposição ao trabalho ou uma quebra da rotina, nos faz ter ciência de que existem olhares sobre o lazer muito diferentes e, por isso, não temos a intenção de afirmar qual a melhor teoria ou definição.

Contudo, para esta pesquisa ressaltamos o lugar onde o lazer é vivido, e o diálogo com os múltiplos aspectos socioculturais e simbólicos, além da busca pela excitação e prazer momentâneo. Pois entendemos a comunidade como um fator determinante para situações de lazer com significado especial, visto que dialoga com o contexto da realidade do lugar e suas vivências culturais.

3.1 Como o lazer acontece na comunidade de Arapixuna

“Tem de tudo um pouquinho
 Que até dá pra viver
 Lá se canta e se sofre
 E se trabalha até morrer
 Lá se joga e lá se dança
 Até o dia amanhecer”
 (PINTO, 2000).

As vivências de lazer dentro da comunidade acontecem na interação entre as pessoas, nos encontros em eventos e em visita aos amigos, bem como nas promoções de festas dançantes ou em diversas manifestações culturais organizadas pelos moradores. Ocorrem eventos esportivos e até mesmo religiosos festivos. O trecho acima de Miguel Pinto (2000), autor da comunidade, ressalta a emoção festiva do encontro e da vivência comunitária. Muitas vezes, a venda de iguarias na área central da comunidade é um pretexto para reunir e “ver gente”³², conversar e rir um pouco.

Além destes compartilhados, também ocorrem vivências de lazer de forma mais reservada nos ambientes familiares como nos quintais das pessoas com a presença de amigos para confraternizar ou com evento religioso festivo. Na comunidade, a sociabilidade se apresenta como elemento básico do lazer, desempenhando papel primário (ELIAS; DUNNING, 1992).

As vivências de sociabilidade como lazer se apresentam as relações entre as pessoas e constituem como um fator importante:

Dentro das atividades da comunidade a gente sempre tem um lazer, quando a gente se reúne para conversar, para fazer um passeio, para a gente praticar os atos que vai revitalizar ou levantar nossa autoestima. Eu acho que tá dentro do requisitos do lazer (Maria Figueira).

No final de semana se não tem festa do clube, mas tem que ter um jogo e depois daquele jogo tem um som e lá naquele som tem que ter bebida, tem que ter dança, tem conversa, tem piada rola de tudo. E os amigos, as pessoas, se encontram e elas vivem esse momento, um momento feliz. Elas extravasam tudo que tem de ruim, de tudo que tem de pesado (Delfim).

O contexto do lazer na comunidade foi lembrado pelos participantes associado aos eventos festivos, à música, à dança, ao passeio, à bebida. Mas também

³² Os moradores usam muito essa expressão quando vão passear de forma desinteressada no intuito de se distrair. Geralmente esses passeios, com o intuito de ver pessoas, acontecem nas áreas de maior concentração de público, como na praça próximo às vendas e nos campos de futebol.

associado à interação, ao encontro, ao vínculo afetivo. Uma conexão de sociabilidade, importante para suas vidas, cujo alvo é o sucesso do momento sociável e da lembrança dele, que depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre, sem propósitos objetivos, nem conteúdos e nem resultados exteriores, e que muitas vezes o prazer de um indivíduo está ligado ao dos outros. Dessa forma, “a sociabilidade demanda o mais puro, transparente, e atraente tipo de interação”, a ponto de os indivíduos se tornarem socialmente iguais (SIMMEL, 1983, p. 173).

Essas formas de viver o lazer em Arapixuna têm relação direta com o lugar onde ele se manifesta, seus espaços e ambiente natural, além do próprio ritmo cultural da comunidade diante da organização de uma ação simbólica. Elas são expressas principalmente nas práticas de sociabilidade, estreitado pelas relações de amizades, de grupos e vínculos afetivos familiares. Por meio desse contato social se adquire identidade e ocorre as integrações com as pessoas, promovendo mecanismos de comunicação, elo de influência e novas percepções pessoais, do mundo e das relações (GEERTZ, 2008; SAMPAIO *et al*, 2014).

As programações de lazer motivadas de forma particular pelos moradores se dão em conjunto com os amigos e/ou familiares que planejam e organizam o encontro em suas casas ou na casa alheia. Algumas vezes não tem nada programado, mas por necessidade de não tornar aquele dia rotineiro, resolvem confraternizar e se reunir. O momento de comer juntos entre amigos e familiares e os momentos íntimos em família são descritos nos excertos:

A gente está prestando atenção nesse lazer, que rola também... como se diz... um junta panela que se diz, um junta panela... tá pegando isso aqui. Faz uma partilha ali, né? O peixe, traz o peixe de lá, tem o peixe, tem a carne... Então pra ali é um lazer. E a música sempre tá no meio e os bate papos, as coisas do passado também vem à tona e às vezes até são colocadas em prática, quer dizer não em toda parte, mas principalmente onde nós estamos aqui, acontece. Que temos um grupo, temos vizinhos... Então, tem esse momento aqui: vamos parar e vamos brincar e vamos se reunir e vamos fazer isso aqui (Delfim).

A gente não tinha nada planejado, de repente a gente pensou em assar uma carne, comprar umas cinco cervejas e a gente assou aqui e aqui ficamos entre família, aí ouvimos uma música aqui no pendrive³³, as minhas músicas católicas que eu gosto (Vânia).

³³ Dispositivo eletrônico que armazena dados digitais, dentre eles, a música.

Esses momentos de lazer e de integração com vizinhos e amigos são muito vivenciados na comunidade. E junto está a família que é um meio privilegiado para enfatizar as relações de convivência, pois nela se busca apoio afetivo, suporte ao desenvolvimento e ao bem-estar de seus componentes (ZINGONI, 2008). Embora a vida familiar possa ser rotineira, pelo maior tempo de convivência com as mesmas pessoas ou por se viver rituais e momentos invariáveis que não sustentam todas as necessidades de vivência de lazer, a família pode fornecer “numerosas formas de equilíbrio emocional que combatem a relativa restrição emocional necessária em particular na vida profissional das pessoas” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.173).

Além dessas programações particulares de vivências de lazer, os dias de culto ou missa na igreja³⁴ e as celebrações festivas podem constituir uma forma de lazer, para algumas pessoas da comunidade, pois não configuram somente um momento de meditação, oração e devoção, mas também um momento celebrativo de encontro entre as pessoas que fazem das atividades na igreja, um momento de saudar o próximo e compartilhar vivências. Participar de atividades religiosas pode trazer alívio das tensões pelo fato de se desligarem da correria do dia a dia, além de trazer prazer e alegria e externar laços de amizades. Apesar da intenção não ser a de vivenciar o lazer, são alternativas diferentes das atividades cotidianas (ARAÚJO; ROJO, 2018).

Em Arapixuna, existem alguns momentos festivos religiosos de grande envolvimento de pessoas, pois a religião ainda exerce influência e controle de valores e costumes familiares na comunidade, como ressalta Delfim: “a gente sabe que Arapixuna é movido pela questão religiosa, porque tudo começou com a igreja. A gente vê que a Igreja Católica ainda predomina”³⁵. O participante cita como acontecem alguns momentos festivos religiosos, como a festa de São Sebastião, a segunda maior festa religiosa em número de visitantes, depois da festa de Sant’Ana, padroeira local. Esses eventos são de grande atração e apresentam práticas culturais indispensáveis pelos moradores, como a festa dançante:

³⁴ Existem cultos ou missas das igrejas católicas e evangélicas que acontecem geralmente aos finais de semana, podendo vir a ocorrer durante a semana em situações atípicas.

³⁵ A maior parte dos moradores é católica, mas existem duas igrejas evangélicas na comunidade.

A festa de São Sebastião não é só religioso ali, é o profano também, vamos dizer... de social, né? Na festa de São Sebastião que começa, lá muito atrás tem a parte religiosa, tem a parte profana que é a parte social, a festa. Tem o leilão e o som, a música, a dança, a bebida, entendeu? Então para eles tá muito impregnado mesmo. Dizer que não é assim, que é assim do outro jeito. Mas não vão se contentar, não vão aceitar. Mesmo não sendo católicos praticantes, mas eles vão dizer que são católicos e era assim antes, e se não é assim... então não presta, não é a festa de São Sebastião (Delfim).

O relato do participante mostra dois tipos de momentos nas festividades da igreja católica, que chamam de religioso e social³⁶. A tradição da festa religiosa comunitária exige que existam esses dois contextos festivos sejam realizados durante a programação. Existe, então, a aproximação do sagrado e do profano, em que esses extremos são percorridos rompendo as barreiras entre o rito religioso e um espaço de divertimento com pessoas, bebidas, músicas e danças (BITTER, 2008).

Ainda sobre a vivência religiosa na comunidade, existe um momento de encontros de grupos de oração, que são reuniões religiosas e sociais com o objetivo de orar, meditar e estudar a bíblia. São conhecidos por células ou por grupo de vizinhos ou ainda encontro de vizinhos, dependendo do vínculo religioso, evangélico ou católico dos moradores, e são realizados normalmente uma vez na semana. Nesses grupos tem o momento de meditação religiosa e o momento de descontração e sociabilidade, além de troca de informações e compartilhamentos de problemas pessoais e comunitários:

Eu tenho meu grupo de vizinho que é outra situação também, que a gente vai para ali, aí a gente conversa, a gente conta as coisas, a gente ouve o que tá acontecendo pela comunidade, coloca o que a gente sabe. Então para mim é um outro momento de reflexão de lazer ali no grupo de vizinho (Irene).

Está claro que esses momentos de integração, cujo intuito seria o de meditação religiosa, também são voltados para momentos de descontração, em que há brincadeiras, anedotas e histórias divertidas. Além de compartilhar vivências, ouve-se os percalços da vida dos moradores que estão na reunião religiosa, bem como explicações das histórias que ocorrem na comunidade, cada um apresentando o que é de seu conhecimento. Assim, nesses momentos pode haver articulação política comunitária, além da atenuação de conflitos.

³⁶ O contexto social de uma festa religiosa católica na comunidade de Arapixuna se dá pelas atividades de divertimento com festas dançantes, com venda e ingestão de bebidas, eventos esportivos e outras atrações. E tradicionalmente, todos os anos realizam-se esses momentos, atraindo muitos visitantes.

As atividades religiosas também foram citadas pela participante Vânia na relação com o lazer, pois para ela o lazer pode ser uma ação voltada para o momento religioso que provoque não somente a integração entre pessoas, mas também satisfação individual, como aponta um trecho de sua fala: “eu gosto mais é de tá em movimentos de igreja que é, eu acho, aonde eu mais me identifico é tá sempre no movimento da igreja”. Para Gabriel (2008) não é apropriado estabelecer comparações e competições entre lazer e atividades religiosas, pois nem sempre as práticas de lazer estão associadas a situações mundanas, consideradas carnavais e desperdício de tempo em contraposição às práticas religiosas.

Além das vivências religiosas, outra prática muito comum é a de esporte³⁷, que envolve principalmente o futebol, e sempre foi muito importante e marcante na vivência e história dos moradores, como um espetáculo à parte (PINTO, 2000). Em Arapixuna bem como em outros lugares, o futebol é uma das atividades esportivas mais populares e atrai muitos espectadores, garantindo emoção nas competições entre as equipes, o que torna tudo mais interessante (ELIAS; DUNNIG, 1992).

A popularidade do futebol impressiona, e existe uma euforia contagiante de torcedores que ocorre não só na comemoração da vitória de um time, mas durante as partidas de futebol, pois além da possibilidade de uma vitória, existe a de uma bela atuação, celebrada como uma grande conquista (MELO, 2014). As pessoas se entregam ao momento, algumas torcem, xingam os erros, vibram com os acertos. E na comunidade existem as que estão apenas para observar a circulação de pessoas e as novidades dos acontecimentos.

No entanto, existe uma preocupação quanto a decadência do futebol masculino em Arapixuna, já que ele é entendido como “um dos principais produtos da indústria do entretenimento, atinge o mais variado público, de todos os estratos sociais, faixas etárias e gêneros” (MELO, 2014, p. 36). A ausência ou a diminuição da frequência dessa atividade pode afetar as formas de lazer na comunidade, como bem se apresenta no excerto sobre os clubes Luso América e Barão, mas ainda se fala sobre o surgimento e a ascensão de outros clubes na comunidade:

³⁷ Uma curiosidade é que antigamente, os mesmos organizadores dos festejos religiosos também tinham envolvimento na organização esportiva da comunidade.

Agora acabou tudo, não tem mais isso. Nem treinam, só limpam o campo se tem jogo, não tem mais treino não... e festa também [...] O clube sempre começa assim, não temos opções, a comunidade não tem, então vamos fazer pra nós, e vai saindo, na emoção... daqui a pouco eles brigam, já deixei esse aqui e já formei outro ali (Delfim).

O encanto pelos clubes de futebol mais conhecidos da comunidade transformou-se em certo descaso pela falta de realização de encontros, torneios não oficiais e práticas do esporte pelos jogadores. Os clubes tradicionais, Luso América e Barão do Norte³⁸, mantinham seus dias de atividades desportivas³⁹ nos campos toda semana e uma vez ou outra aconteciam torneios com outras equipes. A euforia de se ter na agenda uma partida de futebol todo final de semana enfraqueceu, e muitos integrantes de clubes se motivaram para a criação de novos times e até novos espaços.

Recentemente, surgiram clubes/times como o Pau-D'água, o América Eventos e o Santa Rita, este último em plena atividade, com encontros presenciais, participação em jogos e treinamentos. Destes, apenas o América Eventos é voltado para outros tipos de eventos, além do futebol. Outra equipe esportiva que surgiu e ganha admiração na comunidade é composta por mulheres que mantêm suas práticas esportivas regulares. A ascensão desse grupo adveio de uma extensão do clube Santa Rita e se autodenomina SEFA (Seleção Esportiva Feminina do Arapixuna), mas organiza-se de forma independente como um time separado dos demais.

Esse clube de futebol feminino é um grande avanço nas participações femininas da história da comunidade no esporte, pois o meio esportivo sempre foi ligado mais ao público masculino. Apesar de existirem antes, nos clubes anteriormente mencionados, integrantes torcedoras e jogadoras, não era tratada de forma tão significativa a importância com referência ao feminino como está sendo depois do SEFA. Além disso, é interessante lembrar que, em nossa sociedade, o futebol foi historicamente compreendido como esporte para homens e a receptividade maior ainda é do público masculino, e a busca da igualdade na prática do futebol na de condição de gênero ocorre em muitos lugares (SANTOS; GONÇALVES, 2019).

³⁸ Estes dois clubes esportivos, Barão do Norte e Luso América foram fundados pelas primeiras famílias da comunidade e são conhecidos por seus eventos tradicionais festivos, de festas dançantes e torneios esportivos de futebol que compõem uma data pré-fixada no calendário da comunidade.

³⁹ Os moradores chamavam de treino do clube, muito embora fosse mais uma brincadeira de futebol, uma prática do esporte entre os jogadores integrantes dos clubes.

Sobre esse clube esportivo de mulheres é possível perceber o respeito e consideração dos participantes Irene e Delfim por mais um momento de lazer conquistado para a comunidade:

Primeiro tinha o grupo de mulheres, dos times⁴⁰, agora os times estão se acabando, mas tem um grupo de mulheres que elas estão revitalizando e um grupo bem grande que um dia desses eu vi elas aqui no Barão treinando que elas iam se apresentar não sei para onde. E são novas... é do mesmo jeito do nosso grupo... senhoras, meninas, crianças e é mulheres, porção de mulheres (Irene).

[...] Lá tem tanto mulheres como os homens ali, o SEFA que é as mulheres e o clube Santa Rita que é os homens. Estão na ativa. É o único clube que está na ativa mesmo que se pode dizer “não. Esse aqui tá na ativa”. É como antes Barão e Luso aqui. Barão era terça e quinta, Luso era quarta e sexta os treinos na ativa e nos domingos tinham os jogos (Delfim).

No passado as mulheres se faziam mais presentes nos campos de futebol como torcedoras e espectadoras, e sua participação vem crescendo nas arquibancadas de Arapixuna. A atitude de articular e criar um clube esportivo feminino de futebol, além de manter o compromisso da prática do esporte como uma atividade de lazer, é plausível como uma conquista da mulher. Moraes e Bonfim (2017), refletem sobre prováveis tensões e negociações estabelecidas, além de preconceitos, que as mulheres precisam enfrentar para se fazerem presentes nas arquibancadas, esses espaços de exaltação da virilidade masculina.

Ainda assim, as maiores vivências de lazer relacionado ao futebol em Arapixuna se dão nos campinhos improvisados, em terrenos privados na comunidade, frequentados pelo público masculino, além de pela prática e contemplação do esporte nos treinos esportivos e nas brincadeiras dos encontros.

Outras formas de vivenciar o lazer na comunidade, especialmente nos fins de tarde ou finais de semana, é o passeio. Este pode ser tanto pelas casas dos conhecidos para fazer uma visita e conversar um pouco, quanto para a área de vendas de iguarias. Enfim, sair do ambiente da casa para socializar com outras pessoas da comunidade, conforme explica o trecho:

⁴⁰ A participante se refere principalmente dos times do Clube do Barão do Norte e Luso América.

Tem outro lazer que a gente diz assim, que as pessoas, elas saem, elas se convidam também, elas caminham pra fazer visita pra alguém e aquilo, o nome visita, mas na verdade é um lazer. É um lazer que a gente classifica também, que a gente diz que é lazer, porque até as pessoas dizem assim: - Fui lá na casa da fulana, -sim mas o que tu foi fazer né? -Não, é meu lazer ... era meu lazer, eu fui lá não tinha o que fazer e por isso eu fui lá (Delfim).

O passeio se configura como lazer, incentivado e realizado na companhia de pessoas da família ou amigos. Com essa vivência ocorrem laços afetivos maior com a companhia, a socialização e o contato com os amigos (FERREIRA et al., 2020). Elias e Dunning (1992, p.149) atribuem esse tipo de atividade de lazer menos especializada, "com o caráter vincado de agradável destruição da rotina e com frequência multifuncional". Neste contexto também estão incluídos os passeios para fora da comunidade, facilitados pelas estradas e ramais abertos para o transporte de veículos automotivos.

Para passeios em outros lugares, o grupo divide os custos ou articula para um transporte gratuito. Geralmente, visitam locais mais próximos, como comunidades vizinhas, ou vão às praias da região do distrito, que ficam às margens do rio Arapiuns⁴¹. Esses passeios são mencionados no excerto:

A gente sai também para passeio para outros lugares por exemplo nós saímos daqui da comunidade, vamos sempre conhecer outras praias, outros lugares com o grupo de idosos, com um grupo de amigos. Então a gente sai sempre pra outros lugares para dar umas voltas (Maria Figueira).

Essas pequenas viagens podem também ser incluídas como turismo, conforme Marcellino (2012, p.77), pois contêm um fator bem presente: "a quebra da rotina, pela busca de novas paisagens, costumes, enfim, de um estilo de vida diferente". E essa participação no grupo pode ser vista como uma oportunidade para diversão, laços de amizade, troca de experiência, dentre tantas outras já mencionadas, e de existir para além da rotina diária voltada para o lar, para a família e para o cumprimento de obrigações cotidianas (SANTOS, 2019).

Um fato que chamou atenção na comunidade sobre possíveis formas de lazer foi o uso de ambientes virtuais, possibilitado por celulares com tecnologias avançadas que dão acesso à internet, pois, devido aos custos mais acessíveis ao consumidor, a aquisição deste produto foi favorecida. Além disso, o uso da internet popularizou-se, extrapolando as esferas profissionais tecnológicas para outros planos

⁴¹ Rio que banha uma parte do Distrito de Arapixuna e desemboca no rio Tapajós.

existenciais, evidenciando, inclusive, especialidades no contexto do lazer. As Tecnologias da Informação e internet impulsionam formas de como o homem pode agir e intervir socialmente nos diversos campos da sociedade (MOREIRA; SCHWARTZ, 2007; OLIVEIRA; SALES, 2012).

Em Arapixuna, com as implementações de empresas de transmissão de internet via rádio e via satélite ou ainda com uso dos dados móveis de empresas de telefonia – nos pontos em que a cobertura da operadora alcança – essas vivências são uma tendência e o uso da rede social e da mídia virtual podem ser uma forma de lazer (LABEGALINI et al., 2017). Isso é possível identificar no recorte que retrata esta prática na comunidade:

Olha, hoje tem uma situação o Whatsapp, você vê aonde tem. Esta beirada aqui do barão era aquele monte, todo mundo sentado às vezes até uma hora da madrugada. Então para eles é lazer. O joguinho. É uma coisa muito boa para eles. Tem muita coisa hoje que a gente pode ver como lazer (Irene).

As tecnologias da informação e comunicação interferem no modo de viver dos indivíduos, pois ganharam uma dimensão muito ampla como um fenômeno da modernidade, tornando-se indiscutível sua presença e influência na vida das pessoas que têm sofrido transformações nos modos de pensar, comportar-se e agir socialmente (FIALHO; SOUSA, 2019; OLIVEIRA; SALES, 2012).

As redes sociais permitem que pessoas do mundo inteiro se comuniquem em tempo real de diversos lugares mesmo sem contato físico. Por outro lado, entende-se que a relação prioritária dos meios digitais pode prejudicar a consciência de espaço concreto, além de perda de sentimento de pertencimento geográfico a um local específico. E pode influenciar na interação interpessoal, costumes, valores e percepções de mundo (FIALHO; SOUSA, 2019). É possível identificar, no trecho a seguir, essas influências como algo negativo para participação nas atividades de lazer na comunidade:

Agora com a chegada da tecnologia, do celular, do wi-fi, a gente vê assim que é de *refega*⁴². Se tem atividades, se tem lazer como se diz, se tem uma viagem, se tem um jogo, se tem outras coisas... se deixar um pouco a tecnologia, aí acontece. Só que depois que termina, volta tudo de novo, as pessoas se dedicam mais ao uso do celular, da tecnologia, dão mais importância para as redes sociais do que as coisas que têm na comunidade, por exemplo a gente vê aqui no Arapixuna que têm muitos espaços que não estão sendo mais usados por causa da tecnologia, por causa do celular, porque não souberam discernir, não souberam assim planejar o tempo (Delfim).

Essa preocupação com o uso da tecnologia como relação prioritária pelos comunitários é enfatizada pelo participante Delfim que acrescenta que “se as pessoas não estão praticando esporte, não estão fazendo outras atividades, porque elas estão impregnadas ali no celular. Certo de que tem outros aspectos que contribuem. A gente sabe disso”. Embora acreditem que não só o uso do celular enfraqueceu os eventos culturais que aconteciam há algum tempo, têm a preocupação de que tal uso pode causar a diminuição da presença nos espaços públicos para a vivência do lazer.

Nas atividades de lazer na comunidade, percebemos um aumento da presença feminina em espaços como o futebol que, de acordo com Santos e Gonçalves (2019), historicamente é compreendido como um esporte para homens. No entanto, pouco se vê a presença masculina nos espaços onde as mulheres estão praticando lazer. E as mulheres percebem e sentem essa ausência:

Quem é o homem que quer entrar no nosso meio? A gente dança de homem e de mulher, porque os homens não querem. Nós tivemos uns três participando do nosso grupo, mas já faz quase três anos que nós não temos mais nenhum homem no nosso grupo (Irene).

Esse excerto fala sobre o enfraquecimento do público masculino nos grupos de dança da comunidade. Mas foi possível perceber que a participação em novas experiências de lazer é, em maioria, das mulheres. A presença dos homens nas atividades de lazer na comunidade ocorre mais nos jogos de dominó realizados nos bares, nas brincadeiras de futebol entre amigos e em atividades individuais.

Outras práticas bem comuns referem-se à presença de uma identidade cultural que reforça a noção de que o lazer e as formas de divertimento, como a brincadeira, podem ser transmitidos ou permitidos em qualquer contexto social. São as brincadeiras, jogos e as formas de diversão que as crianças vivem na comunidade.

⁴² Palavra muito usada localmente para falar de uma situação que acontece brevemente e/ou pouco. Ou ainda que acontece esporadicamente.

Para elas, não existe um espaço apropriado da comunidade para brincar, em cada canto é um lugar para criar, imaginar e se divertir (NUNES; CHAVES, 2019). Mas não são apenas os jogos e brincadeiras populares – como a queimada, a pira-pegas, o bole-bole, o taco, a pelada ou traquinagens inventadas – que cativam as crianças; experiências e eventos novos também são bem-vindos.

Entende-se então, que as pessoas da comunidade buscam vivenciar o lazer como algo novo, inesperado, que quebre a rotina e dê satisfação ao momento. O coordenador Delfim destaca que algumas pessoas não renunciam ao seu tempo de lazer: “Tem aquelas pessoas que determinam esse espaço, esse lugar, esse horário sagrado ao lazer”. E pode acontecer dentro de suas capacidades, seus limites e tempos disponíveis, em passeios, em encontros, nas conversas na porta da casa, muitas vezes com cafezinho⁴³ à espera da visita, e no bate-papo agradável depois de reuniões importantes na comunidade, permitido no tempo/espaço da própria comunidade.

É preciso, no entanto, estar atento para os processos de mudança na comunidade, pois a nova geração passa a demandar novas vivências sociais. A influência midiática também interfere, gerando outras expectativas, desejos que as atividades de lazer mais tradicionais e/ou comuns não dão conta de satisfazer, podendo, assim, perder a função de destruição da rotina e acabar se tornando rotineiras por conta da repetição ou de um grau de controle demasiado rígido. Se estas atividades deixarem de satisfazer as expectativas e de proporcionar um certo grau de excitação, podem até deixar de ser lazer para algumas pessoas, e isso pode explicar a perda de interesse dos comunitários por algumas atividades (ELIAS; DUNNING, 1992).

Estas características, de expectativa pela excitação do momento, motivam a comunidade a reservar algumas datas importantes, com um repertório de eventos que DaMatta (1997) chama de ação ritual, com o objetivo de quebrar a rotina, proporcionando momentos extraordinários às ações da vida cotidiana, que transformam a vida individual em vivências coletivas, seja nas duplas, nos grupos, nas torcidas, no público. As pessoas esperam por momentos como esse e neles se projetam, realizam planos, guardam objetos valiosos para o grande momento e

⁴³ Esse tipo de encontro era mais vivenciado há alguns anos, o café ficava pronto na garrafa aguardando uma visita inesperada. Atualmente, ainda se faz, mas com menos frequência.

planejam parte de sua vida para que nesse dia (ou instante) tudo saia conforme o esperado.

3.1.1 Calendário de eventos festivos na Comunidade

As datas comemorativas na comunidade são importantes para despertar o desejo do evento esperado. As expectativas, as previsões e a preparação asseguram um período de antecedência para a vivência de emoção e prazer. Em Arapixuna, os eventos constituem parte do lazer expresso no cotidiano da comunidade, imbricados pelas manifestações culturais vivenciadas como desfrute e como fruição da cultura, com significados singulares para os sujeitos que os vivenciam (ELIAS; DUNNING, 1992; GOMES, 2014).

Um excerto da fala de Delfim indica como a comunidade de Arapixuna se transforma nos dias de evento:

A comunidade, a gente vê que ela se transforma quando tem uma atividade assim, do nosso lazer do interior, se tivermos um jogo por exemplo, as pessoas já se mobilizam, elas se convidam, elas se dão as mãos em todos os sentidos, principalmente na questão econômica que a gente vê que parece que não tem aqui, mas no momento ali sai pra um lazer, sai pra um jogo, sai pra uma viagem, sai pra uma festa com alguma coisa assim, e aparece aquele líder, aparece aquela pessoa que tá conduzindo e a gente nem imaginava que ela era capaz de liderar, de conduzir (Delfim).

É possível identificar que existe uma dinâmica em prol do evento, com pessoas ajudando outras para celebrarem juntas; o ritmo da comunidade muda com os preparativos do evento. Essa transformação refere-se aos momentos em que seres individuais se transformam em seres coletivos, modificando a rotina diária do local. Para DaMatta (1997) isso se configura no que ele chama de ação ritual, que independente da cerimônia ou do tipo de ritual, apresentará variações em termos de sujeitos ou focos do ritual.

Esses eventos geralmente são promovidos pela própria comunidade para confraternização de pessoas da localidade e/ou para visitantes que encontram em Arapixuna um atrativo turístico e de entretenimento. Os eventos festivos pré-fixados pela comunidade serão apresentados de forma mensal:

Quadro 3: Períodos de eventos festivos na comunidade de Arapixuna

Mês de evento	Descrição do evento festivo na comunidade
Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> Festa de São Sebastião, geralmente organizada pelo grupo conhecido por foliões, realizado na matriz da comunidade. Um evento tradicional bem conhecido na região tendo em vista sua história, rituais e símbolos.
Março	<ul style="list-style-type: none"> Festa do clube esportivo do Pau-D'água, organizada pelo bairro de mesmo nome, recebem clubes vizinhos com realização de torneios de pênalti e festa dançante com música ao vivo.
Abril	<ul style="list-style-type: none"> A celebração religiosa tradicional católica da semana santa e páscoa, com o cortejo da via sacra na Sexta-Feira Santa, saindo da comunidade do Laranjal até a comunidade de Arapixuna, seguido de apresentação teatral. Muito participada por moradores e visitantes; Festa do Clube Esportivo Luso América, geralmente tem sua programação oficial no Sábado de Aleluia, com um grande público.
Maio	<ul style="list-style-type: none"> Comemoração ao Dia das Mães em Santa Luzia e Pau-D'água, com o que os moradores chamam de manhã alegre. O fim de semana tem muitos visitantes que chegam para homenagear suas mães.
Junho	<ul style="list-style-type: none"> Festa do Clube Esportivo Barão do Norte, com grande público participante; Festa junina na escola da comunidade, bastante aguardada pelos comunitários; Diversas programações juninas organizadas por grupos afins nos quintais grandes de residências, e por entidades sociais participantes do corpo político de Arapixuna; Evento católico religioso de Corpus Christi.
Julho	<ul style="list-style-type: none"> Festividades de Sant'Ana, padroeira católica da comunidade. Um mês muito aguardado e especial para qualquer morador, pois é o mês do reencontro, por conta das férias escolares; além disso, é período de uma das maiores festas católicas do interior do município de Santarém. Nesse período, existe uma programação extensa na comunidade, mas que não pode prejudicar a programação oficial da festa.
Agosto	<ul style="list-style-type: none"> Festival da cultura, organizado pelo CODESCA. Esse festival antes era conhecido como festival da laranja, mas mudou para envolver mais práticas culturais; Festa do Clube Esportivo Santa Rita.
Setembro	<ul style="list-style-type: none"> Semana da pátria, organizado pela escola da comunidade com desfiles e apresentação da banda da escola, onde o público comparece para prestigiar.
Outubro	<ul style="list-style-type: none"> Comemorações do Dia das Crianças realizada por pequenos grupos.
Novembro	<ul style="list-style-type: none"> Dia dos finados⁴⁴, muitas pessoas de fora vêm velar seus mortos enterrados em Arapixuna: são pessoas de comunidades vizinhas, outras de Santarém, de Belém e até mesmo de outros Estados. A programação religiosa católica é marco do evento.
Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> Confraternizações de fim de ano entre vizinhos, grupo de bairro, grupos afins; Festividades de Santa Luzia, com uma programação religiosa e os festa dançante; Natal, geralmente comemorado em família ou grupos de amigos. Há ritos religiosos na igreja às vésperas e no dia de Natal. Festa da virada de ano na sede do Barão do Norte.

Fonte: Elaborada pela autora a partir do material da Pesquisa (2020)

Esses eventos festivos de lazer na dimensão cultural “proporcionam não só reprodução e consumo de bens materiais e simbólicos, como também criação,

⁴⁴ Conhecido pelos arapixunenses (moradores e conterrâneos de Arapixuna) como o dia da iluminação.

vivência, experiência, (re)apropriação, transformação e invenção” (ROSA, 2007, p.198). Em que valores, tradições, comportamentos e costumes são produzidos e reproduzidos, criados e expressados.

As festas dos clubes na comunidade são destacadas por Delfim como uma prática vívida de lazer, pois a busca pelo evento festivo e a euforia que ocorre pela situação da festa são muito perceptíveis:

O nosso forte aqui no interior são as festas dos clubes nos finais de semana, agora é sempre sábado e domingo, começa de dia e vai pela noite, se estende. E então lá acontece o lazer eles dizem, porque a gente classifica aqui que seja nosso lazer do interior, porque não tem outra pedida, não tem uma outra atração. Então há muito tempo, isso é cultural nosso (Delfim).

Essas festas e celebrações, bem como outras experiências de sociabilidade “podem assumir a feição de lazeres que têm significados e sentidos singulares para os sujeitos que as vivenciam ludicamente” (GOMES, 2014, p. 9). Estes momentos lembram alegria e euforia. A festa é utilizada para falar de comemorações ou celebração de alguma data ou acontecimento especial, para designar ações como o encontro, a reunião ou o agrupamento de pessoas para ter sensações e emoções (Rosa, 2007).

A maior expectativa nos eventos está voltada para a interação entre o público. Por isso, as ações rituais de lazer têm marco fundamentado nas visitas à comunidade. E isso é possível com a assistência da trafegabilidade por meio dos transportes fluviais e terrestres. No entanto, as causas ambientais podem influenciar a presença constante das pessoas na comunidade, principalmente com a vazante dos rios.

Figura 12: Porto da comunidade no período da enchente do rio



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Figura 13: Porto da comunidade - Grande vazante do rio



Fonte: Arquivo e registro da participante Maria Figueira (2020)

As imagens mostram como fica o porto da comunidade de Arapixuna no período da enchente e da vazante do rio. Mesmo com a facilidade de acesso por vias terrestres, via porto da comunidade de Aninduba até à comunidade de Arapixuna, o acesso a esta última ainda é prejudicado por ocorrências ambientais da vazante do rio, uma vez que a via fluvial é ainda o meio mais viável para se chegar até a comunidade e isso afeta os eventos que ocorrem de setembro a dezembro.

Com a vazante do rio não é possível trafegar pelo importante canal do sururu⁴⁵ e as embarcações têm de desviar a rota pelo rio Amazonas e entrar pelo furo da comunidade do Carariacá. E, muitas, vezes a vazante é tão intensa que as embarcações não conseguem nem chegar ao porto de Arapixuna e atracam em portos particulares à beira do igarapé.

Essas condições sem dúvida prejudicam o calendário de eventos e podem tornar tudo mais difícil sem a presença do público que movimenta, dá alegria e euforia, sem a excitação diante das mudanças na rotina da comunidade. Evidentemente, no período da seca, que corresponde aos meses do segundo semestre do calendário, é quando menos acontecem eventos festivos de lazer na comunidade de Arapixuna.

3.3 Espaços de lazer: ambientes vivenciados

Falar de espaço, inicialmente, pode nos remeter a um lugar estático e até mesmo neutro, mas para Santos (1988, p. 14) ele “é uma estrutura social dotada de dinamismo próprio e revestida de uma certa autonomia”, considerado um conjunto de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, bem como a vida que os anima ou aquilo que lhes dá vida, ou seja, a própria sociedade em movimento.

Ao pensar em espaços de lazer, podemos pensar em lugares vocacionados para atividades e experiências do tempo livre. Ou equipamentos de lazer, como denominam alguns autores como Marcellino (2012), Camargo (2012) e Pina (2017, p. 57), entendido por “um conjunto de instalações associadas, destinadas às práticas e aos serviços de lazer, espacialmente distribuídas conforme um projeto arquitetônico em um determinado ambiente ou espaço social e geográfico escolhido dentro de um território”, mas que também podem ser entendidos como os equipamentos que são usados direta ou indiretamente em atividades de lazer.

Em Arapixuna há espaços mais específicos, cujo objetivo de utilização é conhecido pela maioria dos comunitários, como a praça da igreja, a quadra esportiva, campos de futebol, além de praias próximas da comunidade. A praça da comunidade é um espaço de encontro entre as pessoas, o ponto de referência da chegada das

⁴⁵ Canal apresentado anteriormente como um braço de rio e via de acesso mais rápida e tranquila na seção 2.1 sobre o espaço da pesquisa

pessoas na comunidade, pois é o primeiro lugar de acolhimento depois do porto principal.

Figura 14: Praça central - Igreja de Sant'Ana



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Figura 15: Espaço de lazer para crianças - praça da Igreja



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

A quadra esportiva é um espaço específico para as atividades da escola da comunidade, mas também é pública, aberta para que os moradores possam fazer seu uso.

Figura 16: Quadra esportiva da comunidade



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Nesse espaço podem ser contemplados jogos relacionados ao futsal, handebol, voleibol, basquetebol e afins, apesar de este último não ser um esporte praticado na comunidade.

A sede dos clubes esportivos construídos na comunidade são a do Barão do Norte e a do Luso América que, assim como os campos de futebol, também são entendidos na comunidade como espaços para a prática de lazer. Nas sedes acontecem momentos de festas dançantes de clubes esportivos ou até mesmo de eventos religiosos. Nesse espaço ainda se comemoram aniversários e realizam-se festivais juninos/folclóricos.

Figura 17: Sede do Clube esportivo Barão do Norte



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Figura 18: Sede do Clube esportivo Luso América



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Os campos de futebol, e outros espaços disputados para a prática de atividades de lazer, começam a contemplar o público feminino, que conquista seu lugar e horário, marcando presença nesse ambiente com o futebol.

Figura 19: Jogo de futebol feminino do grupo SEFA



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Além do grupo esportivo da SEFA, outro grupo de mulheres também tem um espaço conhecido para vivências de lazer na comunidade: o Grupo de Ginástica⁴⁶ que frequenta o espaço do Conselho Comunitário e adjacências, realizando prática de atividades físicas e recreativas, e iniciou seus encontros com os idosos de mais de 60 anos. Porém, devido à grande procura de outro público por atividades afins, a participação foi ampliada e muitas mulheres abaixo dos 60 anos começaram a integrar

⁴⁶ Conhecido, antes, por “grupo da melhor idade”.

o grupo. Por sua história, esse grupo é conhecido atualmente por alguns nomes: Grupo Ginástica, Grupo de Idosos ou Grupo da Melhor Idade, mesmo as idosas sendo minoria.

Os espaços na comunidade que não foram construídos com a finalidade do lazer, mas que podem propiciar essas vivências, são muito comuns. Eles podem ser: as tabernas/bares, o espaço do salão paroquial da igreja, a própria rua, o igarapé ou igapós, os quintais de residências particulares e a sede do Conselho Comunitário, que pode contemplar eventos mais restritos. Estes espaços também foram lembrados pelos participantes da pesquisa, juntamente com os espaços específicos para o lazer, como ambientes mais utilizados para a vivência:

Aqui nós temos quadra, nós temos salão da comunidade que tem um espaço de lazer, nós temos campo de futebol que sempre a gente também vai para lá caminhar, a gente tem as nossas ruas também, que dá de fazer alguma atividade, temos a praça que é o espaço, também bom, que a gente faz o nosso lazer para lá. Nós temos bem espaços até para prática do lazer e a gente tem também transporte que a gente possa se reunir para algumas praias que tem ligação com a comunidade (Maria Figueira).

Pra este lado daqui tem esses quintais grandes. Pra lá nós temos mais, tem os centros, o Comunitário, o paroquial, a praça, a quadra (Vânia).

A gente observa que o lazer de algumas pessoas é lá na mercearia, é lá na Taberna, é lá na praça, é lá no campo de futebol, às vezes até mesmo lá na pescaria, vai pescar por lazer. Não é aquela pescaria obrigatória, aquele que mesmo é compromisso, é responsabilidade, não, tem também essas pessoas que fazem o seu lazer... fazem da sua pescaria, o lazer (Delfim).

Dos espaços relatados, um bastante comum entre os comunitários são as ruas, pois nelas podem ocorrer momentos e atividades de lazer. Por elas transitam pessoas que se conhecem, que podem se encontrar e conversar, acolhe-se visitantes, e são enfeitadas em períodos de festas. Nas ruas de Arapixuna, o tempo não dita as normas, como geralmente se vê nos espaços urbanos, onde as pessoas andam desorientadas com pressa de chegar ou partir, e a rua passa a ser apenas um detalhe sem significado, apenas trânsito (RHODEN, 2016).

Uma característica importante para a rua como espaço de lazer, de acordo com Munhoz (2004), é a adaptação temporária de espaços. Uma rua enfeitada com enfeites e confetes, por exemplo, conforme demonstra a imagem, transforma o espaço para a procissão da festa de Sant'Ana, apresentando um tempo de alegria:

Figura 20: Rua enfeitada - Festividades de Sant'Ana



Fonte: Arquivo da autora, registro próprio (2019)

As ruas de Arapixuna, quando se transformam em ruas de lazer, constituem um espaço adaptado para as vivências de atividades relacionadas aos diferentes conteúdos do lazer, por onde passam procissões religiosas e acontecem eventos festivos, além de jogos recreativos e populares da comunidade. Por isso, podem ser consideradas um espaço de lazer (MUNHOZ, 2004).

Outro espaço adaptado ao lazer são os quintais particulares dos moradores. Mesmo que apresente características de um lar, que para Batinga (2019) é um lugar de recolhimento, um contraponto ao ambiente externo, os quintais são também um espaço social fundamental de acolhimento, uma opção para usufruir o lazer com familiares ou amigos. Pois há integrações na recepção de amigos em um almoço, um jantar, uma confraternização de aniversário e outros eventos.

Apesar do lar não ser construído de modo específico para a prática do lazer, é nesse espaço que as pessoas passam a maior parte de seu tempo livre, principalmente as que tem menos condições de sair (MARCELINO, 2008). Além disso, com a chegada da energia elétrica em 2010, em função da política federal “energia para todos”, passou a ser mais comum se estar em casa em Arapixuna.

O bar ou taberna, como é comumente chamado, ainda soa como um lugar de encontro, de conversa jogada fora, onde se sabe dos acontecimentos na comunidade e ainda se pode fazer a ingestão de bebidas alcólicas, dividir momentos com os amigos, jogar uma partida de dominó. É um ambiente muito frequentado pelo público masculino.

Figura 21: Taberna mais antiga da comunidade



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

A taberna apresentada na imagem existe há anos na comunidade, pode-se dizer que é o ambiente de encontro mais antigo dos moradores e visitantes que gostam da ingestão de bebidas ou simplesmente de estar em ambientes como esse.

Na área central da comunidade concentra-se o maior número de tabernas próximas da área livre para venda de iguarias típicas, constituindo o ponto de encontro dos moradores:

Figura 22: Área central - concentração de tabernas



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Os espaços rurais podem não constituir propriamente um cenário focado para o lazer, como Pina (2017) sugere ser o espaço urbano. Mas, como um espaço dinâmico, podem contemplar diversas manifestações e atividades simbólicas que caracterizem as vivências de lazer. Não são apenas observados pelo seu caráter

natural, geográfico ou social, mas pelo que podem proporcionar para a quebra da rotina na comunidade como, por exemplo, os igarapés ou igapós, que são bem diferentes dos ambientes urbanos e, para algumas pessoas, proporcionam grande satisfação mediante a descontração com pesca ou contemplação do ambiente diferente.

Se equipamentos específicos de lazer são privilégio de poucos, é necessário um olhar mais aguçado para o ambiente em que se está, com sensibilidade e criatividade para explorá-lo. Ficar preso a uma percepção de lazer ligado a equipamentos específicos para sua prática é limitar a vivência, é reduzir sua abrangência na comunidade. A dinâmica de lazer nesses espaços pode ser mais bem implementada com a organização de grupos afins da própria comunidade, com promoção de projetos, eventos e reuniões celebrativas constantes (MARCELLINO, 2012).

A participante Socorro entende que o olhar diferenciado pode expor novas ideias de atividades e vivências de lazer para espaços não específicos:

Às vezes eu penso assim, como diz o ditado: da onde não se espera que se alcança. Talvez a gente pensa que o lazer seria só a quadra, o campo, a praça e de repente aparece um aí que se tornam uma parte de lazer. Um ambiente de lazer, só não sei ainda como seria essa forma de buscar (Socorro).

Por muitas vezes, não direcionamos o olhar para ambientes que possam ser ressignificados e transformados para as vivências de lazer. Por exemplo, a escola pode ser considerada um espaço para o lazer, não só pelos momentos recreativos dos intervalos das aulas e dos bate-papo na área aberta de convívio, mas também por planejar atividades alternativas para a comunidade, seja com projetos realizados pela própria escola, seja com projetos de terceiros. Para Marcellino (2012), uma ação de lazer bem realizada na escola contribui para aumentar o respeito das pessoas por ela.

Ressaltamos aqui a importância destes espaços para se entender como se diferenciam as vivências de lazer dentro da comunidade. Quando se fala em espaço, devemos pensar na comunidade como um lugar, com características próprias. Quando se pensa em tempo devemos perceber a influência de uma rotina diferenciada e das variações/causas ambientais como fator relevante para o sentido e significado de lazer nas vivências dos moradores da comunidade.

4 MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO COMUNITÁRIO E O PAPEL DO LAZER

Estar em um cenário como este, com coordenações na comunidade de maioria feminina, onde as mulheres protagonizam a organização dos espaços públicos, revela uma realidade sequer imaginada anteriormente. O fato é que existem obstáculos para participação política feminina, constituídos por situações históricas, uma vez que o espaço público e as instituições políticas sempre foram considerados espaços masculinos, logo gerenciados/dirigidos pelos homens (BIROLI, 2018).

Sempre houve mulheres que se rebelaram contra essa condição, em busca de liberdade, de seus direitos e de que sua voz pudesse ser ouvida, reivindicando suas necessidades. Um dos obstáculos na participação política das mulheres é a divisão sexual do trabalho: com seus componentes materiais e simbólicos, nela se assentam hierarquias de gênero nas sociedades contemporâneas, uma vez que tal divisão implica na alocação desigual de recursos fundamentais para essa participação, especialmente o tempo livre e a renda (BIROLI, 2018; PINTO, 2010).

A divisão sexual do trabalho é entendida como a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo, adaptada historicamente (SÃO PAULO, 2003). Para Bourdieu (2012), a divisão social do trabalho tem seu alicerce na ordem social funcionando como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina.

A divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o de separação e o de hierarquização. O princípio de separação se dá pela existência de trabalhos de homem e de trabalhos de mulher; o princípio de hierarquização se dá na valorização do trabalho, em que o trabalho de homem vale mais do que o de mulher. Em termos de divisão sexual do trabalho, afirma-se “que as práticas sexuadas são construções sociais, elas próprias resultado de relações sociais” (SÃO PAULO, 2003, p. 56)

Quanto à divisão sexual do trabalho, além das tarefas domésticas, são atribuídos à mulher os cuidados e as responsabilidades de pessoas, devido a condições físicas especiais e fatores sociais. Para Biroli (2018, p. 57), “cuidar exige tempo e energia, retirados do exercício de outros tipos de trabalho, assim como do descanso e do lazer”. Essas tarefas, cuidados e responsabilidades, divididos desproporcionalmente por sexo, sobrecarregam e prejudicam o tempo livre da mulher.

O fator tempo livre é determinante na participação em diversificadas áreas, inclusive na política e na coordenação de espaços públicos. Marcellino (2008) ressalta que o trabalho cotidiano na vida doméstica, a dupla jornada de trabalho e obrigações familiares decorrentes do casamento desfavorecem a mulher para a vivência do lazer. Pode-se, então, constituir um privilégio aos homens em comparação às mulheres.

Acredita-se que exercer o direito de tomar decisões contribui para uma emancipação da mulher, pois quando esta começa a tomar decisões em relação ao trabalho (doméstico, de subsistência), à prole (quando engravidar, quantidade de filhos), inicia-se, então, um processo de autonomia que vai influenciar sua vida política, social e cultural na comunidade. Ainda assim, essa conquista de emancipação se dá de forma cautelosa por causar certo desconforto no homem, que, na maioria dos casos, não sabe lidar com essa autonomia, sentindo uma perda do domínio sobre a mulher, muitas vezes também não sabendo se portar com o compartilhamento de espaços de poder (COSTA; PORTO, 2016).

A emancipação em Arapixuna com as mulheres como coordenadoras e representantes aconteceu em oportunidades de opiniões e tomadas de decisões, permitidas na participação de instituições locais. Assim como a escola, sobretudo a Igreja católica, destacada por Siqueira (2006), é importante na formação de lideranças locais de comunidades rurais, principalmente as femininas, pois muitas iniciam sua trajetória incentivadas por essas instituições. Dessa forma, as mulheres se destacaram na comunidade de Arapixuna, como bem observa o participante da pesquisa, Delfim: “de repente lá na igreja começa as mulheres, como liderança e não fica longe dos homens, dão conta do recado e as outras vão vendo e vão entrando”.

A Igreja e a escola foram fundamentais na autonomia e influenciaram diretamente e indiretamente as participantes da pesquisa, motivadas em afirmar suas capacidades a si mesmas e em proporcionar ações na comunidade. Nessa pesquisa, destacamos as participantes Maria Figueira, Irene Figueira, Maria do Socorro, Vânia Maria, Raimunda dos Santos e Ana Ramos como mulheres que estão na coordenação e representação de espaços públicos de Arapixuna.

Essas mulheres lutam e se articulam na realização de eventos ou em buscas de direitos e projetos para beneficiar os moradores da comunidade, independente de classe ou posição política. Infelizmente, para modificar o estereótipo feminino a fim de ocuparem mais posições de liderança, as mulheres têm que provar que são tão capazes e competentes quantos os homens para assumir posições

importantes (CANABARRO; SALVAGNI, 2015). Ainda assim, é importante destacar que não foi um processo tão fácil chegar a esse ponto de conquista do respeito, de conquista de espaço para serem ouvidas e garantir a aprovação de suas propostas:

Naquele tempo, elas foram corajosas, as que tô citando agora: professora Maria, professora Irene que eu lembro mais das duas. Então essas mulheres, para mim elas foram corajosas porque elas enfrentaram sim muito preconceito, muito *disque disque*⁴⁷ né? Mesmo essas de agora, que tem, daqui a pouco você vê alguém querendo falar alguma coisa assim né, mas não é assim como era antes (Delfim).

Mesmo o preconceito não sendo tão intenso atualmente como antes, como relatado por Delfim, elas ainda enfrentam efeitos de uma dominação simbólica com a discriminação. Nessa perspectiva, Bourdier (2012, p. 49-50) pensa a dominação simbólica "através de esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos habitus e que fundamentam aquém das decisões da consciência e de controle da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a elas".

Os excertos destacados de Maria Figueira, Vânia e Irene apresentam os preconceitos e dificuldades como mulher, ao assumirem cargos de coordenação na comunidade:

No início eu senti resistência, parece que eles não tinham muita confiança e segurança que a gente fosse capaz de desenvolver com eficiência trabalhos de liderança. Na primeira vez quando fui assumir a liderança da igreja, nos primeiros anos, eu tive muita dificuldade. Os homens me criticavam muito, achavam que eu não ia dar conta, porque era festa de padroeiro, era dessas coisas mesmo alto. E eu consegui com a graça de Deus, ajuda da minha família, do meu marido que me deu essa força também para que eu pudesse desenvolver meu trabalho de liderança, então eu consegui (Maria Figueira).

Eu encontrei muita dificuldade quando fui Diretora Regional pela primeira vez e me senti meio humilhada, por partes de outras mulheres, não foi nem questão de homens, mulheres mesmo, minhas parceiras, trabalhadoras rurais e derrubação. Eu fui muito derrubada em certos momentos, mais os homens também que lideravam, e sempre as opiniões da gente nunca prevaleciam, sempre que a gente queria colocar, alguém derrubava (Vânia).

A nossa comunidade tinha aquela situação do cacique⁴⁸ [...]. Depois que eles já não estavam assim com muitas condições mais de coordenar, de liderar, eles foram abrindo o espaço para os outros e eu acho que foi nesse momento que nós começamos a entrar, as mulheres. E aí os homens, eles já iam ficando mais: -Não. Tu sabe fazer (Irene).

⁴⁷ O participante se refere a fofocas preconceituosas.

⁴⁸ Referindo-se aos antigos coordenadores que tomavam posse de espaços públicos da comunidade e não davam a oportunidade a outra pessoa coordenar, a não ser que fosse de sua relação familiar.

A mulher ainda é alvo da violência firmada na dominação masculina, por homens ou pessoas preconceituosas que ainda entendem a posição da mulher presa aos afazeres domésticos, ao cuidar, visto que durante muitos anos, coube à mulher apenas este papel. Por isso as mulheres da pesquisa afirmam que precisam mostrar capacidade e competência, muito mais do que os homens, para estar à frente dos espaços públicos e ter apoio da comunidade. As desigualdades na participação se dão por uma escala de valores que, mesmo com os avanços na participação feminina, ainda não dão a elas um maior acesso a recursos capazes de reduzir sua vulnerabilidade (BIROLI, 2018; CANABARRO; SALVAGNI, 2015).

Existem ocasiões favoráveis, com exercício de funções coadjuvantes (secretária, tesoureira, assessora ou integrante de comissão na igreja), para apresentar suas habilidades e competências e, assim, adquirir confiança de um público conhecedor dos trabalhos que acontecem nesses espaços comunitários, a fim de garantir uma participação ativa na função de coordenação:

No meu trabalho de liderança dentro da igreja, eu ganhei muita confiança e até essa confiança levou a me elegerem para que eu pudesse ser Ministra de batismo, de casamento e exerci esse trabalho por 4 anos. E não tive mais assim tantas barreiras dentro da comunidade, muito pelo contrário. Eu sempre caminhava junto com nosso pároco e ele me valorizava, ajudou muito assim a ganhar esse valor dentro da Comunidade, depois disso eu me senti mais fortalecida como liderança, depois de passar essas situações mais críticas (Maria Figueira).

Elas descobrem, porque na verdade é uma descoberta... até certo ponto... ver que antes não era assim e até uma novidade para as pessoas. Surpresa. Por causa que a fulana agora já é professora, agora já é secretária, agora já é líder sindical, agora já é coordenadora, agora ela já dirige carro, agora ela já anda de moto, ela já faz um monte de coisa, é ela que vai resolver as situações. Então eu vejo que isso colabora, para que não só a comunidade desenvolva, mas também a sociedade (Delfim).

Com a atuação nas diferentes frentes de trabalho na comunidade, as mulheres desta pesquisa acabaram se destacando, e descobriram um potencial importante para coordenar, ganhando confiança e reconhecimento das pessoas:

Quando eles viram que eu consegui, que eu daria conta, aí eu senti que eles começaram a se envolver também me dando esse apoio, porque no primeiro ano foi praticamente eu, minha família e algumas lideranças mais próximas de mim, mas a comunidade mesmo queria ver o meu desempenho para ver se daria certo (Maria Figueira).

Tô lembrando da professora Maria, quando disseram que era a professora Maria coordenação da Igreja: - Mas mulher, logo. Onde que vai dar conta? E deu conta, [...] foi algo assim que foi acontecendo, aí vem os movimentos populares, vem o sindicato. Eu lembro que o sindicato que bateu muito nisso aqui, ele quis dizer que as mulheres poderiam sim exercer um cargo. Agora parece ser normal, por exemplo a Neide lá coordenando o Sindicato, a Socorro coordenando a Associação (Delfim).

O comportamento proativo permite o empoderamento e a emancipação sociopolítica dentro da comunidade. Essas mulheres possuem capacidades e competências capazes de gerar mudanças, por saberem se organizar e se mobilizar. Mesmo sem instruções profissionais, são motivadoras e cheia de autoestima, além de conseguirem gerar renda independente. O empoderamento pode ser "como a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência" (BERTH, 2019, p. 153).

Esses aspectos são observados pela participação na vida de sua comunidade, com reflexões críticas e conscientes dos problemas sociais do seu entorno. Isso lhes garante boa reputação e cada vez mais elevação nos cargos de primeiro escalão. Além disso, percebeu-se que a renúncia e o desânimo dos homens por estes espaços foi o que garantiu mais alcance e oportunidades às mulheres dispostas e motivadas a coordenar. Conforme trechos das entrevistas:

Porque se a gente for ver ocupando o cargo de professor, de secretário, de catequista, de líder sindical, de associação, de clube, você vê que tem as mulheres lá ocupando seu espaço. Isso é muito bom! Isso é muito importante! Agora o que acontece às vezes... um relaxamento por parte dos homens, quando eles veem as mulheres lá, cruzam os braços aqui, né? Tem esse outro lado também (Delfim).

As pessoas não querem assumir cargos, são poucas as pessoas que a gente acha pra assumir alguma responsabilidade de assumir algum cargo e deu mais oportunidade pra nós mesmo. Outra porque o número de homens que podem assumir são funcionários públicos, tem outros cargos não querem misturar.

[...] No meu ponto de vista que os homens não levam muito a sério esse trabalho e eles acham que as mulheres têm mais jeito de trabalhar com público, no caso eu falo do sindicato. Agora na Igreja, eu acho que não tem essa diferença não. Tanto os homens quanto mulheres trabalham igual, até porque dependendo de formação tem homem que tem mais jeito de falar, de conduzir e outros não, e tem mulheres que tem mais jeito de conduzir, vamos dizer a celebração, por exemplo. Mas aí as pessoas se sentem incapazes, ou porque não sabem falar ou porque vão falar errado, muitas das vezes é nessa forma que eu me encaixo de assumir certas coisas porque eu não sei se vou me expressar corretamente (Vânia).

O trabalho das mulheres pode também ser satisfatório e adequado para o desenvolvimento da comunidade. Conforme acredita Irene que, no excerto, destaca as habilidades das mulheres de Arapixuna em buscar auxílios, incentivos e parcerias:

Hoje é normal uma mulher coordenar uma entidade qualquer aqui no Arapixuna. E de preferência eles querem que seja uma mulher, porque eles dizem que uma mulher tem mais como conversar, a mulher consegue levar mais pessoas, a mulher consegue mais as coisas... Olha, quando a gente chegava na cidade, quando a gente entrava já diziam: -lá vêm elas (Irene).

O fato é que as conquistas femininas em Arapixuna se deram para além do esvaziamento da participação dos homens. A atitude de emancipação, de confiança e encorajamento dessas mulheres para concretizar aquilo que acreditam ser o melhor para o coletivo, somada a uma boa dose de autoestima, impulsionaram-nas para a participação ativa. Por outro lado, o enfraquecimento da dominação masculina na comunidade foi um fator muito importante para amenizar a violência e o preconceito contra essas mulheres, motivando a presença feminina nos movimentos políticos/sociais/culturais da comunidade.

4.1 Ser Mulher de referência na comunidade e os desafios no cotidiano

As mulheres em Arapixuna são partícipes atuantes da comunidade, seja nos movimentos sociais, seja nos políticos e culturais. Participam no esporte, no comércio, na igreja, na escola, na dança, no artesanato, na saúde e nos exercícios físicos, bem como no roçado e na pesca. São mulheres proativas, comunicativas, empoderadas e estão atentas “as necessidades das pessoas, aspirações e anseios, conciliando aos interesses das organizações e, objetivando um ambiente favorável ao seu desenvolvimento” (CUNHA; SPANHOL, 2014, p.93).

Na comunidade, as mulheres que coordenam os espaços públicos não são referência apenas porque estão à frente desses papéis, mas porque têm consciência de seu desafio, gostam de se envolver e conhecem muito bem o território em que estão, diferenciam-se pelo reconhecimento de sua capacidade de planejamento e organização, muitas vezes ligada a alguma instrução (ANJOS, 2009). O reconhecimento contribui para que sejam eleitas por votação popular ou indicadas por

confiança. E apesar das dificuldades e responsabilidades, muitas assumem o papel como uma missão divina:

Tento fazer o que eu posso e gosto, mas tem uma hora que dá um estresse... Aí bota a cabeça no lugar, voltando... tentando amenizar esse negócio dessa Associação, já cheguei muito ao ponto de desistir. Mas aí vem aquilo: é uma missão, é uma missão! Aí eu tento botar na reta, por mais que eu não consiga (Socorro).

Esse compromisso pode ainda encontrar barreiras ou ter apoio na família. Conciliar os dois papéis, para Canabarro e Salvagni (2015) é uma forma de superação no alcance dos objetivos planejados, pois é uma vitória a compreensão da família, e mais ainda sua participação, uma vez que nem sempre a mulher tem esse apoio, devido à sua ausência em casa comprometendo as atividades domésticas, ou ainda por causa dos ataques que ela recebe e pela sobrecarga de trabalho. Ainda que a família seja resistente à participação da mãe ou esposa, entendem que é importante para ela, e dificilmente deixam de ajudar totalmente, tornando-se o maior suporte das mulheres para o trabalho na comunidade, com opiniões e resolução de problemas.

Assim, um dos objetivos das mulheres é organizar-se de forma a conciliar família, atividades sociais e de coordenação, mesmo comumente acumulando tarefas e prejudicando o seu tempo disponível. Para estas mulheres, essa função é uma responsabilidade que não conseguem deixar de lado:

É uma responsabilidade que a gente adquire e que aquela responsabilidade a gente não consegue deixar de lado [...] mesmo a gente não estando na frente, mas a gente sente aquela responsabilidade de defender de colocar o certo, porque as pessoas que não participam, elas não sabem qual é o certo e aquilo que elas veem criticar, elas vêm para cima criticar, mas muitas vezes elas não sabem nem porque elas estão criticando, porque elas não sabem a verdade, não sabem o real (Irene).

Para a participante Irene sua responsabilidade é também educativa, uma vez que procura ensinar às pessoas como funcionam as ações de parcerias e as intervenções governamentais, bem como esclarecer o que é verdade e o que é boato.

Outras mulheres como a participante Vânia, veem nas atividades que desenvolvem na comunidade uma forma de se afastar dos problemas pessoais, e percebem o compromisso como uma fuga pessoal para focar-se no trabalho, além de ser uma ajuda na autoestima:

Se eu vou assumir um cargo eu penso que é um compromisso, é uma responsabilidade e eu tenho que me preocupar com aquilo. Então, outras coisas assim que eu penso que pode não dar certo eu acabei esquecendo disso e pensando naquele que vai dar positivo, entendeu? Eu gosto de tá com meus pensamentos cheios de compromisso para mim tá pensando naquilo assim (Vânia).

A mulher sente-se importante em um meio que a valoriza, onde recebe convites para coordenar e participar de cursos. Assim, essas atividades nos espaços públicos da comunidade causam bem-estar, e são realizadas com prazer. Com isso, as mulheres esforçam-se para cumprir com seu compromisso, pois sua maior recompensa à frente dos espaços públicos é o reconhecimento dos atendidos (ANJOS, 2009). Os desafios com seus compromissos estão representados nos recortes das falas de Socorro, abaixo:

Apesar de todas as dificuldades eu acho que sou uma mulher de muita fé e muito pé no chão, porque são 1001 desafios por ser filha única acho que levei os desafios de todos na costa. Como questão de família né? É um desafio muito grande para mim, mas eu tento levar da melhor maneira possível é difícil como tô falando é um desafio muito grande. Até esse relacionamento de divisão: família, compromisso... é um desafio grande, mas eu ainda me acho uma pessoa muito forte, eu me considero muito forte, apesar de todos os desafios. Até que não é todas as vezes, mas se tenta organizar essa parte para dar conta de Família, conta de compromissos comunitários e acabei acostumando. É difícil... mas tem que fazer (Socorro).

Para não serem alvo de preconceitos, críticas ou ainda comparações, elas se veem determinadas a organizarem-se e cumprir todas essas tarefas e responsabilidades públicas e particulares, como uma vitória pessoal. Para Anjos (2009), o reconhecimento da mulher como coordenadora implica no estabelecimento de laços sociais pela doação de energia, tempo e até objetos.

Como as pessoas, na maioria das vezes, não entendem como funcionam muitos trabalhos comunitários, também não sabem das dificuldades para promovê-los ou para solucionar os problemas:

A gente tá dando de tudo para gente deixar aquilo em ordem tudo feito, mas às vezes a gente não consegue na maioria das vezes a gente mete a mão no bolso, e forte mesmo, para gente poder conseguir aquelas coisas e às vezes as pessoas ainda vem para cima da gente jogar piada, jogar historinha (Irene).

A participante expõe no excerto as dificuldades financeiras, situação em que, muitas vezes, os coordenadores têm de recorrer ao próprio dinheiro para resolver

problemas. Na coordenação comunitária, em dado momento, é necessário trabalhar com dinheiro público e saber dirigir as ações para que não seja usado de forma negligente. E o controle do dinheiro está sempre sendo supervisionado, bem como questionado.

As mulheres que coordenam os espaços públicos em Arapixuna relataram muitas críticas em relação seus trabalhos, algumas decorrentes de seu gênero. Vânia expõe seus enfrentamentos como mulher, e a crítica de reprovação na tentativa de humilhá-la:

Olha, como mulher... Eu me acho uma mulher muito corajosa por muita dificuldade que eu já enfrentei na vida. Pra gente ser mulher, pra liderar em uma determinada situação... eu já enfrentei muita dificuldade, porque a gente sabe que a gente vive numa sociedade de muito preconceito. E a gente sente dificuldade, às vezes falta de apoio mesmo, das próprias pessoas da comunidade mesmo, outras eu já me senti muito frágil na questão das pessoas. Outras colegas, mesmo minhas, querem pensar que a gente não tem competência para assumir aquilo e outras que a gente percebe que está sendo humilhada na fala daquela outra pessoa (Vânia).

Algumas críticas de desaprovação que surgem, enfraquecem o êxito das ações realizadas, tornando-as insignificante em comparação às que ainda não foram realizadas, o que pode prejudicar a imagem da mulher que coordena. Algumas vezes é mediante uma forma simbólica que os críticos tentam enfraquecer estas mulheres. Na maioria das vezes não encontram apoio por elas mesmas se firmarem na determinação de seus objetivos (BOURDIEU, 2012).

Por isso, alguns críticos tentam amedrontar e depreciar os esforços dessas mulheres, conforme os relatos:

Teve pessoas que chegaram para mim que disseram que eu ia carregar uma coisa nas costas que eu não ia suportar [...]. Assim como eu penso em fazer para os outros, alguém pensa em fazer por mim. Se eu ver que for para melhorar alguma coisa, minha família, eu vou tentar fazer alguma coisa. Eu acho que assim as pessoas veem também. Eu já até coloquei se vocês acharem que eu não estou sendo o que deveria ser, não tem problema nenhum em encarar do mesmo jeito. Por que é assim eu acho que as pessoas escolhem pra ver melhorias né? Se não acontecer é um direito que têm de me tirar. Eu acho que dessa maneira (Socorro).

A participante Socorro comenta sobre essas críticas, e acredita que, por mais que se esforce para realizar a ação comunitária, não vai conseguir satisfazer a todos, e destaca a possibilidade de mudança de quem comanda o cargo, colocando-se à disposição de quem se sentir mais competente, como um direito de escolha.

Existem ainda pessoas que vão além, pois o intuito é dificultar e prejudicar o andamento da ação no espaço comunitário, conforme comentários da participante Raimunda, que acredita que as críticas, muitas vezes, são decorrentes da inveja provocada pelo sucesso do outro:

Tem muito olho para cima de mim. Tem certas pessoas que me apoiam e certas que me derrubam, querem me derrubar, mas não conseguem. Da minha parte, eu acho que pessoas não têm o que fazer, um desejo de ser assim e não são... e aí em vez de quererem ajudar, atrapalham entendeu? Porque não sabem fazer, não sabem cultivar as coisas (Raimunda).

Hoje em dia não se pode mais dizer assim: - vamos brincar, nós vamos partilhar, vai sair bacana. Não! Muitas vezes tem a pessoa que quer fazer, e tem a pessoa que quer avacalhar. Então pra gente fazer, a gente tem que meter as caras mesmo. – Vamos fazer as coisas perfeitas, vamos conversar, vambora... procurando as pessoas que tem a responsabilidade e queiram (Raimunda).

Para a ação acontecer de forma harmoniosa com sucesso, é preciso fazer alianças com pessoas comprometidas e que se sintam bem em ajudar. Da mesma forma, Maria Figueira destaca a necessidade de se ter mais pessoas envolvidas com as ações, a fim de não sobrecarregar uma única pessoa. Ela diz que nem sempre enfrenta algum tipo de problema para continuar no trabalho comunitário, mas algumas vezes há sobrecarga das tarefas e atribui a isso à falta de compreensão das pessoas:

Uma vez ou outra falta de compreensão que às vezes eles querem jogar toda a responsabilidade para cima só de um ou de dois e aí eles acham que a gente tem esse compromisso, por se envolver, de fazer tudo sozinha ou com poucas pessoas e tem aquelas que eu acho que em toda comunidade tem que ficam só sendo um grupo de crítica, de espionagem, ver o que a gente tá fazendo de bom, o que não tá, reclamam e criticam, mas são coisas que não atingem assim, a nossa vontade de continuar no trabalho... moralmente, afetar nossa coragem de avançar (Maria Figueira).

Os problemas vivenciados na comunidade, podem ser solucionados pelos próprios comunitários, se houver participação e interesse da maioria. Nesse sentido, é importante vencer/superar as pressões externas que podem gerar conflitos e competitividade entre os moradores da comunidade. O caminho da resolução de problemas depende da comunidade, de cooperação, e ajudando uns aos outros (BAUMAN, 2003). No trecho da fala, a participante observa essa importância para contribuírem com o crescimento da comunidade:

Não só falar, olhar, criticar, mas mostrar sempre um caminho, uma luz que nós possamos ser sempre uma luz para a nossa comunidade, para os outros, para as pessoas que por aqui passam e para que possam levar sempre boas impressões desta comunidade (Maria Figueira).

Maria Figueira acredita que estar à frente traz cobranças, mas faz apelo também aos conterrâneos, não apenas os comunitários, para que não esqueçam de contribuir com esse apoio, pois a ajuda precisa ser de todos.

No jogo de críticas e provocações, a mulher à frente do movimento político/social/cultural tem que se impor de vez em quando, pois é comum ser alvo de brincadeiras maldosas, do descrédito de sua competência e de calúnias sobre desvio de recursos e ainda possíveis vantagens pelo cargo que exerce. Muitas vezes, essas mulheres precisam exigir respeito em situações como estas:

Tem algumas mulheres que são pé no chão, ela está consciente do que ela está fazendo. Então se a pessoa chegar, até em tom de brincadeira falar, ela já tem uma resposta e essa resposta cala logo (Delfim).

É possível identificar na descrição retratada por Irene uma provocação que viveu e percebeu como forma de brincadeira maldosa quando coordenava o Conselho Comunitário:

Antes o Conselho não tinha um centavo. E nós começamos assim, [...] quando nós chegamos no final, no dia da eleição me lembro que quando eu entrei para eleição disseram: -ah meu Deus será que nós vamos ter dinheiro ao menos para registrar ata da nova coordenação. Aquilo me encheu, eu fiquei por aqui, mas não respondi uma palavra. Tá, fiz a reunião quando terminou a reunião, aí eu chamei a professora: -faça a prestação de conta. Eu sei que nós tínhamos 1.800 guardado, aí eu virei e disse: -E aí vai dar para registrar ata da nova coordenação? -oh dona Irene, eu estava brincando com a senhora, -Uma brincadeira do cola né? Ele deu risada. Então tinham essas situações, mas tem muitas outras pessoas eles confiavam, confiam na gente (Irene).

O preconceito em relação à mulher em cargo de coordenação é possível de ser identificado nas falas. Ele ainda existe relacionado a divisão sexual do trabalho e com a desvalorização de atividades definidas para mulheres, conforme pontuado anteriormente. Na comunidade ainda se percebem muitas falas e gestos preconceituosos dos moradores, os relatos dos participantes podem confirmar:

Eu convivo com o grupo de vizinhos talvez não seja preconceituoso, mas falam. No grupo de vizinhos a gente vê que a mulherada é a maior parte, poucos homens e aí surgem as falas por causa disso. Dizer que isso é de mulher, que isso é pra vocês. Ainda tem tudo isso né? Eu convivo no clube, eu convivo na igreja, eu convivo na escola, na Associação, no Conselho... Enfim, em quase tudo que estou lá e a gente percebe isso aí (Delfim).

Eu acho que ainda tem esse tipo de preconceito. Às vezes eu até ignoro quando dizem: – Mas tu já gostas de reunião. Tu já gostas de fazer essas coisas... – Ai que tu não para em casa, tu só vive de um lado pra outro. Tem que fazer. Aí eu digo: – Sabe de uma coisa, me acompanha, porque aí tu vai saber o que eu faço né? (Socorro).

Essa ideia de que a mulher deve se ater às atribuições domésticas e no cuidado com a família pode ser ainda um pensamento muito comum e possível de gerar essas formas de preconceito (BIROLI, 2018).

Entendemos que os desafios de muitas dessas mulheres, no desempenho dos papéis sociais e das ações comunitárias, podem impossibilitar que mais mulheres assumam cargos importantes, e ainda prejudicar o cuidado consigo, visto que, nessas situações, um dos maiores desafios para todas as mulheres é destinar um tempo para si mesmas. É, pois, fundamental destinar esse tempo para pensar em sua vida, fazer projetos, sonhar, cuidar da saúde e bem-estar, e viver o lazer (BIROLI, 2018; PINHEIRO; SCHWENGBER; GONZÁLEZ, 2018).

As dificuldades em participar mais ainda de atividades sociais, políticas e culturais dentro da comunidade são também acarretadas pelo fator econômico e pela indisposição atribuída ao cansaço das tarefas domésticas e profissionais. Um trecho da fala de Vânia apresenta essas dificuldades:

Agora uma coisa que impede, eu acredito que seja a minha falta de disposição, às vezes eu tô meio indisposta, eu não quero ir ou crio um problema pra não ir. Outra coisa também, a parte financeira assim que impede a gente um pouco também de tá nesses movimentos, nesses trabalhos, por exemplo, se tem um trabalho lá às vezes eu tô com um aqui e este trabalho daqui que é o meu doméstico, já impede pra eu ir pro comunitário e a gente depende deste trabalho daqui, no caso do trabalho da minha produção, meu profissional. E muitas das vezes o que a gente faz aqui, eu tenho que estar envolvendo eles aqui, que já me impede de deixar que um deles vá pra lá. Mas se eu puder deixar aqui e ir, o que é pra eu fazer, eles fazem e eu posso ir. Mas às vezes o que já me impede de ir é porque eu não quero deixar eles aqui sozinhos nesse trabalho (Vânia).

Ser mulher, mãe e dona de casa é um papel cheio de demandas. Muitas vezes é necessário resolver um problema dos filhos, de relacionamento conjugal, de

finanças ou de saúde. E isso prejudica o estado emocional destas mulheres, que ficam extremamente abaladas (BIROLI, 2016; RHODEN, 2016).

Como mulheres públicas/conhecidas e de referência na comunidade, elas não gostam de demonstrar fragilidade diante das adversidades ou dos problemas familiares e pessoais, procurando conviver e ainda continuar nos serviços comunitários. Vânia e Socorro desabafam sobre estas emoções que enfrentam:

Por mais que eu esteja querendo chorar na frente dos outros com problemas, eu tento sorrir, por mais que o meu sorriso seja um sorriso seco. Eu digo sempre assim: -eu tenho que sorrir seco pra não deixar ninguém perceber aquilo que está passando dentro de mim (Vânia).

Então, eu como mulher e liderança eu tento fazer o possível e dividir esse espaço de mulher, de dona de casa, comunitária, liderança... Só que o tempo vai correndo cada vez mais, corre rápido esse tempo. Lá uma certa hora que tem aquelas desavenças que nem todo tempo se tem apoio em casa. Tem horas que apoia, mas tem horas que desiste de apoiar e aí acaba se tornando problema na cabeça (Socorro).

É importante vivenciar momentos de envolvimento em eventos, de desafio, superação de limite, de conexão profunda consigo mesmo ou com um entorno significativo, pois causam bem-estar. Essas situações ruins, como as citadas, de estresses e tristezas vividas, além de prejudicar o indivíduo, dão uma sensação de tempo lento, com uma percepção de momentos desinteressantes, de chateação (RHODEN, 2016).

O lazer é muito importante para superar isso, além de oportunizar caminhos de transformação e ressignificação. No entanto, o acúmulo de obrigações é uma grande barreira, sendo uma das justificativas da participante Socorro:

Ser dona de casa acho que é uma coisa que ainda me impede assim, que ainda não consegui encaixar esse trabalho de ser dona de casa com essa parte de lazer. Pra mim, se eu for sair de casa pra algum lazer, as coisas de casa vão ficar tudo atrás. Aí se não fizer na saída tem que fazer na chegada. Ainda não consegui conciliar essas duas coisas ou então eu não sei o que tá faltando (Socorro).

As mulheres, quando querem sair do espaço doméstico para o espaço público, têm que “antecipar inúmeras atividades que são vistas como de sua exclusiva responsabilidade” (WEDIG et al., 2020, p.68), pois o tempo delas está sempre atrelado à dinâmica de vida de outras pessoas, sejam pais ou avós, seja o companheiro ou esposo, filhos, netos. A participante Maria Figueira entende que é importante viver o

lazer e, assim, ter uma conduta para interromper situações adversas presentes na rotina:

Às vezes a gente faz o tempo. [...] Então é sempre no espaço depois do almoço até umas três horas. Eu acredito que todos os dias eu faço um pouco de lazer. [...] No dia em que eu não tenho tempo pra isso, que eu fecho meu dia só no trabalho quando é de noite eu estou cansada, eu tô querendo me deitar, eu tô querendo descansar... (Maria Figueira).

Esses pequenos espaços constituem possibilidade de satisfação momentânea, voltando seu olhar para atender seus próprios interesses, em cuidado consigo. Cuidar de si “implica reflexão sobre o modo de vida, sobre a maneira de regular a conduta, de fixar para si mesmo os fins e os meios” (PINHEIRO; SCHWENGBER; GONZÁLEZ, p.67).

Algumas mulheres desta pesquisa conseguem distribuir melhor as atividades em relação ao seu tempo, podendo determinar, inclusive, um momento para cada situação e, assim, poder vivenciar o lazer. Mas as que têm pessoas que precisam de sua atenção e cuidado apresentam dificuldade com seu tempo livre:

Dia de terça e quinta eu nunca marcava um compromisso porque eu tinha o meu grupo de idosos. Dia de quarta a noitinha eu não marcava o outro compromisso, porque eu tenho o meu grupo de vizinhos (Irene).

Na família eu sou dona de casa, mãe, sou também conselheira, sou esposa, sou o quê mais (risos). Acho que sou muita coisa, não tenho em mente muito o que sou, mas eu sempre dou conta dos meus trabalhos de casa para depois ir para os das da comunidade (Maria Figueira).

Eu me divido em duas partes... eu tenho que dar assistência aqui para meus pais. Aí eu digo assim: -mamãe quando a senhora vai pra Santarém, tal dia? – então eu vou primeiro, pra poder eu ficar e a senhora vai –ou então, a senhora vai nessa semana e eu posso ficar essa semana. Então eu vejo assim, tenho que me dividir. Tenho que compartilhar também do meu plano no caso, eu faço um plano, chego aqui é outro. -Olha, tem tal coisa pra fazer, tal tempo. E eu já tinha atrás pra fazer só que eu não falei que eu tinha, aí então o que é que eu faço, eu despacho o que eu já tinha feito pra eu assumir só uma coisa (Rosineide).

Eu me divirto mais nas coisas comunitárias, por eu ser assim... essa questão de não ter aquele tempo disponível pra ter aquele lazer mesmo meu né. Aí eu já me divirto nas coisas mais comunitárias assim (Socorro).

A participante Ana também retratou uma liberdade em poder exercer o lazer quando diz “não sou aquela que se mata pelo trabalho. Porque quem faz o lazer sou

eu mesma”. Isso implica ressaltar que a relação do cuidar, conforme descrito anteriormente, ainda é uma grande barreira nas vivências de lazer, bem como na presença das mulheres no meio político. A sensação da falta de tempo implica no cansaço da mulher, no desgaste físico e mental, e reflete, de forma negativa, na saúde, na percepção de bem-estar, qualidade de vida e até na busca da felicidade (RHODEN, 2016).

Uma outra barreira das mulheres para o lazer está relacionada aos julgamentos feitos pela prática dessas atividades pelas pessoas. Quando um morador percebe uma pessoa religiosa e de liderança realizando atividades expressivas, favorecidas pela excitação do lazer, entende como situações profanas e imorais, e com falas provocativas acaba reprimindo estas emoções:

Eu vejo assim, se eu conseguir alguma coisa diferente eu ainda vou ser muito ignorada. [...]. Teve um dia que eu fui pra semana de formação lá pro Laranjal e no final teve a noite cultural, disseram que ia me contratar [...]. Aí eu disse: “por isso que eu não fui mais, porque a primeira vez que eu fui dançar tu já me avacalhou”. Por isso que eu digo assim, acho que tem coisas que se a gente for fazer... ainda tem essa parte, né? (Socorro).

Percebe-se que Socorro tenta viver variados tipos de emoções, mas é contida por comentários indelicados dos moradores. Para Elias e Dunning (1992, p.69) é importante considerar que “a contenção de sentimentos fortes, no sentido de alguém preservar um controle regular firme e completo dos impulsos, afetos e emoções é fator de origem de novas tensões”. Logo, é necessário viver o momento com liberdade, sem se importar com o preconceito, o que pode ser difícil dentro de uma comunidade em que muitos opinam sobre o outro.

O fator econômico pode também tornar-se uma barreira e ser determinante para algumas vivências de lazer, mas pode ser amenizado. O lazer pode ser mais acessível financeiramente em um ambiente de comunidade onde pessoas têm relações sociáveis, compartilham coisas, eventos e espaços, e assim compartilham esse lazer. A gratuidade do lazer contribui para fortalecer os laços entre as pessoas e, no espaço de sua vivência, pode-se compreender como mais “um elemento de identificação e conexão que as pessoas possuem com o território onde habitam, circulam, ocupam”. (AROSTEGUY e GOMES, 2020, p.13).

Todos esses desafios são enfrentados pelas mulheres que são referências à frente dos espaços públicos da comunidade. Entendemos que para elas se firmarem

no primeiro escalão de coordenação, é necessário estar em sintonia e ter apoio familiar e de amigos, que devem perceber sua própria participação na escolha dessa mulher/mãe/esposa. Os desafios vão desde críticas e preconceitos, passando pela valoração do trabalho, e podem prejudicar as vivências de lazer destas mulheres, que muitas vezes se utilizam de seu papel de coordenação com o pretexto de participação nas atividades como forma de lazer.

4.2 Sentido e Significado de Lazer para as mulheres: eixos de interesses

Apresentar sobre o sentido e significado de lazer, como definido pelas mulheres que coordenam espaços públicos em Arapixuna, pode ajudar a entender como se dá sua vivência e a conhecer as atividades desenvolvidas em seu tempo de lazer, identificando a necessidade desse fenômeno e sua importância no cotidiano delas.

Significado, entendido por Costa e Ferreira (2011), pode ser qualquer generalização ou conceito, fruto de um pensamento. Ele é a estabilização de ideias por um determinado grupo, utilizadas na construção do sentido. Por sua vez, o sentido tem caráter simbólico, que é o elemento mediador da relação homem/mundo. Entende-se que o sentido “se altera conforme se dão as relações, as evoluções no grupo social” (COSTA; FERREIRA, 2011, p.216).

No entrelaçamento das palavras existe uma riqueza de sentido possível. As palavras descrevem o mundo, e suas significações se acrescentam para determinar o sentido dos discursos. O sentido das palavras “é uma estrutura variável que se modifica de acordo com o contexto de uso (CAREL, 2017; SILVA, 2019, p.6).

Dessa forma, não abordaremos somente o conceito da palavra lazer, mas a dimensão que esse fenômeno adquire na comunidade, além de sua ocorrência para as participantes que protagonizam a organização política na comunidade e ainda buscam vivenciar seu momento de lazer. Este pode se dar em um emaranhado de sentidos e significados, produzido ou reproduzido culturalmente pelos sujeitos em suas relações com o mundo, assumindo sua feição em diferentes contextos partilhados nas construções subjetivas e objetivas dos sujeitos (GOMES, 2014).

De acordo com Elias e Dunning (1992, p. 175) “a satisfação proporcionada pelo lazer está limitada, em grande medida, ao momento”. Para vivê-lo, a dedicação

desse momento para si mesmo deve estar acima de qualquer outra. Para as mulheres que coordenam os espaços públicos de Arapixuna, o lazer faz referência a um momento em que se vivenciam situações agradáveis, de prazer, de bem-estar:

É o tempo que eu ocupo para descontraír um pouco das outras ocupações que eu tenho no dia a dia (Maria Figueira).

É um momento prazeroso, um momento que a gente tira para se divertir, um momento de relaxar, passar o tempo (Rosineide).

Para mim é o momento que você tira da sua vida para desestressar, para se sentir bem. [...] Ele fica na minha vida assim, que eu tenho que tirar um momento. O que eu tô fazendo diariamente não é o meu lazer. Eu tenho que sair do meu diário para poder fazer o meu lazer (Irene).

É ter um dia pra ti fazer o teu lazer: -Hoje eu vou sair pro meu lazer. Não é assim que dizem? -Ah! Chega de cozinha, chega de preocupação! (Ana)

Para mim a gente tem que tirar pelo menos 1 dia ou 2 dias... Por exemplo, pra mim sábado e domingo ou feriado. É a hora que estou fazendo (Raimunda).

Esses relatos nos indicam a percepção de lazer como alteração da rotina das atividades que essas mulheres habitualmente realizam. O lazer precisa ser vivenciado em um determinado momento planejado e/ou especulado. Embora muitas vezes sua realização seja decidida de imediato, pois as mulheres estão sujeitas à disponibilidade de tempo, é necessário estar preparada para enfrentar a liberdade de optar pelo lazer e saber como encontrá-lo:

Além de poder dispor de tempo, o homem deve saber de que maneira encontrará a satisfação sadia de suas necessidades básicas, de aventura, de expressão, de participação de grupo, de movimento e de desenvolvimento integral, dentro de suas limitações educacionais, físicas e econômicas, e do que isso dependerá (GAELZER, 2013, p. 62)

Buscam-se vivências que renovem suas medidas de tensão, e assim, proporcionem satisfação momentânea. Nas atividades de lazer, busca-se ainda a diminuição do estresse – momentos de restaurar as forças do corpo e da mente – momentos de excitação, que não se coloque em risco a ordem da vida social, e sim que ela esteja em equilíbrio e que gere satisfação (ELIAS; DUNNING, 1992; PAES; STÊNICO, 2016).

A seguir, nas especificações das mulheres sobre o lazer, é possível perceber a capacidade que ele tem de alterar a rotina do espaço e gerar sentimentos e emoções na vida das mulheres, de ajudar na saúde de forma prazerosa, de propiciar qualidade de vida e bem-estar. O lazer constitui momentos divertidos em que se pode rir, extravasar euforias e excitação, como também momentos de descanso, distração e contemplação. Além disso, é um espaço de relação social que possibilita uma integração profunda e amigável com as pessoas.

a) Lazer na perspectiva da saúde e qualidade de vida

Algumas mulheres apontaram, nas entrevistas, seus exercícios físicos como formas de atividades de lazer com papel fundamental para a saúde, qualidade de vida e bem-estar, que, para Werle (2018) não estão presentes apenas na área da atividade física e do fitness, mas atravessam e determinam modos de viver, pensar e intervir sobre/no lazer:

É muito importante na nossa vida o lazer, porque a gente vai para ali, a gente corre, a gente sua, a gente brinca. Se você vai com problema, poxa, mas eu tô tão... Você vai para ali, você volta, parece que você perdeu, você esqueceu aquele seu problema (Irene).

O lazer, nessa perspectiva, associa divertimento e desenvolvimento ou manutenção do desempenho das capacidades físicas e da estética corporal, entendendo-se que “tão obrigatório como divertir-se é divertir-se de forma saudável” (WERLE, 2018, p.21). A prática da atividade física de lazer proporciona bem-estar na ideia de cuidado consigo, mas também dos benefícios pós-atividades que os exercícios proporcionam ao corpo. A participante Irene expressa essa ideia, de acordo com o excerto:

Olha, eu sei quando eu tô coisa assim, quando eu paro de fazer exercício, de fazer essas coisas assim, de eu mexer pra um lado... Eu digo para as minhas filhas eu não posso parar de fazer as coisas, de capinar de varrer... Eu perco o equilíbrio. Se eu passasse um, dois, três meses sem ir pra ali, sem pular, sem fazer... sem capinar... eu quando quero ir para cá, eu vou pra ali, eu me levanto e já vou caindo para cá (Irene).

Os exercícios físicos podem contribuir no sentido de recuperação das forças produtivas, constituindo uma atividade meio, sendo o lazer, o fim. Essa prática não está apenas voltada para a sensação causada pelos exercícios, mas também está vinculada à relação entre as colegas que realizam juntas o exercício pois, nesse caso, mesmo associado ao rendimento e, em alguns casos, à competição, existe uma necessidade de cooperação, de cumplicidade e proteção (GAELZER, 2013; MOREIRA; SIMÕES, 2008).

As participantes entendem essa importância do lazer, relacionando os exercícios físicos com a interação social e ainda como alteração da rotina:

Final de semana, também os dias de terça e de quinta que a gente se reúne para fazer exercício lá a gente sorri, conta história uma para outra. Aí a gente caminha também. E para mim isso também faz parte de quebrar a rotina, do dia a dia para gente ficar mais reforçada de energia (Maria Figueira).

O Grupo de Idosos/Ginástica, do qual muitas mulheres fazem parte, reúne-se em alguns dias da semana para, de forma recreativa, exercitar o corpo. Para Ferreira et al. (2020), as atividades físicas e de lazer, a participação social, o convívio e interação com os amigos, contribuem para a saúde e qualidade de vida. Para Werle (2018, p. 23), cada vez mais “o lazer tem sido instrumento de manutenção e melhoramento da saúde”. Nesse sentido, comportamentos e atividades destinadas à saúde parecem ter a obrigação de entreter, e com a interação de amigos e um grupo de afinidade, é possível realizar esse momento de forma bastante agradável.

b) Lazer como sair do lugar cotidiano

Para as mulheres é importante fugir um pouco do lugar que se convive diariamente, das atividades que dificilmente se alteram ou se transformam. É importante ver e conversar com outras pessoas, comer outras comidas e ter contato com outros lugares que não seja o que se vê todo dia. Pouco importa aonde vão, ou o que farão, o importante é sair de seu lugar cotidiano:

Para mim o essencial seria eu sair com a minha família poder ter aquele momento só nosso mesmo, entre família e às vezes a gente faz, passa o dia inteiro na casa de uma pessoa que a gente considera como amigo, a gente já tá planejando agora para domingo né a gente almoçar lá, com um senhor lá que convidou a gente para ir para lá e dificilmente a gente faz, mas a gente sai, tenta fazer esse momento alegre na vida da gente (Vânia).

Para mim a gente tem que tirar pelo menos 1 dia ou 2 dias... Por exemplo, pra mim sábado e domingo ou feriado. É a hora que estou fazendo. Tem vezes que eu fico a semana inteira na costura. Hoje eu tô... essa semana todinha. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta... Sábado não quero nada nada dessas coisas. É a hora que a gente procura, ir pra um movimento assim... uma festa, ir brincar, relaxar a cabeça. Domingo, dia de domingo... agora vou dormir, vou tomar um banho vou almoçar, vou dormir, vou botar o som, aí o som fica ligado, aí vem o sono e eu durmo. Descansando a minha cabeça... isso é um tipo... sei lá (Raimunda).

Sair pro meu lazer. Passar o dia inteiro fora e eu não quero nem saber o que vai acontecer. Eu acho assim, eu gosto de fazer assim. Sempre venho pra casa da Nair, passo o dia inteiro praí. Às vezes vai me convidando: – Bora em tal parte? – Bora! Não quero nem saber se vamos almoçar, se vamos fazer alguma coisa. Eu não quero nem saber. Vamo embora, me divertir! É meu lazer (Ana).

Nesse caso, quando se destrói a rotina, permitindo-se sair do espaço habitual e repetitivo, as formas de excitação são alteradas, passando a ser um papel central das atividades de lazer (ELIAS; DUNNING, 1992).

O maior compromisso destas mulheres é com a busca do prazer, que provavelmente não encontrarão em casa ou nas ações rotineiras, por isso a luta é por uma sensação de prazer que, para Gutierrez (2001), pode ou não vir a ocorrer. A permanência no âmbito da casa nem sempre lhes permite vivenciar de forma completa as situações de lazer. Por outro lado, ao sair, elas interagem e veem um ambiente diferente, o que favorece o encontro com seu momento de lazer.

c) Lazer como diversão

Viver o lazer implica viver situações de bom humor, de otimismo e de criatividade. Os momentos alegres e festivos são favorecidos por essas atividades que autorizam as pessoas a fluir levemente, enquanto nas atividades sérias da vida, nas rotinas públicas ou privadas, a excitação é bastante reprimida (BATINGA; PINTO, 2019; ELIAS; DUNNING, 1992).

Uma vivência de lazer divertida é toda e qualquer atitude de brincadeira, de folia, de festa. Existe também uma ludicidade de maneira ampliada, que Gomes (2014) entende poder exercitar o simbólico e exaltar as emoções. Nesse contexto, é possível viver momentos alternativos de emoções e sentimentos, experimentados pelos sujeitos ao longo de sua vida. Essas vivências foram destacadas em alguns trechos das falas das participantes:

Fui para o Jari, eu dancei, brinquei. Brinquei muito lá, dancei, dancei. Eu não cheguei a brigar com ninguém, foi legal (Raimunda).

E sou extrovertida, gosto de me divertir, gosto de estar em rodadas de brincadeira, gosto de me divertir com crianças, de cantar, de fazer danças. Já promovi várias danças na comunidade com crianças, com adultos (Maria Figueira).

[...] Fui em um aniversário que eu sorri muito encontrei com muita gente e dancei junto, me diverti. Aí fui em passeios, fui no Balneário e aí lá também nós nos divertimos com histórias, eu contava de outro e dava graça. Aí nadei da água do Igarapé, brinquei com as crianças lá. E para mim foi uma diversão. Quando a gente volta para a rotina do dia a dia a gente tem mais energia, fica mais com vontade de continuar nas coisas (Maria Figueira).

Entende-se que o sorrir e o brincar nos remetem à felicidade e à alegria do momento. Para Comerford (1999, p.82), “brincar é algo divertido e marca o prazer de estar junto”, é também jogar com as emoções, remetendo a amizade presente na interação.

Para as participantes da pesquisa, a diversão pode ocorrer num momento em que se possa ouvir um som ou até cantar; em que se possa beber sem se tornar um risco para si ou para os outros; em que se possa viver a ludicidade, no rir e no brincar, influenciado pela companhia de pessoas alegres.

d) Lazer como descanso e percepção receptiva

As mulheres participantes da pesquisa também fazem referência ao lazer como uma forma de relaxar e aliviar as tensões, o relacionando à tranquilidade. Para elas, pode ser também um momento em que se pode descansar, distrair-se e contemplar. Um estado próximo ao que Cabeza (2016) explica como exercício do ócio

autotélico⁴⁹, uma condição humana determinada por uma atitude que tem sua raiz na motivação e no desejo, como uma ocupação desinteressada, livre e prazerosa.

Essa perspectiva foi considerada para as mulheres participantes como livre escolha do que fazer, em que o objetivo e a finalidade são a realização e satisfação pessoal, conforme os trechos:

Vou fazer tapete, ler um livro, histórias. [...] Eu tô ali de tarde ou a noitinha, de noite, fico cortando até horas. Sempre pego do meio-dia pra tarde, de manhã é difícil. Se eu pudesse de manhã eu iria fazer, mas não posso de manhã. Isso aí já é assim, depois do meio-dia. Eu digo assim: – Mas hoje eu não peguei no meu tapete, mas amanhã eu vou pegar depois do meio-dia. Aí acontecem os imprevistos e eu já não vou mais pra lá aí eu digo: – Poxa, tem dois dias que eu já não pego no meu tapete? (Rosineide).

Digo assim: – Hoje de tarde eu não vou fazer nadinha porque tem um filme que eu vi, que eu gostei, que eu não assisti todo. Aí eu vou assistir esse filme, vou ficar tranquila ali, olhando a televisão. Então para mim o lazer eu tenho que sair do trabalho, do meu cotidiano pra eu poder ir fazer aquilo diferente. [...] Se eu tô vendo a minhas plantas, se eu tô mexendo as minhas plantas, eu tô tranquila. Quando não tô pensando nas coisas, não tô vendo. Então eu tô cuidando das minhas plantas e eu tô me liberando as cargas (Irene).

Tem lazer que eu não consigo fazer, mas eu gosto de admirar. Tem coisa que não encaixa não, eu até falei um dia pra professora Maria, negócio de dança e música não é comigo não, mas eu gosto de apreciar, gosto muito, mas eu não consigo fazer, eu consigo só observar (Socorro).

Às vezes a gente faz o tempo, hora de meio-dia eu deito, leio alguma coisa, descanso, eu teço o meu crochê, eu converso (Maria Figueira).

Esses momentos podem ser um reencontro de si mesmo, um estado de espírito ou mesmo um passar de tempo, em uma entrega ao momento presente que poucos conseguem na plenitude, despindo-se dos problemas e das preocupações (CAMARGO, 2012).

Essas vivências podem amenizar um provável estresse, na concepção dessas mulheres, com os momentos para observar as pessoas se divertindo, para contemplar o ambiente, para meditar, cuidar do jardim e se dedicar às artes manuais, que são ligadas ao prazer de manipular, explorar e transformar, tecendo um crochê, costurando um tapete.

⁴⁹ Para Cabeza (2016, p.13) o ócio autotélico é entendido como “uma experiência vital, um âmbito de desenvolvimento que, partindo de uma determinada atitude, descansa em três pilares essenciais: livre escolha, fim em si mesmo (autotelismo) e realização e satisfação pessoal”.

e) Lazer como relacionamento social

Uma das características mais importantes do lazer para as mulheres é a interação entre indivíduos cuja convivência com outras pessoas da comunidade desfrute do prazer de estar em boa companhia. Seja para rir, para viver fortes emoções ou para apreciar situações de alegria e brincadeira, ou ainda para jogar conversa fora, contar e ouvir histórias, piadas ou brincadeiras e também fofocas do dia a dia. As pessoas se reúnem, sem obrigações sérias, numa estimulação divertida, sem riscos inerentes a elas, apenas para “desfrutarem a companhia uns dos outros, para terem prazer” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.180).

A presença e companhia de outros, a integração social, comparado ao que se experimenta em qualquer outra esfera da vida, promove um estado emocional agradável e de estimulação divertida muito maior, como pode-se perceber pelos trechos de relatos dos participantes:

Esse nosso grupo ali para nós é um lazer. A gente vai pra ali, a gente dança, a gente canta, a gente ri, a gente conta piada, a gente enche o saco dos outros. Então a gente sai dali leve, além dos exercícios que são bons para o nosso corpo. A gente faz aquelas danças para ir para o paróquia (Irene).

O lazer que eu tenho, como eu falo: a rodada de amigos sempre aparece pessoas aqui que acaba já se tornando aquele pouquinho de lazer naqueles minutos de conversa.

[...] Lazer para mim seria um passeio, um dia de amigos, rodeado de amigos, para mim seria a parte de lazer para mim, porque como eu falo sempre as pessoas veem o lazer como dança e música, festa essas coisas né? Como eu não sei fazer, só sei apreciar, eu preferia uma rodada de amigos, em um domingo, qualquer dia. A forma que eu uso como lazer é apreciar as pessoas se divertindo, aí para mim se eu tiver lá eu também acho que estou me divertindo (Socorro).

Quando eu meio descontraio das coisas para mim isso é um lazer que eu estou tendo e as minhas buscas de lazer faço de várias formas: é saindo, eu gosto de sair para rodadas, conversar, contar piadas, histórias que a gente ache graça [...]. Para mim essas horas... essas ocupações... essas coisas que disfarça assim minha rotina do dia a dia de ocupação, que às vezes a gente fica no corre-corre do dia a dia de um lado para outro e, quando a gente tira um pouco dessas horas para gente mesmo se descontrair eu acho que para mim isso é um lazer que eu tenho (Maria Figueira).

Nas narrativas das mulheres participantes da pesquisa, essa característica se dá pela sociabilidade e contempla grande parte das atividades relatadas que têm a necessidade de se estar com o outro, ver outras pessoas, ter a experiência do outro, em que se possa conversar, trocar ideias, divertir-se por causa do outro e com o outro.

Esse contexto se dá com a reunião dos amigos, com pessoas mais próximas da comunidade e com a família.

A própria sociabilidade, para Elias e Dunning (1992, p. 179) “desempenha um papel primário em encontros, como festas, ida ao bar com os amigos e por aí a fora”. Ela está também presente nas conversas sem propósito em si mesma, em que “contar histórias, piadas e anedotas, embora seja muitas vezes apenas um passatempo, quando não um atestado de pobreza intelectual, pode revelar toda sutileza de tato que reflete os elementos da sociabilidade”. (SIMMEL, 1983, p. 177).

As relações sociais aparecem como fator preponderante, responsáveis não apenas por influenciar suas escolhas de atividades de lazer, mas também por se fazerem presentes na maioria dessas atividades. O lazer está fortemente associado à vida em comunidade, à proximidade daqueles a que se estima ou que possuem alguma conexão conosco. O foco, por diversas vezes, parece não estar na atividade de lazer propriamente dita, mas, no fato de se estar na companhia dessas pessoas (BATINGA; PINTO, 2019).

As mulheres entendem que o lazer na comunidade está associado a um movimento, que pode ser qualquer ação causadora de atração pública, seja pequena ou grande, para quebrar a rotina do lugar, liberando e renovando qualquer medida de tensão que se possa ter, animando o local com circulação de pessoas, atrativos festivos, brincadeiras e assuntos novos para conversar, conforme trecho da fala de Irene e reafirmada pela participante Raimunda:

O lazer movimenta as pessoas, ele tira do seu EU, para participar na comunidade. [...] Então para mim ele é importante para tirar pessoas do seu do seu cantinho, para levar elas a se movimentar e a participar das coisas, mexer com as pessoas (Irene).

É para o movimento da própria comunidade, crescimento na própria comunidade. Porque não é só eu que vou... pra lá... você vai, sua família vai, um estar lá saudável, que seja saudável. Para que nem eu, nem você e nem outra pessoa se saia mal dali (Raimunda).

Essa vivência coletiva que o lazer traz para a comunidade acaba possibilitando um sentimento de harmonia. E esses momentos integrativos são a base da relação de lazer coletivo dentro da comunidade, pois há envolvimento com o território e a temporalidade, considerando os seus modos de vida e relações, entrelaçando o trabalho, a natureza, o conhecimento e a política (NEVES et al., 2015).

Os benefícios que o lazer pode proporcionar são sempre positivos na comunidade:

Ele ajuda a resgatar aqueles bons sentimentos, ajuda a gente ficar com mais energia para fazer o nosso trabalho rotineiro, ajuda a gente às vezes esquecer também aqueles estresses que às vezes dá de trabalho, dessas coisas... Aí resgata um pouco da nossa autoestima, eu acho que o lazer faz isso, faz com que a gente se renove, que a gente fique com autoestima e que a gente também se relacione, se integre dentro da comunidade que a haja integração, bom relacionamento (Maria Figueira).

Acho que seria mais de se relacionar com os outros. Às vezes acaba tendo muito grupinhos separado e se fosse uma coisa que ia acabar envolvendo, não todos, mas pelo menos a maioria, aí eu acho que as coisas mudariam de rumo (Socorro).

Na observação das participantes, entende-se que o lazer pode ter papel relevante na comunidade enquanto agente de sociabilidade, pois sua vivência possibilitada de forma ampliada, contribui ainda mais com a integração comunitária.

Percebe-se que o lazer na comunidade está diretamente relacionado às dinâmicas de sociabilidade, atuando como produtor de integração por meio de vivências lúdicas, de eventos festivos, de boa conversa e de brincadeiras. O lazer tem papel fundamental em vários outros fenômenos na comunidade, dialogando com a cultura, com a economia local e com a harmonia da comunidade, o que gera mais relações de amizade do que de inimizades.

4.3 Atividades sociopolíticas e a relação com o lazer

As atividades sociopolíticas realizadas pelas mulheres à frente da organização na comunidade não se configuraram como um tempo propriamente dito de obrigação, uma vez que elas aceitaram fazer parte de forma voluntária. Não se enquadram também como uma atividade de rotina, e podem não constituir em práticas com objetivo de lazer (STÊNICO E PAES, 2016). Para Elias e Dunning (1992) essas atividades são intermediárias de tempo que servem necessidades de formação, autossatisfação e autodesenvolvimento.

É evidente que essas atividades podem se constituir como um momento diferente da rotina no espaço da comunidade e ainda um momento de descontração, previstas pelas conversas e pelas brincadeiras que acontecem durante essas

atividades. Há também uma satisfação e prazer de dever cumprido, o que, para a participante Maria, pode misturar o lazer com essas atividades na comunidade:

Eu faço com muito gosto que às vezes eu também faço do trabalho um lazer, que eu também me entroso com as pessoas e a gente faz sempre com muita alegria, isso também eu acredito que seja meu lazer, quando a gente faz as coisas com amor (Maria Figueira).

A participante Maria Figueira também lembra do discurso de Ulysses Guimarães, no encerramento dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, afirmando que “o segredo da felicidade é fazer do seu dever um prazer”⁵⁰ (BRASIL, 1988, P. 14382). Ela fez referência a este discurso incluindo trabalho e lazer ao dizer que “a maior felicidade da vida é a gente fazer sempre do trabalho um lazer. Fazer um lazer dos nossos trabalhos, fazer com alegria se divertindo”, demonstrando que gosta do que faz e que trata o lazer como uma forma de prazer.

Nesse contexto, contrariando a dicotomia trabalho e lazer, pode-se entender que quanto mais o trabalho for criativo e prazeroso, mais acaba se tornando equivalente ao lazer: “o trabalho pode ser tão prazeroso que se torne equivalente ao lazer” (GAELZER, 2013. p. 66). Considerando as condições pessoais, entende-se que o que é trabalho para alguns pode ser lazer para outros, além do que a mesma atividade pode representar trabalho e lazer em momentos diferentes para a mesma pessoa, sempre dependendo da disposição e interesse do indivíduo.

Os trabalhos e coordenações de eventos nos espaços públicos permitem fugir da rotina diária e viver um momento integrativo com pessoas diversificadas. Nessa configuração, para algumas das mulheres da pesquisa, essas atividades podem ser lazer. Nesse ambiente não há culpa ou cobrança da família ou de amigos, no sentido de atribuir a elas responsabilidades domésticas ou atividades “próprias para mulheres”. Pelo contrário, elas vivem um momento de prazer e satisfação:

⁵⁰ Pronunciamento de encerramento dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte. Para a participante esse discurso de mais de 30 anos foi marcante, em especial esse trecho.

Eu já levo como lazer a reunião, o encontro de vizinhos, eu não tenho um lazer assim meu mesmo, dificilmente. De dizer que eu vou ter um dia de lazer pra sair com a família essas coisas, isso aí já é de menos pra mim, entendeu? Eu já acabo levando na esportiva assim, a questão do lazer comunitário. Até a dona Maria já me convidou pra ir naquele grupo, pra mim ainda não encontrei o tempo pra ir, que pra elas, elas fazem como lazer. Aquilo lá pra elas é uma diversão. Pra mim ainda não achei esse tempo não, não sei o que tá faltando pra encaixar, mas ainda não consegui. **Aí tipo assim, quando saio pra reunião, encontro de vizinhos e outra coisa, pra mim se torna até um lazer que saio da rotina de casa.** (Socorro. Grifo nosso).

Ao mesmo tempo que eu estava no sindicato, aí sim eu tinha lazer, porque lá a gente tinha momento de tá ali em grupo pra discutir as ações que eram feitas na época, mas aí depois a gente tinha o nosso lazer, ali eu tinha lazer na época. Na igreja eu vejo como o meu lazer, os sábados com as crianças no catecismo, pra mim é uma alegria tá lá com eles também (Vânia).

Para Dumazedier (1999), essa definição diz respeito à atitude de alguns nos comportamentos comuns a todos e confunde lazer e prazer, lazer e jogo. Para ele, a atividade sociopolítica está incluída no tempo livre do indivíduo, mas não pode ser entendida como uma atividade de lazer. Para Gomes (2014, p.12), o lazer pode e deve dialogar com o trabalho, “mas não de uma forma binária, que exclua outros fenômenos sociais”, pois, enquanto produção cultural humana, ele constitui, entre outras dimensões da vida social, relações dialógicas com a educação, com o trabalho, com a política, com a economia, com a linguagem e com a arte, sendo parte integrante e constitutiva de cada coletividade.

Na perspectiva de Stebbins (2014), trabalho e lazer não são totalmente separados, nem esferas totalmente antagônicas da vida moderna, podendo haver prazer qualitativamente em ambos os mundos, em que o enriquecimento pessoal e a autorrealização estão entre as recompensas primárias. Ele nos apresenta o termo “occupational devotion” que é caracterizado pela “forte ligação positiva a uma forma de trabalho, onde o sentimento de realização é grande” (STEBBINS, 2014, p. 44). A atividade principal tem um apelo tão intenso que a linha entre este trabalho e lazer são virtualmente apagados.

O objetivo principal não é o pagamento, mas sentir-se valorizado no que realiza. Nesse caso, “o trabalho está intimamente relacionado com prazer quando o ser humano pode utilizar a criatividade, a improvisação para realizar ou aprimorar suas atividades profissionais” (DIMATOS, 1999, p.73).

Nas atividades de coordenação, existem ainda momentos de descontração com as conversas espontâneas, com as brincadeiras e até mesmo com situações

excêntricas que podem render altas risadas por muitos dias. Duas amigas, que coordenavam os trabalhos comunitários na comunidade do Tucumatuba, ainda se divertem ao lembrar e contar seu momento, vivido como um grande entretenimento durante a ação:

Fomos fazer a limpeza do Tucumatuba. E nesse dia nós rimos muito porque primeiro, nós esquecemos a máquina, nós voltamos para buscar a máquina fotográfica para tirar foto das coisas, quando nós descemos ela [Maria Figueira] já tava [na canoa] e eu fui desmanchar a canoa pra gente sair. Eu só rodei, perdi o equilíbrio e rodei no pau, cai lá no chão, aí fui rolando igual uma saca para dentro d'água. Tá... levantei, desmanchei a canoa fomos embora. Na volta eu já vinha na polpa e ela na proa. Juntamos tudo, levei tudo para ela lá na frente, aí... – E o remo?. Eu volto para buscar o remo lá atrás, aí fiquei em pé no forro da canoa. Não tinha mais nada no forro da canoa, só eu com o remo na mão. Que quando eu vejo, deu uma maresiazinha, PAM! Eu vou para cá, eu vou para cá, eu vou para cá, que quando eu voltei para cá, eu: THOBOU! Dentro d'água (Irene).

Esse episódio lembra bem um contexto mimético em que as pessoas podem experimentar e representar uma variedade de emoções e sentimentos, nesse caso, do medo e riso, onde o riso transpôs-se ao medo, adquirindo uma tonalidade diferente para um momento sério (ELIAS; DUNNING, 1992).

Durante as ocasiões sérias das reuniões, dos trabalhos comunitários e de vários momentos de coordenação e organização, existem as contações de fatos verídicos de pessoas da comunidade que são transformadas em anedotas, além de muitas brincadeiras que geralmente têm um tom provocativo entre membros do grupo, mas que são motivos para gargalhadas. Nessas circunstâncias, observa-se que a brincadeira não tem hora e nem lugar para acontecer. Para Comerford (1999) mesmo que ela não seja associada ao lazer, é vinculada ao prazer, pois brincar é algo divertido e marca o prazer de estar junto. O brincante precisa saber o momento de brincar e de não brincar, o tom que vai modular estas brincadeiras e, sobretudo, com quem se deve e não se deve brincar.

O sujeito tem em sua essência cultural brincante a habilidade para elaborar, apreender e expressar significados. As brincadeiras vividas pelos sujeitos “estimulam os sentidos, exercitam o simbólico e exaltam as emoções, mesclando alegria e angústia, relaxamento e tensão, prazer e conflito, regozijo e frustração, liberdade e concessão, entrega, renúncia e deleite” (GOMES, 2014, p.13).

Ao relacionar o trabalho em espaços públicos e o lazer, é importante perceber algumas articulações e experiências que acompanham as mulheres desta

pesquisa em suas vivências. Mesmo que estejam em momentos/espços de lazer social, realizam articulações políticas, sociais e culturais com as pessoas que integram o mesmo ambiente, visto que são momentos de ampliação de relações políticas. Por outro lado, suas experiências de coordenação nos trabalhos em espaços públicos podem também ser empregadas na promoção de eventos de lazer.

As confraternizações, promoções esportivas, manhãs alegres e festas dançantes são articuladas com propósito de confraternizar entre o grupo/comunidade, mas também, muitas vezes, com intuito de angariar fundos para entidades que coordenam, com a intenção também de provocar a participação de um público de fora:

Promovemos um torneio lá no campo do Santa Rita, deu muita gente. Era uma promoção pra angariar fundos, mas também foi muito divertido [...] e já fizemos uma dança de um boi com a dona Maria (Vânia).

O que a gente mais fazia era com o Vagalume. Uma biblioteca junto com a escola, que a gente saía, fazia aquelas brincadeiras com criança, com os adultos na comunidade, a gente ia participar, um dia levar a leitura. A gente não levava só o livro, só a leitura, mas a gente levava todo tipo de brincadeira para participar com a comunidade (Irene).

Nós já fizemos duas vezes promoções, envolvendo futebol, envolvendo vendas de comidas, churrasco... e nos sentimos bem. [...] Além das promoções. Dezembro, a gente faz nossa confraternização, pra gente se reunir, dar mais incentivos aos associados. Mas não é querer se aparecer é um momento de confraternizar (Rosineide).

Nós já fizemos o projeto de danças com crianças, já fizemos outro projeto que o nome era a lição de vida que envolvia todas as coisas, da parte de lazer que entravam os jogos lúdicos, entrava a parte ambiental de plantar, de fazer arborização, de limpeza, tudo isso entrava no mesmo projeto, então foi esse projeto foi um projeto lindo que surtiu efeito. [...] Outra atividade que foi feita, foi com os idosos, que nós fizemos, que entrou danças, entrou exercícios, entrou palestras, entrou caminhada, várias coisas em que eles se sentiam bem e quebrava aquela rotina do dia a dia. Então eu acho que isso aí era um projeto que ajudou eles também fazerem um lazer, porque a gente passeava nas praias, a gente passeia ainda, faz excursão, passeios, faz danças, faz exercício, faz caminhada, palestras (Maria Figueira).

Embora seja evidente a realização de eventos e atividades na área do lazer, com ações educativas, esportivas, recreativas e até ambientais, que a maioria dessas mulheres promoveu ou ajudou a promover para o lazer, é preciso reconhecer que este não era pensado no campo da organização política como articulador de suas

vivências, nem se destacava como uma necessidade de intervenção política da organização comunitária.

Apesar de identificar sua ausência nas discussões políticas, emergiam outras situações. Ele sempre foi imperceptível como um problema social, acreditando-se que a iniciativa para planejar suas vivências deveria partir de grupos organizados e não da frente política da comunidade. Conforme é possível identificar nos trechos a seguir, o lazer não é o foco dos problemas:

No lazer comunidade não era. Até porque o nosso trabalho mesmo pedia isso, então a gente tinha que vir para as comunidades, pra região, realizar assembleias e colocar assuntos, que como sindicalista a gente trabalhava muito na questão da Amazônia, das queimadas essas coisas, das grilagens de terra (Vânia).

Na nossa cabeça não é preciso fazer projeto, ou estava na nossa cabeça, “não é preciso fazer projeto”, porque a gente achava assim: “tem espaço”. Antigamente não tinha espaços assim como tem agora, e as pessoas naquele tempo, mesmo não tendo espaço, não tendo conhecimento elas desenvolviam sem projetos. E por que então agora projeto? Aqui que é o nosso erro, porque o que está fazendo mais é talvez lamentando. Lamentando o que já aconteceu e o que já não acontece mais, cobrando das crianças, cobrando dos jovens, cobrando dos adultos, cobrando das pessoas, entendeu? (Delfim).

Essas pessoas entendem a importância do lazer na comunidade, mas parece que ele não apresenta tanta relevância social e evidente valor. Assim também acontece na pesquisa segundo Schwartz (2015), que acredita ser necessário que se amplie a visibilidade das pesquisas de lazer dentro de seus campos de estudos, bem como em outras áreas.

Contudo, para os coordenadores articularem e intervirem nas práticas de lazer na comunidade, é necessário incentivos que auxiliem tanto na condução de iniciativas quanto no reconhecimento do lazer com maior relevância social na comunidade. Além disso, uma política adequada pode incentivar a manutenção de mecanismos de solidariedade (GUTIERREZ, 2001). Porém, apesar das ideias para promovê-lo, não se sabe como iniciar nesse campo:

A gente já pensou muito e nunca nós colocamos em prática e a gente já falou muito... vamos dizer assim se na sexta-feira a gente fizesse, mesmo que fosse pra vender, mas também seria uma maneira da gente angariar um recurso se a gente fizesse um churrasco na praça e uma música na praça, nós já pensamos nisso e nós nunca colocamos em prática. Tipo uma seresta pras pessoas dançarem, na praça mesmo.

[...] O que eu acho que falta mesmo é um incentivo de alguém pra tomar essa iniciativa de lazer, porque da feita que botar, por exemplo isso da praça, se a gente bota, logo de início a gente vai encontrar dificuldade ou não vamos saber ou não vamos acreditar. Mas depois que a gente botar pra caminhar... (Vânia).

Muitas vezes, as reivindicações para organização de atividades culturais de lazer são exigidas mais das mulheres coordenadoras de Arapixuna, relacionando-as a estas ações. No entanto, o sistema político da comunidade como um todo precisa desse impulso para o lazer, pois alguns conceitos precisam ser esclarecidos, como o de desmitificar a visão da sociedade/comunidade, que não olha o lazer como política pública, podendo torná-lo invisível nos processos de articulação.

Diante dessas discussões sobre a relação do trabalho comunitário com o lazer, entendemos que existe uma reciprocidade. A participação das mulheres nas atividades sociopolíticas da organização comunitária apresenta um momento diferenciado de seu cotidiano intimamente relacionado com a satisfação em realizá-las. Dessa forma, essas atividades podem ser entendidas como uma ação que resulta no próprio lazer, pois, além da seriedade, também despertam sentimentos e emoções boas. Mais ainda, o entusiasmo dessas mulheres em provocar uma animação na comunidade com promoções de eventos resulta em momentos de lazer aos comunitários, mesmo que de forma inconsciente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação propôs uma reflexão das vivências de lazer na comunidade rural de Arapixuna, um contexto diferente pela questão da territorialidade comparado aos espaços urbano-industriais e pela grande presença de mulheres como coordenadoras no primeiro escalão da comunidade. Por isso, teve como objetivo apreender o sentido e o significado de lazer para estas mulheres que coordenam os espaços públicos sociais, políticos e/ou culturais na comunidade de Arapixuna.

Essa análise foi importante para perceber não apenas sobre o conceito de lazer, mas também a dimensão que esse fenômeno adquire na vida das mulheres que coordenam espaços públicos de Arapixuna, mediante seus papéis e responsabilidades sociais, bem como a configuração e relevância que o lazer assume na comunidade, uma vez que o espaço influencia nas vivências.

As vivências de lazer na comunidade são marcadas pelo espaço/tempo, onde se busca satisfação momentânea fora das ocupações do cotidiano; são marcadas também pelas interações de vizinhança e amizades, bem como pela relação com grupo de identificação e atividades ligadas à manifestação cultural local. Nesse cenário, percebi que a sociabilidade é uma característica marcante no lazer do espaço da pesquisa.

As mulheres que conheci pela pesquisa não desistem facilmente de viver o lazer e, apesar do muito trabalho com a família e comunidade e das responsabilidades domésticas presentes no seu dia a dia, procuram de alguma forma viver momentos de satisfação pessoal. Elas apresentam características muito comuns entre si, como o espírito da diversão e do altruísmo, pois gostam de realizar ações que beneficiem a comunidade.

Para essas mulheres, o sentido e significado de lazer mostra que ele é uma busca constante de prazer e satisfação momentânea, como forma de liberdade, emancipação e expressão, mostrando que o acesso às atividades deve ser democrático e não desprivilegiado em comparação à realização dos homens, pois existem muitas mulheres e grupos femininos que realizam práticas de lazer na comunidade, mesmo atravessando todas as barreiras de preconceitos e disponibilidade de tempo.

A participação feminina em atividades de lazer encontra-se no esporte com o grupo ativo no futebol, além de em atividades como ginástica, caminhadas, dança e

recreação. O lazer também se dá em grupos motivados pelas reuniões sociais de confraternização, pelos passeios e pelas rodas de conversas, em que prevalecem o relacionamento e a integração na comunidade. Outra motivação dentro destes grupos está na busca de saúde e qualidade de vida, como também na diversão, no descanso e distração, sempre com intuito de modificar as ações cotidianas.

O lazer nesse contexto não se associa à mera recuperação da força produtiva; vai além, em busca de uma vivência que renove as tensões, que dê emoção, prazer e satisfação. O que essas pessoas buscam é a qualidade de vida com saúde, um cotidiano com atividades dinâmicas e diversificadas, a integração amigável entre as pessoas e muita alegria para viverem em harmonia, desfrutando sempre de bons momentos. Essa característica do lazer está no sentido da sociabilidade, de causador de dinâmica do lugar. Além de emancipador, ele confere poder às mulheres para o enfrentamento das adversidades da vida e para a busca de um tempo e espaço só delas (SAMPAIO et al., 2014).

Durante as entrevistas da pesquisa, ficou evidente a reflexão dos participantes sobre o assunto lazer, pois nunca tinham se deparado com essas análises. Permitiram-se um discurso em que ele pode ser um fenômeno de transformação social e precisa contemplar todos os grupos da comunidade que sofrem com a ausência de atividades e com uma vivência ampliada e gratuita.

Conhecendo a realidade e refletindo sobre o lazer enquanto fenômeno sociocultural e direito garantido constitucionalmente, há que se pensar no alcance das políticas públicas de lazer nas áreas rurais. Tendo em vista a necessidade de um acesso equitativo a bens e produtos do lazer, tais políticas devem ser voltadas à democratização tanto para possibilitar outras vivências com alternativas de atividades de lazer quanto para a construção e ressignificação de espaços que permitam o encontro e as práticas dessas atividades.

Um grupo etário que necessita de ação imediata é o de idosos, que sofre bastante com ausência de atividades de lazer, visto que elas são resumidas a pequenas caminhadas, jardinagem, descanso, visita de amigos ou contemplação, ações que acabam se tornando rotina para esse grupo. Na comunidade, ainda é necessário intervenção de incentivos de lazer com auxílios técnicos na área da dança, do folclore e artesanato. Quanto ao futebol, é importante impulsioná-lo com instruções nessa área para promover-se mais competições amistosas e possibilitar apoio técnico e incentivos para competições em outros lugares.

Este estudo não teve a intenção de intervir no campo, mas não impede que a reflexão do papel do lazer dialogado no campo permita pensar novas práticas para a comunidade, pois é um elemento que pode contribuir para a sua dinâmica social, política, econômica e cultural.

Com espaços como igarapés, igapós, praias, espaços esportivos, praças, quintais e terrenos, ruas e outros lugares arborizados, pode-se pensar em alternativas para explorar e viver o lazer. Por outro lado, o lazer observado na comunidade também se constitui em um espaço de interação e articulação política, onde se estabelecem processos sutis de convencimento, seja para aprovação de encaminhamentos, seja para ampliar a participação das mulheres nas atividades sociais.

Não foi nossa intenção esgotar a discussão do tema em questão, mas instigar curiosidades que possam motivar novos estudos.

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ANJOS, Gabriele dos. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. **Cadernos Pagu** [online]. Campinas, n. 31, p. 509-534, dez. 2008. ISSN 1809-4449. Jan. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/PttNHkywzfhwGjb7LNrx5Cb/?lang=pt#>. Acesso em 30 de janeiro de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200021>.
- ARAUJO, Isabela Sousa; ROJO, Jeferson Roberto. REZANDO E BRINCANDO: análise das atividades recreativas realizadas em eventos religiosos. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 5, n.3, p. 19-31, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/611>. Acesso em 28 de agosto de 2020.
- AROSTEGUY, Agustín; GOMES, Christianne Luce. LAZER, TERRITÓRIO E POLÍTICA CULTURAL PÚBLICA: a noção de comunidade nos Pontos de Cultura/Cultura Viva. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p.1-20, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/20084/19604>. Acesso em 28 de agosto de 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BATINGA, Georgiana Lunga; PINTO, Marcelo de Rezende. Lazer?! Para mim?!... Consumo de lazer por mulheres de baixa renda. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 6, n. 3, p. 78-97, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/19394>. Acesso em 28 de agosto de 2020.
- BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA**. São Paulo, v. 31, n. spe, p. 97-126, ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000300006&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 22 de agosto de 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>.
- BERTH, Joice. **Emponderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis**. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: o limite da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **Diário da Assembleia Nacional Constituinte**, Brasília, ano II, n. 308, 05 de outubro de 1988, p. 14380-14382. Disponível em: <https://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/308anc05out1988.pdf#page=6>. Acesso em: 05 de janeiro de 2020. Discurso do deputado Ulysses Guimarães.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 07 de janeiro de 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.104 de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm. Acesso em 07 de janeiro de 2021.

CABEZA, Manuel Cuenca. O ócio autotélico. **Revista do centro de Pesquisa e formação, SESC**. São Paulo, n. 02, p.10-29, maio/2016. Disponível em: seccsp.org.br/cpf. Acesso em 16 de abril de 2019.

CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer**. 3ªed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANABARRO, Janaína Raquel dos Santos; SALVAGNI, Julice. Mulheres líderes: as desigualdades de gênero, carreira e família nas organizações de trabalho. **Revista de Gestão e Secretariado - GeSec**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 88-110, ago. 2015. ISSN 2178-9010. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/347>. Acesso em: 30 de janeiro de 2021. doi:<https://doi.org/10.7769/gesec.v6i2.347>.

CANTO, Pe. Sidney Augusto. **Cronologia eclesiástica da diocese de Santarém**. Santarém, PA: Gráfica e Editora Tiagão, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656>. Acesso em 03 de janeiro de 2018.

CAREL, Marion. Significação e argumentação. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, p. 02-20, fev. 2017. ISSN 1982-2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/8579>. Acesso em: 23 de março de 2021. doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v42i73.8579>.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; FERREIRA Liliana Soares. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. **Revista Iberoamericana de Educación**. N.º 55, pp. 205-223, 2011. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie55a09.pdf>. Acesso em 28 de março de 2021.

COSTA, Ivair da Silva. **Mitos amazônicos e defesa do meio ambiente: pressupostos ético-teológicos do potencial de defesa ecológica presente nos mitos ribeirinhos**. Santarém-PA: Gráfica e Editora Tiagão, 2006.

COSTA, Marli Marlene Moraes da; PORTO, Rosane Teresinha Carvalho. **Homens autores de violência de gênero e a justiça restaurativa enquanto política de prevenção ao feminicídio**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

CUNHA, Ana Cristina Cassani; SPANHOL, Carmem I. D'Agostini. Liderança feminina: características e importância à identidade da mulher. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, [S.l.], v. 4, n. 5, p. 91 - 114, abr. 2014. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/54>. Acesso em: 30 de junho de 2020.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIMATOS, Anna Maria Massad. **Prazer no trabalho**. 1999. 112 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, Santa Catarina, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/81337>. Acesso em 23 de março de 2021.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução Sílvia Mazza e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert; DUNNIG, Eric. **A BUSCA DA EXCITAÇÃO**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Tipografia Guerra, Viseu 1992.

FERREIRA, Marielle Cristina Gonçalves; TURA, Luiz Fernando Rangel; SILVA, Rafael Celestino da; FERREIRA, Márcia de Assunção. Programa Academia Carioca da Saúde: Cotidiano, lazer e saúde de idosos. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, e200084, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232020000600207&lng=en&nrm=iso. Acesso 05 de janeiro de 2021.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. JUVENTUDES E REDES SOCIAIS: interações e orientações educacionais. **Revista Exitus**. Santarém/PA, Vol. 9, N° 1, p. 202 - 231, JAN/MAR 2019. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7898059>. Acesso em: 05 de janeiro de 2021.

GABRIEL, Oldrey Patrick Bittencourt. Lazer e Religião: Algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2008. cap. 4, p. 63-103.

GAELZER, Lenea. **Coletânea de textos sobre recreação e lazer**. In: GOELLNER, Silvana Vilodre; MACEDO, Christiane Garcia (Org.). Porto Alegre: Centro de Memória da Escola de Educação Física da UFRGS: FUNDERGS, 2013.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Joscelyne. 13 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed., 13. reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Christianne Luce. Verbete Lúdico. **Dicionário crítico do lazer**. In: GOMES, C. L. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 141-146

GOMES, Christianne Luce. LAZER: NECESSIDADE HUMANA E DIMENSÃO DA CULTURA. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso dia 24 de julho de 2019.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GUTIERREZ, Gustavo; ALMEIDA, Marco Bettine de. Cultura e lazer: uma aproximação habermasiana. **Lua Nova**. São Paulo, n. 74, p. 93-130, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452008000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 18 julho de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452008000200005>.

GUTIERREZ, Gustavo. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas.html>. Acesso em 25 de janeiro de 2021.

LABEGALINI, Célia Maria Gomes; PREVIATO, Giselle Fernanda; DIAS, Geisieli Maria Sgrignoli; CARREIRA, Lígia; JAQUES, André Estevam; BALDISSERA, Vanessa Denardi Antoniassi. O lazer em rede social virtual: uma possibilidade de diálogo autêntico. **Esc. Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, e20170037, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452017000200209&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 5ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Cultura**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. cap. 1, p. 9-30

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e sociedade: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. cap. 1, p. 11-26.

MARQUES DE OLIVEIRA, Valéria; SATRIANO, Cecília Raquel. Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatórias. **Linhas Críticas** [en línea]. Brasília, v. 20, n. 42, p. 257-28, mai./ago. 2014. ISSN: 1516-4896. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193531778003>. Acesso 22 de Outubro de 2020.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Lazer e tempos livres, entre os ócios desejados e os negócios necessários. **Revista do centro de Pesquisa e formação, SESC**. São Paulo, n. 02, p.51-58, maio/2016. Disponível em: sescsp.org.br/cpf. Acesso em 16 de abril de 2019.

MELO, Victor Andrade de. Futebol, lazer e práticas lúdicas. **Cienc. Culto**. São Paulo, v. 66, n. 2, pág. 35-38, junho de 2014. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em 03 de janeiro de 2021.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política: uma introdução**. São Paulo, SP: Boitempo, 2014.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em 03 de janeiro de 2021.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no futebol - no campo e nas arquibancadas. **Anais V ENLAÇANDO SEXUALIDADES**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30644>. Acesso em: 03 de janeiro de 2021.

MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho; SCHWARTZ, Gisele Maria. *O Ambiente Virtual e o Lazer*. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Cultura**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. cap. 8, p. 149-170.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. Lazer e qualidade de vida: a corporeidade autônoma. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. cap. 1, p. 11-26.

MUNHOZ, Virna Carolina Carvalho. Verbete Ruas de Lazer. **Dicionário crítico do lazer**. In: GOMES, C. L. (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 203-207.

NEVES, Fabrícia M. das; DEBORTOLI, José A. O.; COSTA, Karla T. O.; SOARES, Khellen C. P. C.; ASSIS, S. C. **LAZER E ALTERIDADE: BUSCANDO APROXIMAÇÕES COM O CAMPO ANTROPOLÓGICO**. Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, COBRACE. VI Congresso internacional de Ciências do Esporte, CONICE. Brasil, Vitória, ES. Set/2015. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/7547/3714>. Acesso em 09 de agosto de 2019.

NUNES, R. R.; CHAVES, E. Lazer e Cultura: O Cotidiano da Comunidade dos Arturos. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 231-262, 2019. DOI: 10.35699/1981-3171.2019.12321. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/12321>. Acesso em: 30 de junho de 2020.

OLIVEIRA, J. A. de; SALES, C. de M. V. **Juventudes e as novas tecnologias da informação e comunicação**: tecendo encontros nas tramas das redes. Universidade Federal do Ceará – CE, 2012. Disponível em: <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-91.pdf>. Acesso em: 10 dezembro de 2020.

PINA, Luiz Wilson. OS EQUIPAMENTOS DE LAZER COMO CENÁRIOS DAS EXPERIÊNCIAS E DAS ATIVIDADES NO TEMPO LIVRE. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 52-69, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/560>. Acesso em 24 de julho de 2019.

PINHEIRO, Naira Leticia Giongo Mendes; SCHWENGBER, Maria Simone Vione; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. *Mulheres rurais: o deslocamento da atenção de ocupar-se de si no tempo de lazer para cuidar do outro*. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 30, n. 55, p. 58-74, julho/2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n55p58/37572>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

PINTO, Celi Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. **Rev. Sociol. Polit.** Curitiba, v.18, n. 36, p. 15-23, jun/2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 de outubro de 2020

PINTO, Miguel. **À sombra dos laranjais**: cultura cabocla. Santarém-PA: Instituto Boanerges Sena, 2000.

RHODEN, Ieda. Tempos escolhidos - tempos vividos. **Revista do centro de Pesquisa e formação, SESC**. São Paulo, n. 02, p.39-50, maio/2016. Disponível em: sescsp.org.br/cpf. Acesso em 16 de abril de 2019.

ROSA, Maria Cristina. As Festas e o Lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Cultura**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2007. cap. 10, p. 195-218.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Organização, tradução e apresentação de Milton Japiassu. 4ª ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1990.

SALIS, Viktor D. Ensaio de uma epistemologia do ócio. **Revista do centro de Pesquisa e formação, SESC**. São Paulo, n. 02, p.30-38, maio/2016. Disponível em: sescsp.org.br/cpf. Acesso em 16 de abril de 2019.

SAMPAIO, Tânia Maria Vieira. *Gênero e Lazer: um binômio instigante*. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2008. cap. 8, p. 139-154.

SAMPAIO, T. M. V.; SOUSA, I. R. C. de; PRAZERES, M. M. V. et al. *Projeto Lazer e cidadania na voz das mulheres: caminhos abertos*. In: SAMPAIO, Tânia Maria Vieira (org.). **Lazer e cidadania: partilha de tempo e espaço de afirmação da vida**. Brasília, DF: EdUCB, 2014. cap 1, p. 19-51.

SANTOS, Maria de Fatima Oliveira; GONÇALVES, Alana Mara Alves. *Futebol amador no "país de futebol": cadê as mulheres?* **Anais VI JOIN / Brasil - Portugal**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/57689>. Acesso em 03 de janeiro de 2021.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. **Felicidade, ainda que tardia: lazer e sociabilidade no grupo de idosos "Mensageiros da paz"**. 2019. 50 f. Monografia (Graduação em Antropologia) - Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAIE), Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17027>. Acesso em 05 de janeiro de 2021.

SANTOS, Milton. *O Espaço Geográfico como categoria filosófica*. **Revista Terra Livre**. São Paulo, n. 5, p. 9-20, 1988. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/67>. Acesso em 01 de novembro de 2020.

SILVA, Rogério Bonfim da. **O significado das palavras: uma ponte para os conteúdos de matemática**. 2019. 63 f. Dissertação (Mestrado em Matemática em Rede Nacional) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10192>. Acesso em 28 de março de 2021.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIQUEIRA, Andréa D. Mulheres, relações de gênero e tomadas de decisão em unidades domésticas caboclas do estuário amazônico. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (Orgs.). **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 261-276.

SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher. Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas. Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.), Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.). - São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

STEBBINS, Robert A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.42-56, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/433>. Acesso em 23 de março de 2021.

STÊNICO, J. A. de G.; PAES, M. S. P. Lazer: Do Tempo Livre à Dimensão Cultural e as Novas Formas de Alienação. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 327-355, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1205>. Acesso em 30 de junho de 2020.

SCHWARTZ, Gisele M. *Pesquisas sobre lazer: visibilidade e perspectivas*. In: GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (org.). **O Direito social ao lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

VALL, J.; SOUZA, A. M. A.; QUEIROZ, D. T. e; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: Conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista Enferm**, UERJ, Rio de Janeiro, 15(2): 276-283, abr/jun 2007. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2019.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. cap. 9, p. 121-132.

WEDIG, J. C.; WALLAU, A. S. DE; PADILHA, A. F.; SIMONETTI, A. L. Sociabilidade e Lazer entre Mulheres Camponesas. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 58-81, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/21784>. Acesso em 28 de agosto de 2020.

WERLE, Verônica. Relações entre lazer e saúde em tempos de cultura somática. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 5, n. 2, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/603/410>. Acesso em 07 de janeiro de 2021.

ZINGONI, Patrícia. *O lugar da família nas políticas de lazer*. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. cap. 5, p. 83-104.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: O lazer no cotidiano de mulheres e sua relação com a vida política/social em Arapixuna/Stm/PA.

Pesquisador Responsável: Irlanildes Maria Figueira da Silva. **Telefone:** (93) 99154-5122

Orientadora: Professora Dra. Edna Ferreira Coelho Galvão

Instituição a que pertence o Pesquisador: Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. **Telefone:** (93) 2101-7622 - Programa de Pós-graduação em ciências da Sociedade – PPGCS/UFOPA.

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos. R.G. _____

Você foi convidado a participar da pesquisa intitulada: “**O LAZER NO COTIDIANO DE MULHERES E SUA RELAÇÃO COM A VIDA POLÍTICA/SOCIAL EM ARAPIXUNA/STM/PA**” de responsabilidade da pesquisadora Irlanildes Maria Figueira da Silva, cujo objetivo principal foi apreender o sentido e o significado de lazer para mulheres que coordenam os espaços públicos sociais, políticos e/ou culturais na comunidade de Arapixuna.

Este estudo seguiu os princípios da observação participante com apoio de registros de imagens dos espaços e das atividades de lazer, gravação de áudio e registro em diário de campo, em que você esteve envolvido em contato direto com a pesquisadora em uma relação de respeito efetivo. Você participou de uma entrevista interativa e em profundidade com gravação de áudio, respondendo sobre sua percepção de lazer, organização comunitária e demais aspectos relevantes para o estudo.

Ao participar desta pesquisa você pode ter sentido possíveis desconfortos ou constrangimentos diante da observação participante ou das entrevistas, podendo ter dificuldades em expressar suas ideias; ou ainda ter tido sentimentos de medo ou receio diante de possíveis julgamentos, recriminações ou preconceitos. Para amenizar estes riscos foram realizados no decorrer da pesquisa encontros para esclarecer seus objetivos e procedimentos e ao mesmo tempo estabelecer uma relação de aproximação, respeito e confiança mútua a fim de garantir liberdade para expressar possíveis desconfortos ou constrangimentos com a pesquisadora, sentindo-se à vontade para dar sua opinião, onde também você pode se recusar de integrar esta pesquisa deixando de assinar este termo, pois é garantido liberdade para deixar de participar do estudo sem represálias ou qualquer prejuízo. É também garantido seu anonimato e a preservação de sua imagem, pois nossa intenção nesta pesquisa não foi fazer juízos de valor, mas promover a pesquisa científica com respeito, responsabilidade e ética. Se ainda assim, você desistir de sua participação neste estudo, todos os seus dados obtidos até o momento serão destruídos, bastando para isso informar os responsáveis desta pesquisa.

Vale lembrar que as informações obtidas ao longo da pesquisa não serão utilizadas para outro fim, se não para produção da pesquisa científica. Todo o material coletado será arquivado em local seguro durante cinco anos e não será utilizado para outro fim sem sua devida autorização. Após este período, o material será queimado para evitar que outras pessoas tenham acesso ao conteúdo.

As informações obtidas através deste estudo serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação se assim desejar. Caso deseje ainda, também os dados obtidos não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Por outro lado, se você fizer questão de ter sua identidade reconhecida por conta do tipo de pesquisa que se propõe este estudo, deverá também assinar outro termo que autorize esse processo. É garantido que antes da defesa da dissertação a produção final do trabalho será apresentada aos participantes como forma de restituir a comunidades/participantes com os resultados do estudo.

Os maiores benefícios da pesquisa são de conhecer o fenômeno do lazer na relação com a mulher dentro da configuração de uma comunidade com forte presença feminina nas organizações sócio-políticas comunitárias e fazê-las sentirem-se importante mediante seus papéis sociais, de estender o conceito do lazer da perspectiva acadêmica para o senso comum da comunidade, além de incentivar políticas para contribuir com as práticas de lazer local. No entanto, deixamos claro que somente ao final do trabalho é que poderemos tirar conclusões definitivas a respeito dos benefícios.

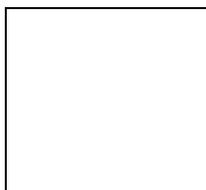
Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, sendo esta: Irlanildes Maria Figueira da Silva, aluna do curso de mestrado em ciências da sociedade da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA- Campus Amazônia de Santarém e pode ser encontrada na Rua Pe Felipe Bettendorf, 2058, no bairro do Santo André, fone (93)91545122. E você pode tirar suas dúvidas sobre a pesquisa de sua participação a qualquer momento.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) do Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES). O CEP constitui um colegiado de especialistas com diferentes formações e com experiência em pesquisa, além de um representante da sociedade organizada. Sua função é avaliar os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos para não apresentar riscos potenciais aos participantes. Este CEP fica no endereço: av. Deputado Icoaraci Nunes, 3344, bairro do Caranazal, Santarem-Pa, cep: 68040-100. E qualquer dúvida pode ser também contatada por você pelo endereço eletrônico cep@iespes.edu.br ou pelo telefone (93)3529-1763.

Este trabalho será realizado com recursos próprios da autora não tendo financiamento ou coparticipação de nenhuma instituição de pesquisa. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo e também não haverá nenhum pagamento por sua participação, entretanto, caso você tenha algum custo decorrente da sua participação, esse valor será ressarcido pelos responsáveis pela pesquisa.

Arapixuna, Santarém - PA, _____ de _____ de _____

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter compreendido a pesquisa em questão e concordei em participar, como voluntário.



Digital (caso de impossibilidade de assinar)

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA IDENTIFICAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO

Nome: _____ RG.: _____

Telefone: () _____ Endereço: _____

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo a identificação da minha pessoa neste estudo, em caráter definitivo e gratuito, decorrentes da minha participação na pesquisa da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, a seguir discriminado:

Programa: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade - PPGCS

Título do projeto: O LAZER NO COTIDIANO DE MULHERES E SUA RELAÇÃO COM A VIDA POLÍTICA/SOCIAL EM ARAPIXUNA/STM/PA

Pesquisadora: Irlanildes Maria Figueira da Silva

Endereço da pesquisadora: R. Pe. Felipe Bettendorf, 2058 – Bairro Santo André. Santarém-PA

Telefone: (93) 99154-5122

Orientadora: Profa. Dra. Edna Ferreira Coelho Galvão

Curso: Mestrado em Ciências da Sociedade – UFOPA

Objetivo principal:

Aprender o sentido e o significado de lazer para mulheres que coordenam os espaços públicos sociais, políticos e/ou culturais na comunidade de Arapixuna.

Poderei ser identificado nos relatórios parcial e final do referido projeto, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, fazendo-se constar o devido reconhecimento e créditos como participante nos resultados desta pesquisa.

Compreendo que este termo de autorização só poderá ser assinado mediante assinatura prévia do termo de conhecimento livre e esclarecido – TCLE e depois dos devidos esclarecimentos sobre riscos e benefícios da pesquisa em que participei.

Foi esclarecido que antes da defesa da dissertação será apresentada a produção final do trabalho aos participantes, como forma de apresentar sua participação na pesquisa e de restituir a comunidades/participantes com os resultados do estudo. Além disso, que terei cópia desta autorização para estar ciente do que foi esclarecido.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha identificação neste estudo.

Arapixuna, Santarém - PA, _____ de _____ de _____.

Assinatura



Digital (caso de impossibilidade de assinar)

APÊNDICE C – EIXOS NORTEADORES DA ENTREVISTA DA PESQUISA

1. Identificação

Nome: _____

Idade: _____ Ocupação social: _____

2. Eixos de entrevista em profundidade

Eixo 1 – contexto de vivência pessoal do lazer:

Gostaria que você me falasse sobre o lazer em sua vida: seu significado, como ele acontece, o tempo que você tem para o lazer, que atividades você desenvolve em seu tempo de lazer, se o lazer faz falta em sua vida, e a importância dele para você.

Eixo 2 – Relação do trabalho comunitário e o lazer:

Gostaria que você me falasse do seu trabalho na comunidade: o que você faz, o tempo que se dedica a ele, o problema que você enfrenta, se já desenvolveu ou propôs projetos/atividades de lazer para a comunidade, se o lazer na comunidade é uma preocupação e se é importante, a importância/papel do lazer.

Eixo 3 – Questões sócio-políticas e o lazer:

Gostaria que me falasse como é ser mulher à frente dos espaços públicos na comunidade: se você sofre resistência, se há resistência, se você percebe/ sente preconceitos contra as mulheres no âmbito do lazer, que mudanças ocorreram pra você que permitiram as mulheres se tornarem protagonistas na liderança comunitária?

Pesquisadora: Irlanildes Maria Figueira da Silva, aluna em mestrado em ciências da sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Ferreira Coelho Galvão

ANEXOS

Anexo A – Agência do Distrito de Arapixuna



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Anexo B – Escola da comunidade de Arapixuna – EMEIF Sant’Ana



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Anexo C – Praça do centenário e salão paroquial da comunidade



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)



Fonte: Pesquisa direta, registro da autora (2020)

Anexo D – Participante da pesquisa, Manuel Delfim



Fonte: Arquivo e registro do participante Manuel Delfim (2020)

Anexo E – Declaração de aceite da comunidade

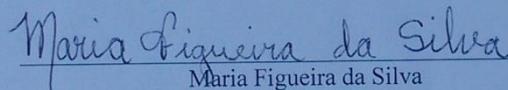
CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE ARAPIXUNA – CODESCA
CNPJ: 08.903.872/0001-16 CEP: 68128-000 Arapixuna, Santarém-Pará

DECLARAÇÃO

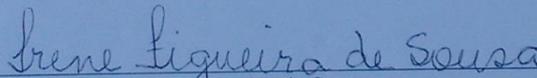
Declaramos em nome do Distrito e da comunidade de Arapixuna ter conhecimento do Projeto de Pesquisa intitulado “**O LAZER NO COTIDIANO DE MULHERES E SUA RELAÇÃO COM A VIDA POLÍTICA/SOCIAL EM ARAPIXUNA/STM/PA**”, de autoria de Irlanildes Maria Figueira da Silva, do curso de mestrado em ciências da sociedade vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade da Universidade Federal do Oeste do Para - UFOPA, dando-lhe consentimento para realizar o trabalho nesta região e produzir dados durante o período preestabelecido pelo cronograma.

Estamos também cientes e concordamos com a publicação dos resultados encontrados, sendo obrigatório citar na publicação, além do nome da UFOPA, o nome de Arapixuna como locais de realização do trabalho.

Arapixuna-Santarém - Pará, 07 de Agosto de 2019.



Maria Figueira da Silva
Agente distrital de Arapixuna
Fone: (93) 99227-2555



Irene Figueira de Sousa
Presidente da comunidade de Arapixuna